



Universidade do Minho
Escola de Arquitectura

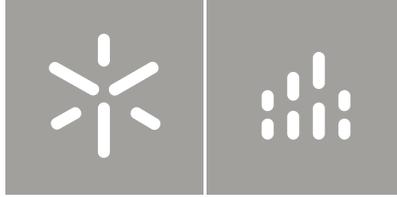
André da Costa Castanho Correia
Cultura da Desintegração:
Representações do Litoral Norte de Viana do Castelo vol.II

André da Costa Castanho Correia

Cultura da Desintegração:
Representações do Litoral Norte de Viana do Castelo
volume II

UMinho | 2013

Julho de 2013



Universidade do Minho
Escola de Arquitectura

André da Costa Castanho Correia

Cultura da Desintegração:
Representações do Litoral Norte de Viana do Castelo
volume II

Tese de Mestrado
Arquitectura: Cidade e Território

Trabalho efectuado sob a orientação do
Prof. Arq. Cidália Ferreira Silva

AGRADECIMENTOS

No que respeita à concretização e resolução deste trabalho, quero começar por agradecer toda a informação e material disponibilizado à Associação Ao Norte, ao Dr. Maranhão Peixoto e Arquivo Municipal de Viana do Castelo, à Junta da Freguesia de Carreço e à Junta da Freguesia de Areosa e ao Sr. António Viana.

Agradeço à professora Cidália Silva, que foi sempre mais do que um orientador, permitindo um envolvimento único com o território e com a paisagem, sendo também uma inesgotável fonte de informação e troca de ideias.

Quero agradecer à minha família, os meus pais e ao meu irmão pelo incentivo e força constantes, assim como pelas oportunidades que criaram para a concretização deste trabalho.

Quero agradecer à Alexandra por me ter acompanhado, passo a passo, ao longo deste percurso.

RESUMO

Cultura da Desintegração é uma metáfora que descreve as transformações ocorridas numa amostra específica do Litoral Norte de Viana do Castelo. O abandono das estruturas e territórios agrícolas são traduzidos em *Desintegração*, enquanto instrumento de um *olhar específico* sobre um território específico.

Reconhecendo que o território atual, e a amostra, são resultado de várias *inscrições e transcrições* ao longo do tempo, propomos desenvolver um exercício de representação e interpretação que se baseia em sucessivos levantamentos *in situ* e na construção de *Mapas e Fotografias da Desintegração*. Estes conteúdos são as formas de expressão de uma linguagem alternativa que procura a crítica atualizada através um envolvimento físico e do enraizamento temporal.

Mapas e Fotografias são apresentados em função de três processos, *Processos da Desintegração* que aludem a três diferentes formas de intervenção humana nos ciclos da *Desintegração*: *Enxertar, Adubar e Semear*. Destes processos realçamos diferentes níveis que relacionam o território e a *Desintegração* com a sociedade e o indivíduo que os molda.

Em *Enxertar* damos visibilidade às transformações ocorridas sobretudo na encosta da amostra e derivadas da expansão urbana da cidade de Viana. Identificamos os componentes da enxertia, o *Cavalo* e o *Ramo*, e duas técnicas distintas, a *Enxertia de Garfo* e a *Enxertia de Placa*. Estas situações questionam a adaptação e integração dos novos modelos construtivos, sucessoras da expansão urbana, com a matriz de pré-existência rural. Na maioria nos casos, esta relação estabelece-se mediante regimes severos de supressão e fissuração da matriz, resultando em construções heterogéneas que fazem tábua-rasa da realidade que vão integrar.

No segundo processo, *Adubar*, aludimos aos à desintegração da orla e das atividades costeiras como instigadoras da *Desintegração*. Neste sentido estabelecemos um percurso que pretende analisar três formas de adubação: *Adubação Foliar*, como uma forma de adubação superficial; a *Adubação Fracionada*, que implica regimes periódicos de intervenção; e a *Adubação de Fundo*, respetiva à pré-emergência da cultura e adubação do solo lavrado. Neste âmbito enunciamos as práticas de apropriação que marcam a orla na atualidade, entre o depósito de lixos e a construção de campos de futebol. Reconstruímos uma vez mais a matriz pré-existente, para ilustrar uma situação de equilíbrio entre população e território.

Finalizamos com *Semear*. Neste âmbito apontamos para a desintegração da veiga e os três níveis que enunciamos são: a *Sementeira*, o *Semeador* e a *Semente*. Neste *Processo* começamos por incidir na desintegração da estrutura fundiária. A investigação em torno da estrutura parcelar minifundiária demonstra como a questão da propriedade condicionou a modernização das pequenas unidades de exploração agrícola. Da profunda ruralidade que caracterizou a amostra durante todo o Estado Novo, emergiu a necessidade urgente de integração nos mercados globais e nas políticas comunitárias (PAC). A situação atual desenha um abismo entre os programas e fundos políticos investidos e propagandeados e a generalização de parcelas abandonadas, ou sem expressividade produtiva. No cerne da questão reside o regime de propriedade, que sustenta e sustentou a obtenção de lucros a partir da simples posse de terra cultivável.

Por fim, concluímos com *Respigar*, enquanto formulamos e apresentamos a sínteses respetivas à *Desintegração* do Litoral Norte de Viana do Castelo. Este último capítulo refere-se à nossa intervenção na *Cultura*, que através da *respiga* de dados concretos e experiência construiu uma instância crítica e, possivelmente, operativa para o reconhecimento deste território.

ABSTRACT

Disintegration Culture is a metaphor meant to describe the changes occurring in a specific sample of the North Coast of Viana do Castelo. The abandonment of the agricultural structures and areas are translated into *Disintegration*, as a tool for a *specific look* over a specific territory.

Recognizing that the current territory, and its sample, are the result of several *inscriptions* and *transcripts* over time, we develop an exercise of representation and interpretation, based on successive *in-situ* surveys and in the construction of *Maps* and *Photographs of Disintegration*. These contents are forms of expression for an alternative language that seeks for updated critical involvement, through a physical and temporal rooting.

Maps and *Fotographies* are presented in three processes, *Processes of Disintegration* allude to three different forms of human intervention in the cycles of *Disintegration* and consequently in the territory: *Grafting*, *Composting* and *Sowing*. These *Processes* emphasize different levels that relate the territory and culture with society and the individual expression that changes it.

On *Grafting*, we give visibility to the changes occurred mainly on the slope of the sample and derived from the expansion of Viana do Castelo. We identify the components of *Grafting*, the *Horse* and the *Branch*, and two different techniques, the Fork Graft' and Plate Graft. These situations challenge the adaptation and integration of new models of building, successors of urban expansion, with the pre-existence rural pattern. In most of these cases, this relation is established through severe strategies of removing and cracking the pre-existent pattern, which results in heterogeneous structures making tabula-rasa of the reality that they will integrate.

In the second process, *Composting*, refers to the *Disintegration* of the waterfront and of coastal activities as instigators of the *Disintegration* itself. In this sense, we establish a path that leads to the analyzes of three different composting applications: the *Foliar Composting*, as a form of surface fertilization; the *Fractionated Composting*, which involves periodic intervention regimes, and the *Fund Composting*, which is respective to the pre-emergence of the culture and the tilled soil. Within this, we state practices of appropriation that nowadays mark the waterfront, between waste deposits and the construction of a sports field. Once again we reconstruct the pre-existing pattern to illustrate a balanced situation between population and territory.

We end with *Sowing*. In this content, we point to the *Disintegration* of the plain and the three levels enunciated are: the *Sow*, the *Sower* and the *Seed*. With this process we look for the disintegration of the agricultural structure. The research around the parcel structure demonstrates how the issue of ownership conditioned the modernization of small farm units. From the deep rurality that characterized that sample during Estado Novo, emerged the necessity of urgent integration in the global markets and in Community politics (PAC). The current situation draws an abyss between the political programs advertized and funds invested with the generalization of the abandoned parcels. In the center of this question is the property regime, which still sustains monetary profits over the simple ownership of cultivable land.

Finally, we conclude with *Gleaning* while formulate and present the respective syntheses to *Disintegration* of the North Coast of Viana do Castelo. This last chapter refers to our intervention in the *Culture*, which through the process of gleaning concrete data and physical experiences, built a critical instance and, possibly, operative for the recognition of this territory.

ÍNDICE

[volume I]

O LITORAL NORTE DE VIANA DO CASTELO: FOTOGRAFIAS DA DESINTEGRAÇÃO

- Parte I: A Encosta legenda (pág. 9, 11)
- Parte II: A Orla legenda (pág. 51, 53)
- Parte III: A Veiga legenda (pág. 81, 83)
- Anexo I: Folhas de Contacto (pág. 111)

[volume II]

1. CULTURA DA DESINTEGRAÇÃO (pág.9)

2. LUGARES E ÍNDICES DA DESINTEGRAÇÃO (pág.17)

- 2.1 Aproximações Relativas: Olhar Específico (pág.20)
- 2.2 Lugares: Litoral Norte de Viana do Castelo e Desintegração da Veiga (pág.23)
- 2.3 Índices: Despojos e Outras Ruínas (pág.32)

3. PROCESSOS DA DESINTEGRAÇÃO (pág.49)

Quadro de fotografias síntese (pág. 50-51)

3.1. ENXERTAR (pág.57)

- 3.1.1. Cavalo e Ramo (pág.61), Mapa II (pág.65) Mapa III (pág.66)
- 3.1.2. Enxertia de Garfo (pág.70), Mapa IV (pág.73) Mapa V (pág.71)
- 3.1.3. Enxertia de Placa (pág.75), Mapa VI (pág.77) Mapa VII (pág.79)

3.2. Adubar (pág.81)

- 3.2.1. Adubação Foliar (pág.84), Mapa VIII (pág.86)
- 3.2.2. Adubação Fracionada (pág.88), Mapa IX (pág.87)
- 3.2.2. Adubação de Fundo (pág.90), Mapa X (pág.92) Mapa XI (pág.93)

3.3. Semear (pág.97)

- 3.3.1. Sementeira (pág.100), Mapa XII (pág.103)
- 3.3.2. Semeador (pág.102), Mapa XIII (pág.105) Mapa XIV (pág.107)
- 3.3.3. Semente (pág. 110); Mapa XV (pág.109)

4. RESPIGAR A DESINTEGRAÇÃO (pág.115)

Fotografia Síntese (pág.116)
Mapa XVI: Síntese (pág.119)

BIBLIOGRAFIA (pág.125)

ANEXO II (pág.131)

- 1. Glossário da Desintegração (pág.132)
- 2. Carta Militar de 1949 (pág.134)
- 3. Carta Militar de 1979 (pág.135)
- 4. Ficha Técnica das Fotografias Antigas (pág.136)

CULTURA DA DESINTEGRAÇÃO

[...] Esses gadelhudos Jacintões, que nas suas altas terras de Tormes, de volta de Bater o mouro no Salado ou o castelhado em Valverde, nem mesmo despiam as fuscas armaduras para lavrar as suas chãs e amarrar a vide ao olmo, edificando o Reino com a lança e com a enxada, ambas tão rude e rijas. E agora, ali estava aquele último Jacinto, um Jacintículo, com a macia pele embebida em aromas, a curta alma enrodilhada em Filosofias, travando e suspirando baixinho na miúda indecisão de viver.¹

1. CULTURA DA DESINTEGRAÇÃO

Cultura da Desintegração é uma reflexão em torno da condição atual de uma amostra integrante do território do Litoral Norte de Viana do Castelo. A tradição e devoção agrícola que caracterizou a generalidade dos seus espaços, e que definiu, durante séculos, as suas comunidades rurais, encontrou um período de rutura em meados do século XX no qual se iniciou um progressivo abandonar das terras de cultivo.

No sentido de perceber o impacto material no território da tradição mas, sobretudo, do abandono agrícola no território contemporâneo, desenvolvemos um exercício de representação e interpretação que pretende ser uma base sob a qual a arquitetura possa operar. Para tal reunimos e organizamos um conjunto de documentos e experiências que procuram uma aproximação às questões atuais dos espaços do Litoral Norte de Viana e que, no nosso ponto de vista, se centram na desintegração e ruína das estruturas agrícolas.

Cultura da Desintegração é, neste sentido, uma metáfora que pretende aludir às manifestações nas áreas agrícolas em função do seu abandono e da secessão da agricultura. Numa alusão mais direta ao território investigado poderíamos ter optado por investigar, por exemplo, a ‘cultura da batata’, a ‘cultura da cebola’ ou a ‘cultura do milho’, ambas cultivadas nos terrenos do Litoral Norte de Viana, contudo concentramo-nos nas matérias que correspondem à *Desintegração*. A *Desintegração*, que no seu significado mais canónico expressa uma ideia desvanecimento

¹ QUEIRÓS, Eça de; *A Cidade e as Serras*; ed. Ulisseia [6ª edição], Braga, 2001. (original de 1901).

ou desconstrução espontânea, simboliza, no âmbito desta pesquisa, o oposto: *Cultura da Desintegração* é uma construção planeada num espaço em negativo, entre o território físico e o imaginário coletivo, do Litoral Norte de Viana transformado pelo abandono agrícola.

A *Cultura da Desintegração* é uma cultura que poder ser encontrada em vários territórios onde existe a pré-existência vocacional para a agricultura, mas que *produz* as suas formas específicas de manifestação no Litoral Norte de Viana do Castelo.

A imagem 01 na página ao lado apresenta o *Mapa Zero da Desintegração*. Este mapa foi realizado em Março de 2012 sobre um ortofotomapa da área de estudo montado e impresso a partir do *Google Maps* (com fotografias satélite de 2011). O mapa apresenta o levantamento do estado de conservação das parcelas agrícolas da veiga², uma planície de terrenos de cultivo integrada na Reserva Agrícola Nacional (RAN).³ Esta área em particular apresenta uma contradição visível aos atributos da RAN pela quantidade de parcelas consumidas pelo mato, apresentando uma consequência direta do abandono agrícola.

Para nos ajudar a perceber alguns processos implícitos à transformação do território, e à desintegração de paisagens manipuladas ou construídas, fora do nosso contexto, recorreremos de uma base de conhecimento relativa ao trabalho de quatro artistas/fotógrafos: *Walker Evans, Bernd e Hilla Becher e Robert Smithson*. Os trabalhos destes artistas concentram, no nosso ponto de vista, representações essenciais à compreensão de períodos de rutura específicos dos quais resultam diversas construções de *Desintegração*. Sobre estas representações recai ainda uma tentativa analítica, direcionada para o entendimento de objetos e formas comuns do quotidiano em desintegração, e de interpretação das próprias sociedades que moldam os espaços e objetos representados. Estes trabalhos catalisaram a nossa investigação e direcionaram o nosso olhar na procura das especificidades da *Desintegração* no Litoral Norte de Viana.

² “veiga: terreno fértil e plano junto a cursos de água” SAMOUCO, Ramiro; *Dicionário de Agronomia*, Plátano Editora, Lisboa, 1998.

³ “A Reserva Agrícola Nacional (RAN) define-se como o conjunto de terras que, em virtude das suas características, em termos agroclimáticos, geo-morfológicos e pedológicos, apresentam maior aptidão para a atividade agrícola. Assim, a RAN é um instrumento de gestão territorial, que se consubstancia numa restrição de utilidade pública, pelo estabelecimento de um conjunto de condicionamentos à utilização não agrícola do solo, e que desempenha um papel fundamental na preservação do recurso solo e a sua afetação à agricultura.” <http://www.dgadr.mamaot.pt/ambord/reserva-agricola-nacional-ran> (consultado em 20 de Julho de 2013 às 22:28 horas.)

Estas predisposições e inquietações iniciais fizeram sobressair, nos objetivos da pesquisa, a procura pelo desenvolvimento da análise e demarcação da linguagem representativa. É neste sentido que abdicamos de uma intervenção física ou manipulativa dos espaços e procuramos o desenvolvimento de uma linguagem de expressão alternativas à caracterização deste território em específico. Dentro desta linguagem recorreremos do auxílio à interpretação cartográfica, que elaboramos e apresentamos enquanto *Mapas da Desintegração*, e da concretização fotográfica, que apresentamos no *volume I* e que denominamos de *Fotografias da Desintegração*. *Mapas* e *Fotografias* surgem como instrumentos de investigação e formas de expressão, numa tentativa de cruzar as várias escalas inerentes ao território do Litoral Norte.

Como se apresenta então a *Desintegração* enquanto cultura 'produtiva'? Que formas, e de que forma, o território e a paisagem do *Litoral Norte de Viana* são manipulados por esta 'cultura'?

O abandono agrícola, tendo a agricultura definido a vocação deste território durante séculos, tem como consequências imediatas a ruína das estruturas que possibilitam a atividade. *Abandonar*, contudo, serve para categorizar de forma muito generalista os diversos móveis que conduziram à não produtividade. Por outro lado, a *Desintegração*, procura construir um raciocínio onde o *abandono* é induzido através da seleção e sistematização de documentos que respeitam os levantamentos *in situ*, as concretizações cartográficas e fotográficas, a investigação teórica no campo da arquitetura, da sociologia e da história, a investigação literária e algumas conversas menos formais com habitantes do lugar.

Estes conteúdos são organizados, em primeiro lugar, pelo nosso *olhar específico*, a *Cultura da Desintegração*, e em segundo, conforme apresentamos neste volume, pelos *Processos da Desintegração*. Os *Processos da Desintegração* são ações pontuais em regimes de influência contínua que evidenciam um envolvimento particular do *individuo* com a *Desintegração*, ou seja, são intervenções humanas no território, através de técnicas e instrumentos precisos, que o transformam, desencadeando uma série de fenómenos.

Neste exercício referimos três dessas ações: *Enxertar, Adubar e Semear*.

Iniciamos com *Enxertar* onde pretendemos dar a conhecer diferentes técnicas de mistura de espécies e união artificial de organismos como forma de propagação e produção de *Desintegração*. Começamos por descrever os compostos da enxertia, *Cavalo* e *Ramo*, e enunciamos as manifestações e conflitos derivados de duas técnicas específicas a *Enxertia de Garfo* e *Enxertia de Placa*.

Em segundo lugar enunciamos o processo de *Adubar a Desintegração*, onde descrevemos diferentes processos de adubação, *Adubação Foliar*, *Adubação Fracionada* e *Adubação de Fundo*, que diferenciam períodos, intervenientes e formas de aplicação.

Finalizamos o capítulo com *Semear*. Inicialmente descrevemos a *Sementeira*, ou espaço que vai ser semeado, seguimos com a caracterização do indivíduo que exerce a ação na *Sementeira*, o *Semeador*. Por fim descrevemos as formas de ‘embrião’ da *Desintegração*, a *Semente*, de origem orgânica ou laboratorial.

O presente trabalho inicia com um volume dedicado exclusivamente ao material fotográfico que elaboramos ao longo da pesquisa, as *Fotografias da Desintegração*, e que pretendem ‘tocar e operar sobre as matérias correspondentes aos e decorrentes dos *Processos de Desintegração*.’⁴ Neste volume abdicamos da expressão escrita em função da preponderância fotográfica com o objetivo de procurar uma concentração essencial no conteúdo das imagens. Através das legendas, que enunciam data de concretização e lugar, dispomos também uma designação específica de cada *Processo da Desintegração*. Da mesma forma, selecionamos três fotografias que sintetizam cada *Processo* e que dispomos neste volume com uma legenda descritiva.

A necessidade de destacar um volume apenas com fotografias deriva de uma vontade de explorar a organização das fotografias em função das formas e matérias físicas que lhe são contiguas, subvertendo assim a ordem infligimos da descrição dos próprios *Processos de Desintegração*, estando contudo relacionadas com a sua localização geográfica: mar, veiga e monte.

⁴ Sugestão de alteração pela arguência realizada a 3 de Abril de 2013 aquando apresentação e defesa do trabalho pelo Prof. Francisco Ferreira, Escola de Arquitectura da Universidade do Minho.



02. Recolha de matérias na orla costeira da amostra. Cordas oriundas das atividades pesqueiras decorrentes ao largo da costa atlântica e depositadas pelo mar nos espaços da orla. Fotografámos (fotografias 50 a 56 do *volume I*) estas cordas nos locais onde as encontrámos e seguidamente recolhemo-las e etiquetamo-las como prova da nossa passagem por aqueles espaços.

No volume II começamos por descrever os *Lugares e Índices da Desintegração* onde pretendemos enunciar as inquietações e os catalisadores que incitaram e enquadraram a pesquisa. Começamos pela descrição dos *Lugares* e da amostra selecionada para referir os pontos da sua condição atual que nos conduziram até à identificação da *Cultura da Desintegração*. Na descrição dos *Índices* identificamos alguns trabalhos de Walker Evans, Bernd e Hilla Becher e Robert Smithson onde encontramos a abordagem a territórios e paisagens manipuladas pela *Desintegração*. Acompanhamos estes textos com algumas imagens que recolhemos relativas à amostra, como cartas militares e fotografias antigas, e outras relativas ao trabalho dos artistas/fotógrafos.

Seguimos com os capítulos correspondentes aos *Processos da Desintegração* onde expomos as considerações e matérias de representação elaboradas. Em paralelo com as *Fotografias da Desintegração*, pretendemos construir um panorama transversal a várias camadas da *Desintegração* do Litoral Norte de Viana. A cada subcapítulo, como *Enxertia de Garfo*, ou *Semeador*, fizemos corresponder um determinado *Mapa* que sintetiza e seleciona no espaço da amostra os temas que abordamos nesse capítulo.

Concluimos com um último capítulo a que designamos por *Respigar* e que, na mesma alusão metafórica, pretende estabelecer um ponto conclusivo no ciclo da *Desintegração* que acompanhamos. Desta forma respigamos e concentramos os vários temas abordados num único gesto de sintetização, correspondendo com um último mapa síntese, o *Mapa XVI* (pág. 115) e a uma fotografia da fase inicial da pesquisa (pág.112).

Queremos salientar que o conteúdo de representação elaborado derivou de instrumentos cuja sensibilidade permitiu a imposição de uma determinada forma de expressão e que corresponder à *Cultura da Desintegração*. A nível de representações cartográficas, todos os *Mapas da Desintegração* foram elaborados com recurso a canetas de tinta-da-china e sobre papel vegetal de 90 gramas. As *Fotografias da Desintegração* foram realizadas nas inúmeras visitas que fizemos à amostra e foram captadas em películas de 35mm com saís de prata sensíveis à luz, através de uma camara *SLR* com uma lente de 50mm 1:1.8.

O Anexo II um glossário com a descrição dos termos relativos à *Cultura da Desintegração*.

LUGARES E ÍNDICES DA DESINTEGRAÇÃO

Estive num planeta que tinha sobre ele desenhado um mapa de Passaic, e um mapa bastante imperfeito. Um mapa sideral com linhas do tamanho de ruas, e 'quadrados' e 'blocos' do tamanho de edifícios. A qualquer momento os meus pés podiam atravessar o chão de cartão. Estou convencido de que o futuro está perdido algures nas lixeiras do passado não-histórico; está nos jornais de ontem, (...) no falso espelho dos nossos sonhos rejeitados. O tempo torna as metáforas em coisas, e empilha-as em salas frias, ou coloca-as nos playgrounds celestiais dos subúrbios.³

2. LUGARES E ÍNDICES DA DESINTEGRAÇÃO

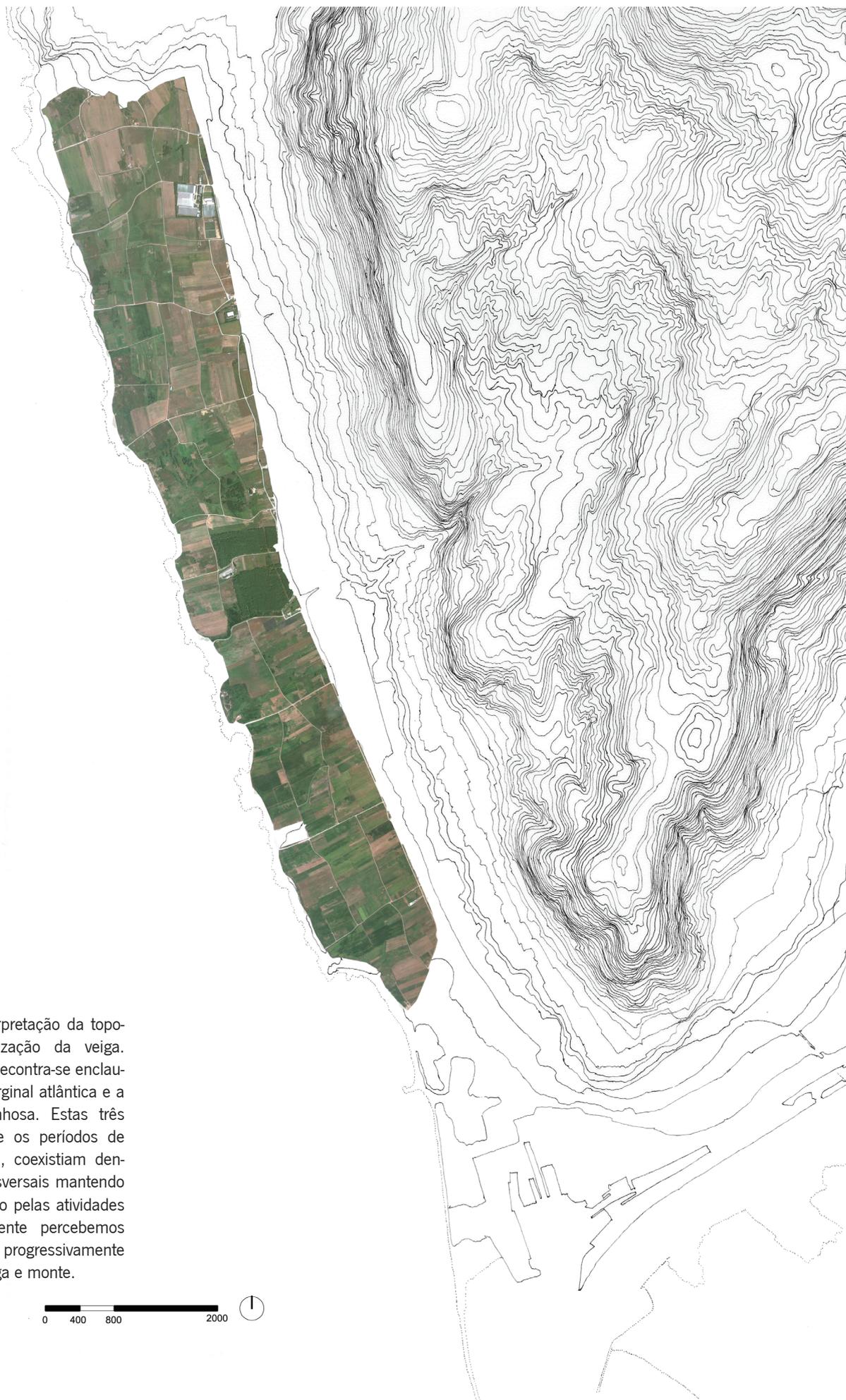
2.1. APROXIMAÇÕES RELATIVAS: OLHAR ESPECÍFICO

Com o presente capítulo pretendemo-nos referir ao enquadramento e ponto de partida da investigação. *Lugares e Índices da Desintegração* referem-se a um conjunto de inquietações e catalisadores cuja convergência permitiu a *construção de um olhar específico*⁴ para a amostra que selecionada do litoral norte de Viana do Castelo.

Os *Lugares da Desintegração* referem-se à amostra enquanto território e paisagem cultivada pela *Desintegração*, apresentado os seus espaços físicos e alguns paradigmas que conformam a sua memória. Começamos por explicar as inquietações iniciais provocadas essencialmente pela desintegração das áreas veiga. Esta condição é confrontada com as suas implicações legais, respetivas às Políticas Agrícolas Comuns (PAC) e à Reserva Agrícola Nacional (RAN), apresentando um contexto demasiado abstrato ou paradoxal para poder ser revisto na condição atual da veiga. A exclusividade agrícola da veiga apresenta uma continuidade vocacional que remonta às primeiras explorações e intervenções humanas nos seus espaços permitindo que a investigação opere sobre inúmeros vestígios desta vocação agrícola e das próprias sociedades que os moldaram. Com o desenvolvimento da pesquisa, estes vestígios conduziram-nos para

³ "I had been on a planet that had a map of Passaic drawn over it, and a rather imperfect map at that. A sidereal map marked up with "lines" the size of streets, and "squares" and "blocks" the size of buildings. At any moment my feet were apt to fall through the cardboard ground. I am convinced that the future is lost somewhere in the dumps of the non-historical past; it is in yesterday's newspapers, (...) in the false mirror of our rejected dreams. Time turns metaphors into things, and stacks them up in cold rooms, or places them in the celestial playgrounds of the suburbs." SMITHSON, Robert; "A Tour of the Monuments of Passaic" in FLAM, Jack (ed.); *Robert Smithson: The Collected Writings*, University of California Press, Los Angeles, 1996. (original publicado como "The Monuments of Passaic" in *Artforum*, 1967), p.74.

⁴ SILVA, Cidália; "Saber ver o difuso do Vale do Ave"; in *Arquitetura em Lugares Comuns*; Dafne Editora, Porto, 2008. Primeira parte do texto sobre "Saber ver o difuso do Vale do Ave" apresentado na *1st International Conference of Young Urban Researchers*, ISCTE, Lisboa, 2007.



03. Mapa de interpretação da topografia e geolocalização da veiga. A planície da veiga encontra-se enclausurada entre a marginal atlântica e a cordilheira montanhosa. Estas três realidades, durante os períodos de proeminência rural, coexistiam dentro de lógicas transversais mantendo um equilíbrio dado pelas atividades primárias. Atualmente percebemos a distância que progressivamente segregam mar, veiga e monte.



fora dos limites que definem esta veiga, descobrindo uma unidade entre as ocupações e apropriações da veiga, do mar e da orla e da encosta e do monte.

Este tipo de levantamento situado e presencial, experimentando as diversas matérias que constroem a amostra do Litoral Norte de Viana, e existindo entre elas, foi acompanhado por uma investigação crítica e teórica assente no trabalho de três artistas/fotógrafos: *Walker Evans, Bernd e Hilla Becher e Robert Smithson*. Pelas metodologias de aproximação, pelas técnicas de expressão e sentido crítico apontado à paisagem e ao território, denominamos este conteúdo do trabalho como *Índices da Desintegração*. Com esta categoria pretendemos integrar na cadeia que conduz e relaciona os fenómenos relativos à desintegração e abandono do Litoral Norte de Viana, a representação de contextos temporais e espaciais diversos, onde a exploração das estruturas de manipulação humana do território apresenta no contexto deste trabalho e sob o nosso ponto de vista, questões intrínsecas ao comportamento humano e as suas modalidades de apropriações e transformação espacial.

Outras referências foram extremamente importantes para podermos interpretar a desintegração da amostra. Referimo-nos não só aos diversos arquitetos e paisagistas cujo discurso prático ou teórico pode ser encontrado em diversos pontos da investigação, tais como: André Corboz ou Ignasi de Solà-Morales, ou ainda do geógrafo Álvaro Domingues, mas apontamos também para autores da literatura moderna portuguesa, como Almeida Garrett, Eça de Queirós, Fernando Pessoa e José Saramago, através dos quais procuramos consolidar ideias relativas à memória, *história*, e construção das comunidades portuguesas. Ao detalhe literário estão implícitas diversas narrativas que escapam à generalidade dos manuais de História. Desta forma pretendemos dar também o nosso contributo para a representação do território em função das sociedades que os manipulam, tendo como particular fascínio a realidade do sudeste europeu.

Neste sentido, pretendemos salientar, que este é apenas um exercício movido pelo convergir de determinadas circunstâncias, pela recolha sistematizada de dados, e que assume a sua parcialidade no vasto campo de disciplinas que constroem o território e a paisagem ao conferir um enquadramento próprio para a amostra, a Cultura da Desintegração. É um olhar específico conduzido por uma aproximação que implica um movimento para *ver mais de perto*, ao mesmo tempo que esse movimento é condicionado pelas inquietações e catalisadores destacados de um determinado extrato pessoal, singularizando e relativizando essa mesma aproximação.

2.2. LUGARES: LITORAL NORTE DE VIANA DO CASTELO E A DESINTEGRAÇÃO DA VEIGA

E reservo para mim e para todos os meus sucessores toda a décima de todas as coisas que entrarem pela foz do Lima, que me será paga; e, de modo semelhante, reservo para mim e para os meus sucessores a portagem das coisas que entrarem e saírem pela foz do Lima; (...) E os vizinhos de Viana não dêem décima ao Rei, senão das coisas que vierem das partes de França e da terra dos sarracenos; (...) E dou e concedo que o concelho de Viana receba os direitos de passagem do porto de Viana, do rio Lima, de uma margem para outra.⁵

Servimo-nos deste excerto do foral de D. Afonso III para demonstrar duas vertentes inculcadas a Viana do Castelo, desde a sua transformação em concelho, até aos dias de hoje: a exploração primária - agricultura e pescas - e o pagamento tributário; por um lado D. Afonso III realça a importância da relação com as margens marítimas e fluviais, cuja proximidade caracterizava a grande parte das atividades de produção e comércio que se efetuavam; por outro lado vemos como essas atividades, assim como os recursos explorados, sempre estiveram vinculados a uma determinada centralidade proprietária. Neste caso, e durante muito tempo, tratou-se do Rei e nos desdobramentos do seu agregado familiar, mas com o tempo e a fragmentação da propriedade outros poderes emergiram, deliberando quem trabalha e quem recebe. Quando chegamos ao século XX - e à República (1905) -, os terrenos cultiváveis, assim como o reduzido número de atividades piscatórias, eram controlados por uma pequena minoria detentora de grandes patrimónios fundiários, ou seja, conjuntos de terrenos agrícolas espalhados pelo território que eram arrendados a lavradores e seus agregados familiares.

Neste contexto de tradição agrícola inquietou-nos em particular as planícies litorais e a sua própria entrega a essa tradição. O espaço da veiga ocupa, na amostra, áreas de duas freguesias distintas, Carreço a norte e Areosa a sul, cuja diferenciação nominal preferimos não salientar na investigação, referindo-nos à veiga de Carreço

⁵ D. Afonso III, Foral de Viana, 1258; transcrito por REIS, António Matos em *Fundação de Viana, O Foral de D. Afonso III*; Centro de Estudos Regionais, Viana do Castelo, 1994, citado por PEIXOTO, António Maranhão, *O Litoral e a Cidade: matizações cartográficas*, Arquivo Municipal de Viana do Castelo, 2007.



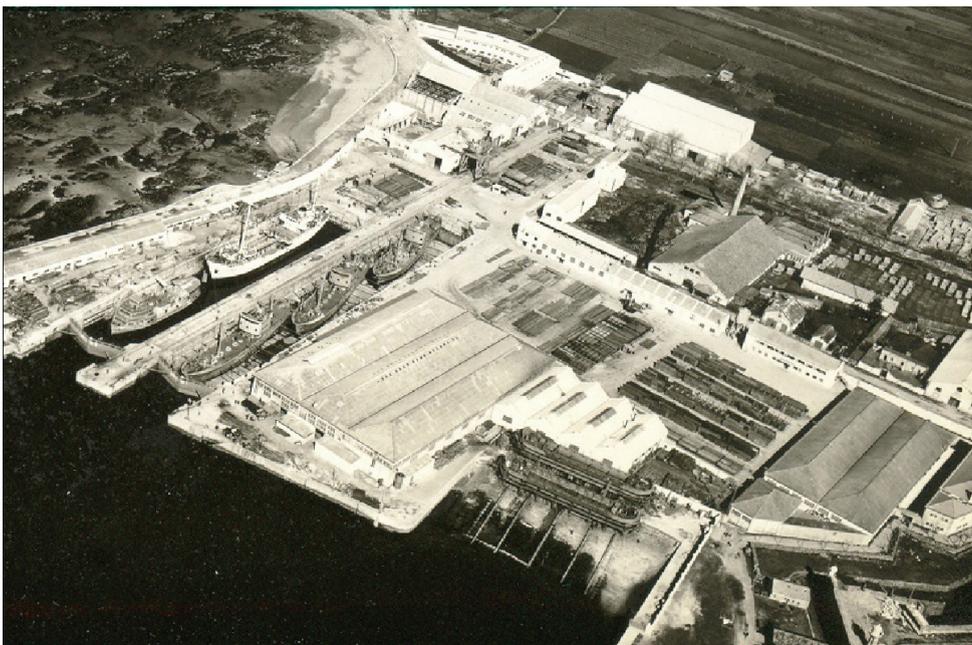
04. Vista da foz do rio Lima e topo sul da veiga nos anos 30. Autor desconhecido; Fonte: Arquivo Municipal de Viana do Castelo. Esta fotografia apresenta um registo essencial para a compreensão das transformações ocorridas na amostra a partir dos anos 40; na atualidade grande parte destes terrenos estão já edificados. Conseguimos perceber a profusa estratificação da estrutura parcelar (*Semeador*, capítulo 3.3, página 97, com terrenos compridos e estreitos - que visavam a redução do número de voltas a efectuar com o arado - e ainda alguns muros implantados entre os afloramentos rochosos que desempenhavam a função das câmbuas pesqueiras (*Adubação de Fundo*, capítulo 3.2, página 81).



05. “Vista aérea da freguesia de Areosa”, c. 1930; Foto Iglésias. Fonte: Ao Norte (<http://www.lugardoreal.com/fotomemoria>).



06. “Vista profunda da citânia de Santa Luzia”, autor desconhecido, c. 1930. Fonte: Ao Norte (<http://www.lugardoreal.com/fotomemoria>). A citânia apresenta uma implantação de origem castreja que se apropriara do cume do monte de Sta. Luzia até aos séculos III e IV d.C., período que antecedeu à sua romanização. Este período seria marcado pela migração da cumeada em direção às marginais do rio Lima e da costa atlântica. As sociedades castrejas viveram essencialmente do saque e da pilhagem não desenvolvendo técnicas segnificativas até ao período da romanização.



07. “Vista aérea dos ENVC”, autor desconhecido, 1958. Fonte: Ao Norte (<http://www.lugardoreal.com/fotomemoria>). Os Estaleiros Navais de Viana implantam-se a partir dos anos 40 no topo sul da amostra com um programa faseado que envolveu a transformação da linha costeira atlântica e da foz do rio Lima. O estaleiro marca a aposta industrial do Estado Novo em meados do século XX canalizando muita da mão-de-obra dos domínios agrícolas.

e de Areosa como a *veiga*, tendo muito mais em conta a sua definição geográfica e legal⁶. Como podemos observar pelas imagens 03 e 04 (páginas 16 e 20) a veiga é uma longa planície que intercala o mar e o monte e que apresenta uma área de solo fértil que foi conservada desde a sua plenitude agrícola produtiva.

Nas etapas iniciais da pesquisa a veiga constitui sempre um elemento de concentração específico não só pelo carácter desenvolvido que manifesta a vegetação selvagem, mas também pelo indeterminado número de estruturas que nela se implantam e conseqüentemente se perdem.

Este cenário contrasta demarcadamente com um determinado discurso implícito ao conjunto de legislações que interferem com a transformação da atividade agrícola e com o desenvolvimento da mesma: a RAN e PAC. Estes dois programas, que se concentram na aposta e desenvolvimento dos territórios destacados pela atividade agrícola, *territórios rurais*, apresentam-se como paradoxais dada percepção da veiga abandonada e da inexpressão da atividade agrícola, tanto em contextos sociais como económicos.

Deste atrito entre condição atual desintegrada e domínio social e político de definição e intervenção no espaço e nas atividades, surgem-nos as primeiras inquietações relativas aos processos que afastaram as populações locais da atividade agrícola.

Os espaços da veiga, numa fase inicial, apresentaram determinados vestígios - canais de regadio, parcelas ou construções efémeras - ligados às práticas agrícolas, que nos permitiram conduzir a investigação em função das relações e lógicas impostas ao território pelas suas populações através do tempo. Dada a predominância dos contextos rurais até meados do século XX muitas dessas relações e lógicas são derivadas das ocupações da agricultura.

Os vestígios que começamos por identificar e captar na veiga, e que com o decorrer do trabalho nos conduziram para o mar e para o monte, bem como as relações

⁶ O espaço que na amostra corresponde à veiga de Carreço e Areosa aparece definido no PDM de Viana do Castelo como Reserva Agrícola Nacional. Para consultar a Planta de Condicionantes do PDMVC, ver Anexo. Na imagem 03 da página 16 apresenta uma representação topográfica da amostra cruzada com uma fotografia aérea da veiga tentando evidenciar a relação da planície com o mar e a encosta.



08. “Carro de Mato”, autor desconhecido, c. 1970. Fonte: Ao Norte (<http://www.lugardoreal.com/fotomemoria>). Casal de lavradores conduzindo um carro-de-bois que transporta mato apenas roçado no monte. Este mato serviria posteriormente para ração dos animais através dos quais era transformado em estrume que serviria os propósitos de adubação dos terrenos.



09. “Recolha do Sargaço”, Mário Teixeira, 1947. Fonte: Ao Norte (<http://www.lugardoreal.com/fotomemoria>). A imagem apresenta um grupo de sargaceiros que carrega um carro-de-bois com sargaço seco. A vegetação marinha eram igualmente utilizada para adubação depois de espalhada e seca nos ariais das praias.

que criam entre si, permitiram-nos conhecer de forma mais específica os contornos que moldaram o progresso da atividade agrícola da amostra, incluindo as manifestações que derivam da *Cultura da Desintegração*.

Estes vestígios são no território e na paisagem formas transversais ao tempo, ou seja, elementos físicos que, pela referência que a sua persistência faz ao passado e a realidades passadas, provoca no presente a emancipação dessa mesma realidade passada. O espaço é conferido de um determinado sentido e identidade, e o tempo deixa de existir numa realidade sequencial para se apresentar sob uma consistência transversal e coexistencial:

“A incongruência entre o carácter temporal da ação humana, que é sempre direcionada para um futuro, e o curso do processo temporal, que é sempre através de um passado, manifesta-se, enquanto que na realidade, não é a sua separação mas a sua inter-relação que torna compreensíveis as dinâmicas peculiares do processo da vida. O conflito entre estes dois tempos (isto é, o carácter temporal da ação humana e o processo do tempo) é melhor expresso na experiência do último como um *alien*, ameaçando o poder, e do primeiro como uma essência, que nós identificamos como o próprio na sua intencionalidade.”⁷

⁷ “The incongruity between the temporal character of human action which is always directed toward the future, and the course of the time process, which is always toward the past, is made manifest, whereas in reality not their disparateness but their interrelation is what makes the peculiar dynamics of the life process understandable. The conflict between these two times (that is, the temporal character of human action and the time process) is best expressed in the experience of the later as an alien, threatening power and of the first as an inwardness which we identify with the self itself in its intentionality”; KÜMMEL, Friedrich; “Time as Succession and the Problem of Duration” in FRASER, J.T. (ed.); *The Voices of Time*; G.Braziller, New York, 1966; p.47.



10. “Passeio de Locomotiva”, Manuel da Fonte, c. 1970. Fonte: Ao Norte (<http://www.lugardoreal.com/fotomemoria>). Locomotiva a vapor atravessando o caminho-de-ferro da amostra. Ao fundo vemos o Atlântico e a veiga do Litoral Norte de Viana. Esta fotografia enquadra o visível paradoxo das resistências culturais à modernização agrícola. O dinamismo da composição parece incitar a inércia da envolvente rural e agrícola. Este é um imaginário que podemos cruzar, contudo, com cenários tirados dos livros de Eça de Queirós, não tivesse a fotografia sido realizada num século XX em resolução. No nosso ponto de vista o *rasgo modernizante* que o comboio provoca na imagem debate-se com a necessidade de modernização das técnicas agrícolas e transformação das comunidades rurais. Com os diversos capítulos que envolveram a reação a esta transformação, chega-se ao século XXI, à União Europeia e aos mercados globais com uma agricultura em vias de desenvolvimento, rudimentar ainda em muitos sentidos, e sem expressão produtiva ou económica.

2.3. ÍNDICES: DESPOJOS E OUTRAS RUÍNAS;

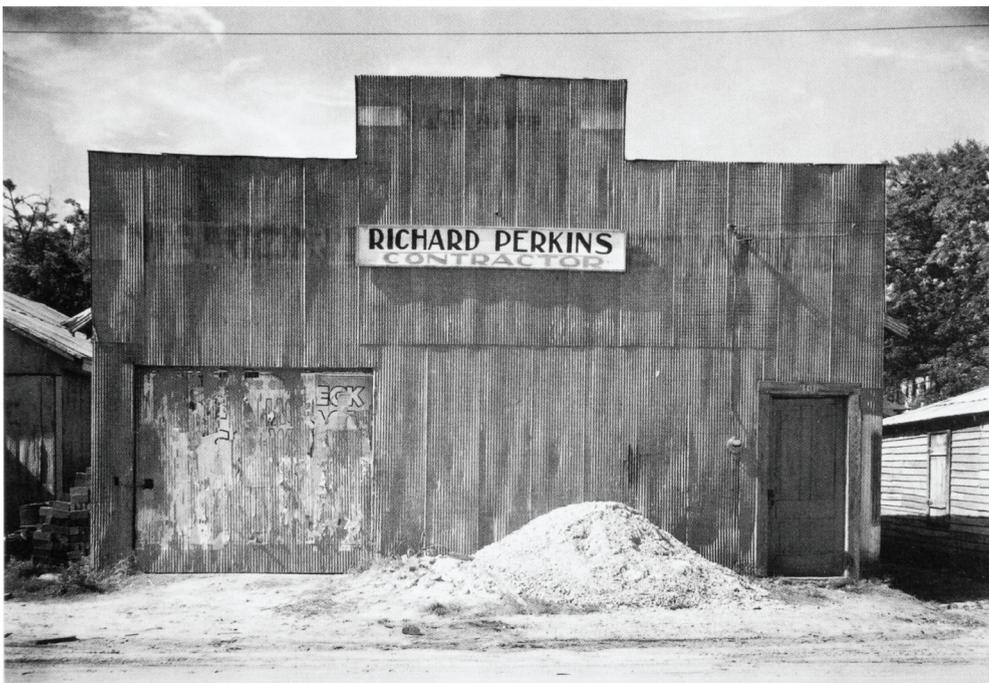
Paralelamente ao envolvimento que possuíamos e que fomos desenvolvendo com a amostra ao longo da investigação, existiu uma pesquisa que nutriu os aspetos específicos da sua desintegração que tornamos relevantes, e mesmo a forma de expressão dessa relevância. Referimo-nos aos *Índices da Desintegração* e aos trabalhos de *Walker Evans, Bernd e Hilla Becher e Robert Smithson*. Estes artistas em particular desenvolveram um conjunto de obras onde a transformação da paisagem e do território eram tema central. Utilizando a fotografia como registo de uma realidade transitória e em transformação, o tempo parece suspenso permitindo-nos construir referências relativas à transformação de outros territórios e paisagens, distantes do espaço e do tempo sobre o qual realizamos a nossa investigação. Esta transversalidade resulta, uma vez mais, do *olhar específico* que desenvolvemos para a amostra enquanto metáfora crítica da sua condição atual: a *Cultura da Desintegração*.

Isto significa que conseguimos identificar uma *cultura* semelhante em contextos diversos e que, para além das suas motivações particulares, existe muito de coincidente na transformação de territórios em desintegração.

A ponte que o trabalho de Evans, dos Becher e de Robert Smithson nos ajuda a construir para a interpretação do território do Litoral Norte de Viana, consiste essencialmente na construção de um olhar crítico sobre territórios manipulados pelo homem que regista a rutura entre dinâmicas que se abandonam e dinâmicas que emergem em substituição. A arquitectura, no seu sentido mais lato e radical enquanto estrutura de adaptação de uma sociedade a um território, demonstra os dois lados desse dinamismo: em Walker Evans, e em relação à desruralização do sudeste americano, muitas fotografias procuram a contraposição entre as estruturas agrícolas abandonadas e as grandes indústrias que se começam a implantar nesse território nos anos 20; no caso dos Becher, assistimos já aos períodos que marcam a desindustrialização do centro europeu, através da exploração formal dos edifícios industriais em desintegração; finalmente, Robert Smithson, que procura o mesmo registo transitório na exploração de objetos do quotidiano de determinados lugares, apresentando a sua banalidade como um resultado específico de um lugar em desintegração.



11. "Louisiana Plantation House", Walker Evans, Louisiana, 1935. Fonte: *Walker Evans: The Hungry Eye*, Thames & Hudson, 2004.



12. "Richard Perkins Contractor", Walker Evans, Alabama, 1936. Fonte: *Walker Evans: The Hungry Eye*, Thames & Hudson, 2004.

A pesquisa destes autores foi exercendo a sua influência enquanto referências formais e conceituais para construção dos documentos apresentados no *volume I, Fotografias da Desintegração*, no entanto, alguns dos seus trabalhos foram essenciais ainda na fase inicial da pesquisa, para que pudéssemos imprimir, ou identificar, os mesmos paradigmas de transformação e alteração de dinâmicas, bem como as suas consequências materiais no território e na amostra selecionada do Litoral Norte de Viana do Castelo.

O trabalho que Walker Evans⁸ realiza no sul dos Estados Unidos, pela década de 30⁹ ajuda-nos a perceber as transformações que advieram dos processos de industrialização decorridos nesse território em detrimento da desintegração das explorações agrícolas e comunidades rurais que o caracterizaram até à Guerra da Secessão, em 1861. Com a unificação dos diversos estados, formando os Estados Unidos da América, e abolição da escravatura, ocorrem muitas transformações que o território vai refletir pelas ocupações que essas sociedades vão desenvolver e abandonar.

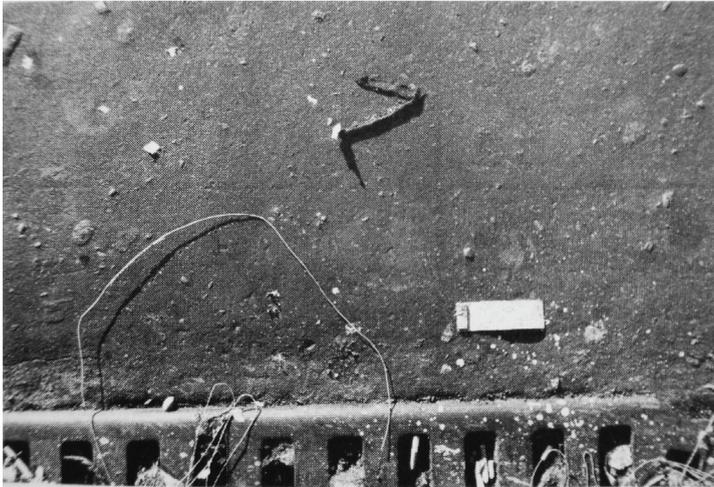
Das fotografias que realizou, sob várias comissões e refletindo por isso uma encomenda específica, pretendemos realçar alguns exemplos que nos parece demonstrar de forma significativa a presença da desintegração de objetos ou edifícios do quotidiano das populações. Seja na substituição de dinâmicas ou na desintegração por abandono, estes objetos apresentam, pela sua materialidade, os conflitos que emergem da sua desintegração.

Olhando o exemplo das imagens 11 e 12, da página ao lado, conseguimos reconhecer uma lógica de expressão frontal e objetiva que coincide com um período de excelência da linguagem documental. Desta forma proporciona-se uma determinada concentração no objeto representado enquanto forma e constituição material, livrando-o, no nosso ponto de vista, de artifícios que possam influenciar ficticiamente o observador.

Por outro lado, identificamos, nos temas de representação que escolhe, que existe uma tendência para a exploração de contextos do quotidiano banal,

⁸ Sobre o trabalho de Walker Evans consultar, por exemplo: HILL, John and MORA, Gilles; Walker Evans: The Hungry Eye, Thames & Hudson, Londres, 2004, ou THOMPSON, Jerry L.; Walker Evans at Work, Harper & Row, Nova Iorque, 1982.

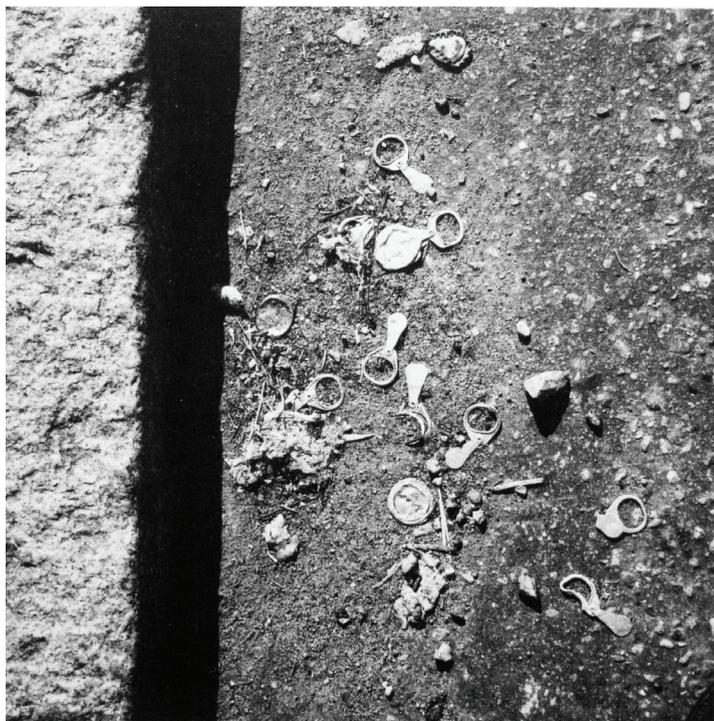
⁹ Sobre o trabalho realizado neste período consultar: HILL, John and MORA, Gilles; Walker Evans: The Hungry Eye, Thames & Hudson, Londres, 2004; pp.102-218.



13. "Lixo", Walker Evans, Nova Iorque, c. 1960. Fonte: *Walker Evans at Work*, Harper & Row, 1982.



14. "Lixo", Walker Evans, Nova Iorque, c. 1960. Fonte: *Walker Evans: The Hungry Eye*, Thames & Hudson, 2004.



15. "Lixo", Walker Evans, Nova Iorque, c. 1960. Fonte: *Walker Evans: The Hungry Eye*, Thames & Hudson, 2004.



16. "Casa de Banho na casa de Walker Evans", c. 1960. Fonte: *Walker Evans at Work*, Harper & Row, 1982.

ou seja, pela procura e valorização de objetos comuns, de carácter efêmero e que por isso não apresentam um determinado valor estético assumido.

Na imagens 11, percebemos a presença de um olhar que, apesar do rigor documental, apresenta uma contextualização crítica. Os palácios retratados, propriedades falidas de outrora ricos agrónomos e escravagista, repousam agora no abandono, da mesma forma que o ambiente circundante, com árvores centenárias, se mistura com esta própria desintegração. Desta forma, e no nosso ponto de vista, as paisagens idílicas que marcavam o ideário relativo a este território de produção primária e exploração humana são despidas para revelar a crueldade das suas orientações.

Noutro âmbito, mas no mesmo sentido, Walker Evans vai explorando, ao longo da sua atividade enquanto fotógrafo, a produção de imagens a partir de fotografia de lixos ou despojos encontrados no chão¹⁰. Nestas imagens, como exemplo as imagens 13, 14 e 15 podemos encontrar uma determinada subversão de escala e construção topográfica artificial, explorando a conceção de novos territórios a partir da fragmentação de superfícies contínuas.

Uma vez mais aparece o interesse por objetos comuns e novamente numa condição em que já perderam o seu valor funcional, passando agora a ser lixo, ou objeto em desintegração. Sobre estes temas Evans afirma: “Uma ruína é mais interessante do que um novo edifício apenas completo. Ela mostra os efeitos do tempo e da experiência.”¹¹

A ruína, a decomposição, a delapidação e a desintegração são processos implícitos nos objetos, ou cenários do quotidiano, o desgaste no tempo é a narrativa da sua utilização, contando a sua própria existência e enunciando os seus próprios utilizadores.

Conseguimos identificar a mesma procura pela representação de objetos sem valor estético assumido no trabalho de Bernd e Hilla Becher¹². Em contextos e períodos distintos dos de Walker Evans, Bernd e Hilla Becher orientaram

¹⁰ Sobre o trabalho em torno do chão e do lixo ver THOMPSON, Jerry L.; *Walker Evans at Work*, Harper & Row, Nova Iorque, 1982.

¹¹ Walker Evans, Lamerick Interview 1973 citado por HILL, John and MORA, Gilles; *Walker Evans: The Hungry Eye*, Thames & Hudson, Londres, 2004; pp.332.

¹² Sobre o trabalho de Bernd e Hilla Becher consultar, por exemplo: LANGE, Susane; *Bernd and Hilla Becher: Life and Work*; The MIT Press, Cambridge, 2007.



17. “Gasómetro”, Bernd e Hilla Becher, Alemanha, 1960. Fonte: *Bernd and Hilla Becher: Life and Work*, The MIT Press, 2007.

o seu trabalho de fotografia à representação de edifícios industriais abandonados. Desta forma procuraram a representação de regiões, sobre tudo no norte da Europa, onde as indústrias pesadas começavam a ser abandonadas, iniciando um determinado processo de desindustrialização.

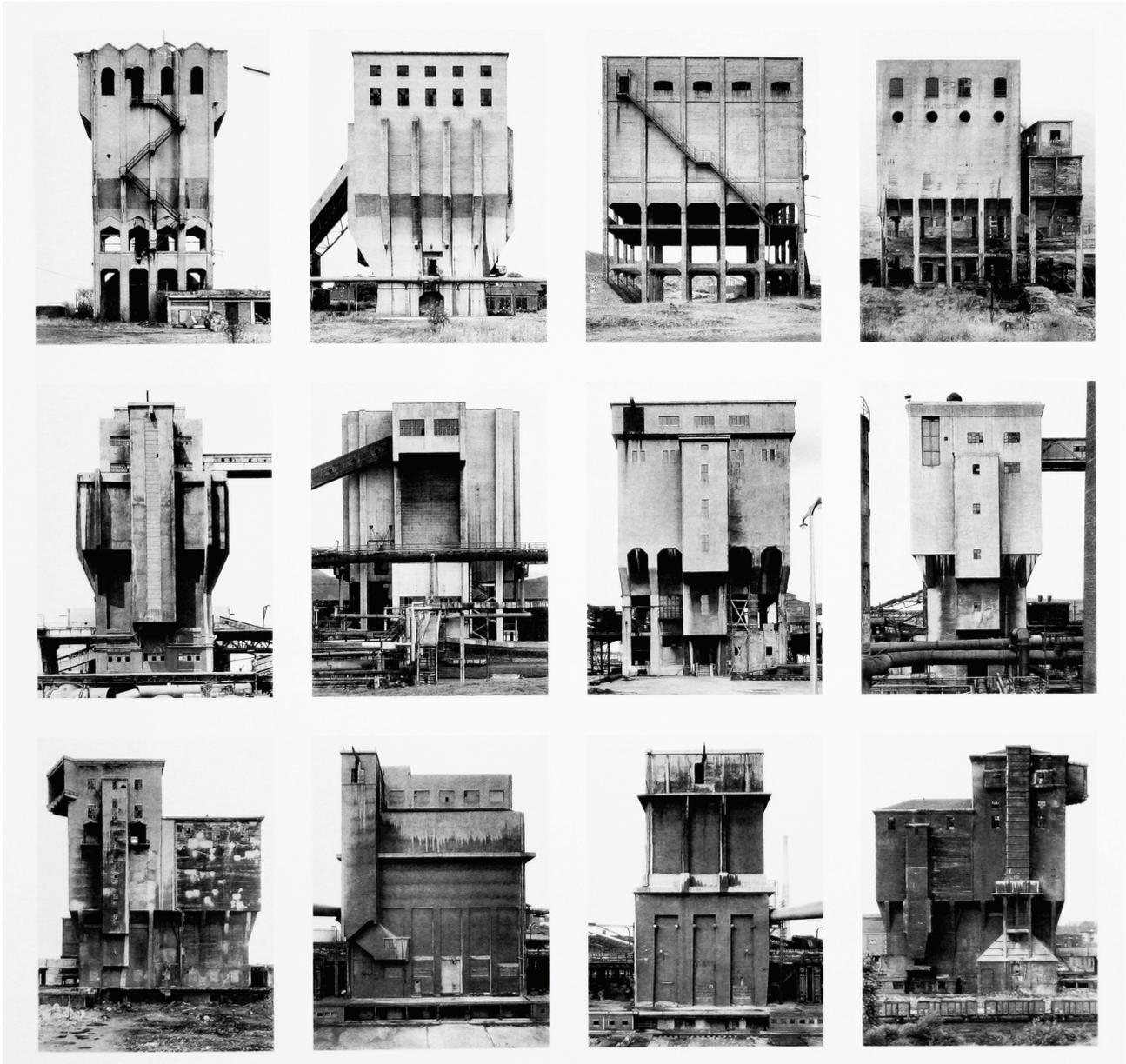
Da mesma forma o território sofre um conjunto de transformações que se evidencia em função da desintegração dos seus edifícios industriais. Para estes trabalhos, os Becher, desenvolveram uma metodologia sistematizada que aplicavam a todos os edifícios. Destas fotografias, como exemplo a imagens 16, podemos reter uma tentativa operativa da enunciação do detalhe; novamente através da frontalidade em paralelo com a homogeneização da luz é evidenciada uma tentativa de representação ortogonal (como se de uma alçada se tratasse) que procura a descrição formal mais detalhada.

Com os sucessivos trabalhos, a sistematização e repetição deste método permitiu a construção enciclopédica, gráfica, das diferentes formas e tipologias funcionais (tais como: gasómetros, reservatórios, torres de refrigeração, etc.) que a arquitetura industrial poderia adotar, conferindo ainda às fotografias um sentido arquivista, relacionado com o período e o território de representação. Este processo permitiu, ao longo do tempo, construir comparações entre tipologias, períodos temporais e regiões, alcançando-se construções, ou narrativas extremamente ricas no que respeita à evolução dos edifícios industriais e das suas relações com o território. Estas construções denominam-se por *Justaposições Comparativas*, do qual são exemplo as imagens 17 e 18 das páginas seguintes e sobre as quais nos referiremos adiante.

Tanto Walker Evans como Bernd e Hilla Becher apresentam, no nosso ponto de vista, uma postura relativamente à desintegração que não deixa de invocar uma determinada ordem e progresso. No caso de Evans e das fotografias no sul do Estados Unidos reconhecemos o diálogo permanente entre comunidades rurais e força *industrializante*, no caso dos Becher, não se apresenta um diálogo, mas invoca-se o progresso pela representação dos edifícios em desintegração e não mediante plenitude produtiva.



18. "Torres de Vento", Bernd e Hilla Becher, Alemanha, Inglaterra e França, 1968-97. Fonte: *Bernd and Hilla Becher: Life and Work*; The MIT Press, 2007.



19. "Depósitos de Carvão", Bernd e Hilla Becher, Alemanha, Inglaterra, 1965-99. Fonte: *Bernd and Hilla Becher: Life and Work*; The MIT Press, 2007.



20. "The Sand-box Monument", Robert Smithson, Paissac, 1967. Fonte: *Robert Smithson, Bernd e Hilla Becher: Field Trips*; Hopefulmonster Editore, 2002.



21. "The Fountain Monument", Robert Smithson, Paissac, 1967. Fonte: *Robert Smithson, Bernd e Hilla Becher: Field Trips*; Hopefulmonster Editore, 2002.



22. "The Great Pipe Monument", Robert Smithson, Paissac, 1967. Fonte: *Robert Smithson, Bernd e Hilla Becher: Field Trips*; Hopefulmonster Editore, 2002.



23. "Monument with Pontoons: The Pumping Derrick", Robert Smithson, Paissac, 1967. Fonte: *Robert Smithson, Bernd e Hilla Becher: Field Trips*; Hopefulmonster Editore, 2002.

Por outro lado, e para finalizar o conjunto *Índices* que destacamos para enquadramento da nossa pesquisa, apontamos dois trabalhos de Robert Smithson que, do nosso ponto de vista, apresentam a ruína, não como forma de progresso ou evolução, mas como produção da construção e manipulação contemporânea do território, falamos de *A Tour of the Monuments of Paissac*¹³ e *Site/Non-site Oberhausen*¹⁴.

Em *A Tour of the Monuments of Paissac* Robert Smithson realiza um percurso nas margens do rio Passaic, em Nova Jérсия, nos Estado Unidos. Neste percurso Robert Smithson aponta alguns elementos vulgares do quotidiano como os monumentos da contemporaneidade daquele espaço suburbano: “The Bridge, The Pumping Derrick, The Great Pipe, The Fountain, The Sand-Box...”¹⁵

Para Robert Smithson estes elementos, quase todos de construção recente apresentavam-se como *ruínas no inverso*:

“Aquele panorama zero parecia conter ruínas no inverso, isto é, todas as novas construções que iriam eventualmente ser feitas. Este é o contrário da ‘ruína romântica’ porque os edifícios não caem em ruína depois de serem construídos, mas antes erguem-se em ruínas antes de serem construídos.”¹⁶

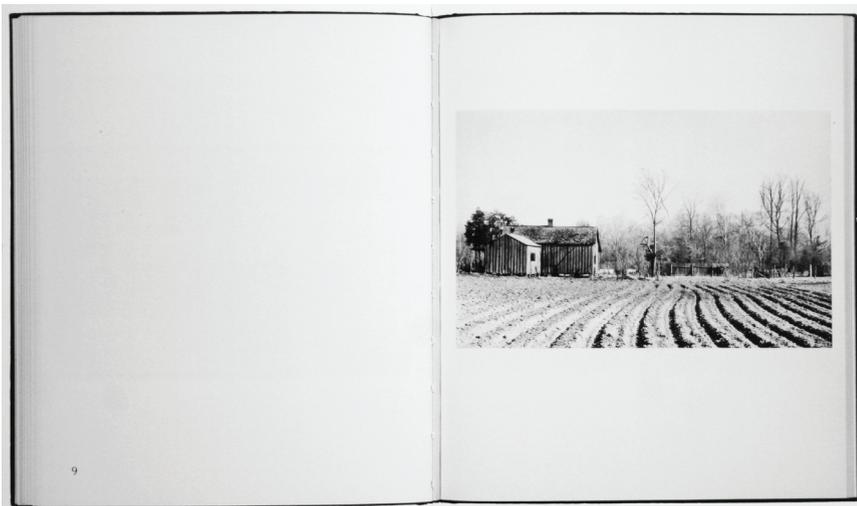
Esta outra categoria de ruína também nos ajudou a perceber alguns processos de transformação do caso de estudo, exteriores às matrizes da pré-existência agrícola, mas cujo desenvolvimento na atualidade se situa na continuidade da *Cultura da Desintegração*. Em determinada medida, e como aprofundamos melhor em *Enxertar*, muitos processos de transformação do território levados a cabo na contemporaneidade são ainda descendentes da rutura imposta pelo abandono agrícola, ou seja, são processos e objetos de transformação do território que se formam já como *Desintegração*, ultrapassando o período que levaria ao seu desenvolvimento.

¹³ Imagens 20, 21, 22 e 23 na página ao lado.

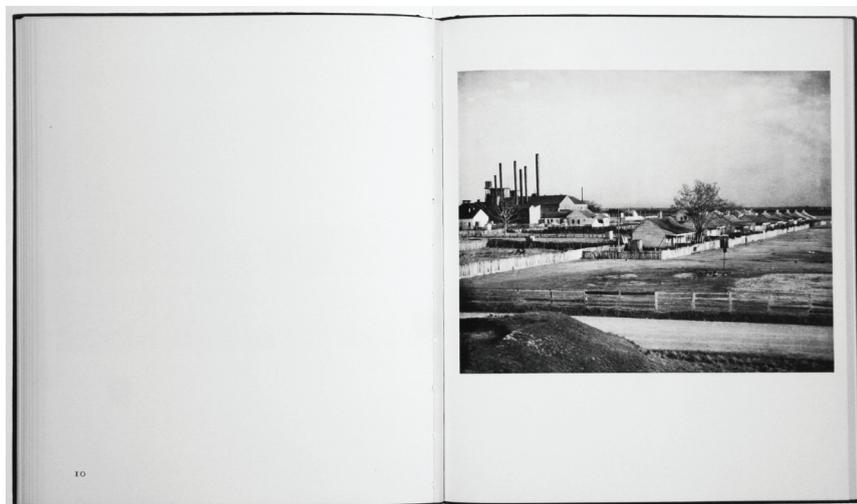
¹⁴ Imagem 27, 28 e 29 na página 42.

¹⁵ SMITHSON, Robert; “A Tour of the Monuments of Passaic” in FLAM, Jack (ed.); *Robert Smithson: The Collected Writings*, University of California Press, Los Angeles, 1996. (original publicado como “The Monuments of Passaic” in *Artforum*, 1967).

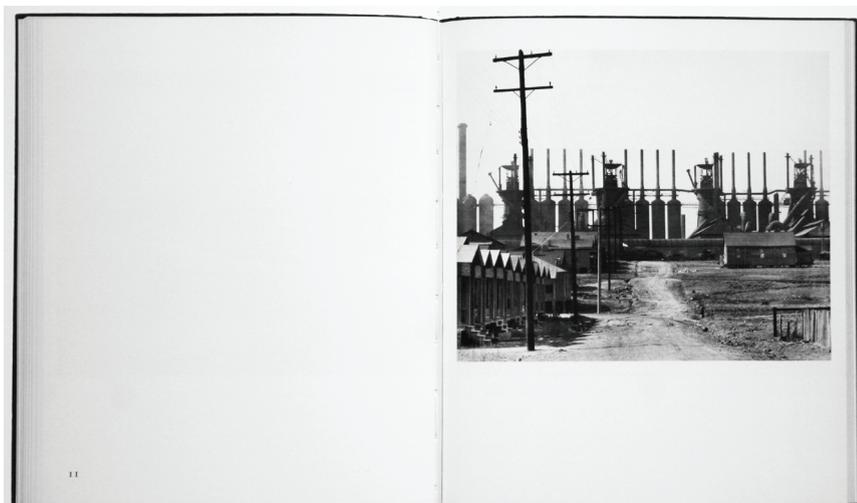
¹⁶ “That zero panorama seemed to contain *ruins in reverse*, that is – all the new construction that would eventually be built. This is the opposite of the “romantic ruin” because the buildings don’t *fall* into ruin *after* they are built but rather *rise* into ruin before they are built.” SMITHSON, Robert; “A Tour of the Monuments of Passaic” in FLAM, Jack (ed.); *Robert Smithson: The Collected Writings*, University of California Press, Los Angeles, 1996. (original publicado como “The Monuments of Passaic” in *Artforum*, 1967).



24. *fac-simile* "American Photographs: Plate 9, Part II", Walker Evans, 1938. Fonte: American Photographs, MOMA, 1938.



25. *fac-simile* "American Photographs: Plate 10, Part II", Walker Evans, 1938. Fonte: American Photographs, MOMA, 1938.



26. *fac-simile* "American Photographs: Plate 11, Part II", Walker Evans, 1938. Fonte: American Photographs, MOMA, 1938.

Do trabalho destes autores queremos realçar ainda a sua formalização mediante regimes de documentação fotográfica sistematizada. A atividade fotográfica era recorrente e incessante o que permitiu promover o desenvolvimento de metodologias de exposição (mostras e publicações) próprias das quais também intercetamos com as questões relativas à nossa pesquisa.

No caso específico de Walker Evans destacamos o livro *American Photographs* como um exemplo de construção narrativa onde se emprega uma determinada profundidade e densidade literária, seja pelo poder descritivo das imagens, ou pela força da sua sequenciação das mesmas, integrando-se um sentido de ritmo da própria narrativa. Por outro lado, a sequenciação de imagens permite a construção de um imaginário alternativo. Na página ao lado demonstramos três chapas, imagens 24, 25 e 26, consecutivas que apresentam uma narrativa de contraposição entre ocupação agrícola e industrial.

No caso de Bernd e Hilla Becher, e em função da sua metodologia sistematizada, apontamos essencialmente para as construções e comparações que elaboravam entre as tipologias de objetos diferentes ou iguais, intercetando formas, funções dos edifícios, regiões e períodos em que foram fotografados. O caso das imagens 18 e 19 (páginas 36 e 37) apresentam duas 'justaposições', onde edifícios com a mesma função específica encontram a diversidade na sua contextualização regional e temporal.

Finalmente, no caso de Robert Smithson olhamos para *Site/Non-Site Oberhausen*¹⁷ como um exercício de representação do *sítio fora do sítio*. Para esta representação de um lugar marcado pela atividade industrial, Robert Smithson recorre da interceção de diferentes tipos de dados através de um processo de *recolção*. Assim, junta informações cartográficas, matérias e dados geológicos e fotografias, procurando as narrativas e a relações implícitas a estas formações. Este tipo de exercício aponta e refere, no nosso ponto de vista, a construção de um território por camadas. Cada uma destas camadas corresponde a um nível de inscrição com agentes e manifestações diversas ao longo do tempo.

A seleção elaborada por Smithson, ele próprio constituindo uma nova camada desse território pelo trabalho que desenvolve, apresenta uma combinação de elementos

¹⁷ Imagens 27, 28 e 29 da página seguinte.



27. exposição "Site/Non-site Oberhausen", Robert Smithson, Oberhausen, 1968. Fonte: Robert Smithson, Bernd e Hilla Becher: *Field Trips*; Hopefulmonster Editore, 2002.



28. exposição "Site/Non-site Oberhausen", Robert Smithson, Oberhausen, 1968. Fonte: Robert Smithson, Bernd e Hilla Becher: *Field Trips*; Hopefulmonster Editore, 2002.

29. exposição "Site/Non-site Oberhausen", Robert Smithson, Oberhausen, 1968. Fonte: Robert Smithson, Bernd e Hilla Becher: *Field Trips*; Hopefulmonster Editore, 2002.

que cruzam a natureza geológica e permanente daquele lugar com as atividades e manipulações humanas decorrentes da sua apropriação. A convergências destas referências, quando combinada fora do seu lugar de origem remete para um contexto específico desse lugar em função de uma olhar igualmente específico, o de Smithson que *selecciona* o que fotografa e *colecta*, demonstrando como a presença, ou a existência é em si uma posição ou ação crítica.

Na construção do nosso próprio olhar para a amostra que selecionamos do Litoral Norte de Viana do Castelo procuramos construir uma enquadramento com perspectivas que encontramos semelhantes tanto pela linguagem e forma de expressão, como pela metodologia de aproximação, mas sobretudo por uma vontade de representação crítica que envolve não só instrumentos do nosso domínio, e que se encostam aos contextos específicos da arquitetura - como o desenho ou cartografia e a investigação histórica - mas também um conjunto de atitudes que identificamos em trabalhos semelhantes de interpretação do território, como a visita e experiência recorrente do lugar, a documentação fotográfica sistematizada dessas visitas e ainda a recolha de matérias físicas - objetos encontrados do lugar. Os *Lugares e Índices da Desintegração* enunciam todas estas experiências que procuram na seleção específica a construção de um raciocínio abduutivo, ou seja, nutrido por uma ordenação entre fragmentos díspares.

PROCESSOS DA DESINTEGRAÇÃO

Que os trabalhos de homem são muitos. Já ficaram ditos alguns e outros agora se acrescentam para ilustração geral, que as pessoas da cidade cuidam, em sua ignorância, que tudo é semear e colher, pois muito enganadas vivem se não aprenderem a dizer as palavras todas e a entender o que elas são, ceifar, carregar molhos, gadanhar, debulhar à maquina ou a sangue, malhar o centeio, tapar palheiro, enfardar a palha ou o feno, malhar o milho, desmontar, espalhar o adubo, semear cereais, lavrar, cortar, arrotear, cavar o milho, tapar as craveiras, podar, argolar, rabocar, escavar, montear, abrir as covatas para estrume ou bacelo, abrir valas, enxertar as vinhas, tapar a enxertia, sulfatar, carregar as uvas, trabalhar nas adegas, trabalhar nas hortas, cavar a terra para legumes, varejar a azeitona, trabalhar nos lagares de azeite, tirar cortiça, tosquiari o gado, trabalhar em poços, trabalhar em brocas e barrancos, chacotar a lenha, rechegar, enfornar, terrear, empoar e ensacar, o que aqui vai, santo Deus, de palavras tão bonitas, tão de enriquecer os léxicos, bem-aventurados os que trabalham, e que faria então se nos puséssemos a explicar como se faz cada trabalho e em que época, os instrumentos, os apeiros, e se é obra para homem ou para mulher e porquê.¹⁷



ENXERTAR

30. *Enxertar*, Povoença, Areosa, Viana do Castelo, Fevereiro de 2013. Divisão de parcela agrícola da encosta para atravessamento de novo eixo viário. As estruturas pré-existentes da encosta, como os percursos e as parcelas, são adaptadas para suporte dos fluxos de tráfego e necessidades do automóvel.



ADUBAR

31. *Adubar*, Porto da Vinha, Areosa, Viana do Castelo, Setembro de 2012. Abrigo para sargaceiros e lavradores. Estes abrigos, que se podem encontrar ao longo da costa, serviram para armazenamento das ferramentas de trabalho. Atualmente existem em reduzido número dada a sua inutilidade e fragilidade.



SEMEAR

32. *Semear*, Seixal, Areosa, Viana do Castelo, Fevereiro de 2013. Fardos de feno abandonados na veiga. A presença deste fardos, sintomática em períodos de lavra (Abril/Maio), foi um dos catalisadores iniciais da pesquisa. Como referimos em *Respigar*, os fardos, esféricos por motivo tecnológicos, e consumidos pela vegetação selvagem apontam uma prática agrícola desregulada, onde as matérias de produção são desperdiçadas.



33. *Cavalo e Ramo*, Lugar do Meio, Areosa, Viana do Castelo, Fevereiro de 2013. Fragmento de muro e percurso de granito pré-existente com estrada asfalta e passeio de cimento.



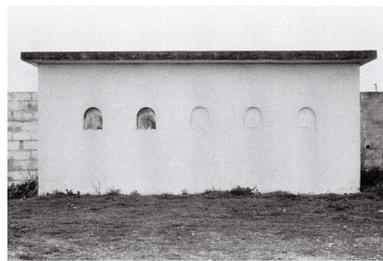
34. *Enxertia de Garfo*, Lugar do Meio, Areosa, Viana do Castelo, Fevereiro de 2013. Muro de granito pré-existente com muro de betão armado de loteamento recente.



35. *Enxertia de Placa*, Lugar do Meio, Areosa, Viana do Castelo, Fevereiro de 2013. Asfaltização de pavimento e implantação de infraestruturas eléctricas e de saneamento básico.



36. *Adubação Foliar*, Cabeços do Mar, Areosa, Viana do Castelo, Setembro de 2012. Cordas, provenientes das pescas, arrastadas e depositadas pelo mar na orla costeira. Apresentam a condição *desintegrante* das pescas atualmente.



37. *Adubação Fracionada*, Porto da Vinha, Areosa, Viana do Castelo, Fevereiro de 2013. Campo de jogos construído sobre a orla durante os anos 70. Atualmente abriga atividades desportivas semanais.



38. *Adubação de Fundo*, Porto da Vinha, Areosa, Viana do Castelo, Fevereiro de 2013. Moinho de vento do século de XIX implantado na orla. Atualmente constitui propriedade privada sem utilização aparente.



39. *Sementeira*, Seixal, Areosa, Viana do Castelo, Fevereiro de 2013. Cano de esgoto que desce da encosta até à ETAR na orla, atravessando a veiga transversalmente. A ETAR representa uma das intervenções recentes que ocupam parcelas abandonadas.



40. *Semeador*, Campo Novo, Areosa, Viana do Castelo, Setembro de 2012. Percurso de acesso a parcelas na veiga. A vegetação selvagem que preenche as parcelas vai já tomando conta dos percurso e dos canais de regadio que os limitam.



41. *Semente*, Lugar do Meio, Areosa, Viana do Castelo, Fevereiro de 2013. Brasão de família em granito numa das propriedades da encosta. A análise à *Semente* permite compreender como o desenvolvimento agrícola, da plenitude ao abandono, fora conduzido mediante influência vincada dos patrimónios fundiários.

3. PROCESSOS DA DESINTEGRAÇÃO

Na parte do trabalho que se segue expomos os *Processos de Desintegração*. Os elementos que se apresentam estão organizados em três diferentes ações, *Enxertar*, *Adubar* e *Semear*, e correspondem a etapas diferentes num ciclo da *Desintegração*; cada uma destas ações é executada mediante intervenções humanas específicas, envolvendo-se com a cultura e com o território através de instrumentos e fenómenos adequados em períodos e estados concretos da própria cultura.

O *processo*, pretende evidenciar precisamente uma circunstância temporal por definir, isto é, sem limites precisos. Tratando-se de uma cultura produtiva, estes *Processos* ganham outro valor derivado ainda de intervenções repetidas, em ciclos, acompanhando diferentes transformações mas enquadrando quase sempre o mesmo objetivo, o desenvolvimento produtivo. *Enxertar*, *Adubar* e *Semear*, são ações seculares, quase tão antigas como a própria humanidade, e conservam na sua prática a sua essência podendo contudo ser elaboradas de formas distintas com recurso a tecnologias e contextos mais atualizados.

Ao longo das visitas ao lugar, onde o intuito da pesquisa nem sempre esteve presente, e à medida que fomos analisando as representações que apresentamos, fotografias e mapas, percebemos que a *Cultura da Desintegração* se insere na mesma corrente de progresso que conduziu a evolução das apropriações na amostra, ou seja, nunca existiu *produção* sem *Desintegração*. Esta complexidade encontra o seu enraizamento na diversidade de índices que compõem o território nos dias de hoje e que, de alguma forma, contribuíam para o mantimento da *Desintegração*.

¹⁷ SARAMAGO, José; *Levantado do Chão*, Caminho, Lisboa, 1980.

É então, na tentativa de intercepar as várias camadas que compõem a amostra, que propomos uma análise baseada na interpretação das etapas produtivas, e onde, de facto, podemos intercepar a ação humana com o estado de desenvolvimento da *Cultura* e de que forma esta se altera.

Os três Processos que selecionamos para análise nesta investigação são orientados segundo uma *fotografia síntese*, que destacamos do *volume I*, e de um *mapa síntese*, representação cartográfica que pretende selecionar do território as evidências dessa desintegração. Cada processo é depois decomposto em ações mais específicas, em intervenientes ou instrumentos, pretendendo assim construir uma perspetiva mais aproximada dos diferentes constituintes e agentes da desintegração.

As páginas 46 e 47 apresentam um quadro onde se dispõem todas as fotografias síntese respetivas a cada *Processo da Desintegração* e a cada uma das suas especificidades. Este quadro aparece aqui com o intuito de construir uma ideia global dos conteúdos selecionados e recolhidos da amostra e de demonstrar a multiplicidade desses *trabalhos de homem*, como refere José Saramago, que no Minho eram *de mulher*, as lavradeiras.

Enxertar, Adubar e Semear são apenas uma pequena parcela nas imensas lides que cuidam da *Cultura da Desintegração*. Envolvem espaços vários, períodos vários, indivíduos e comportamentos vários, ou ainda estados específicos da cultura e do ciclo produtivo.

Da mesma forma a construção e manipulação de território e paisagem também opera num campo de indeterminação e incerteza consolidada, apresentando cenários das mais diversas narrativas e relações. Podemos afirmar que *Enxertar, Adubar e Semear* são essencialmente caminhos que pretendem incitar o reconhecimento da teia de intenções, míticas e políticas, como matérias físicas e ambientes espaciais - personagens, figurantes e cenários, se quisermos acentuar o valor narrativo da paisagem - que convergem na discriminação das formas atuais e formas de progresso da *Cultura da Desintegração*:

“Os fins e os meios do uso do território supõem por sua vez coerência e continuidade com o grupo social que decide e executa as intervenções de exploração, já que a porção de crosta terrestre qualificada de território é habitualmente objeto de uma *relação de apropriação*, que não é unicamente de natureza física, mas que põem

em prática, pelo contrário diversas intenções, míticas e políticas.”¹⁸

Na nossa investigação, essa *relação de apropriação* denomina-se *Cultura da Desintegração* e os *Processos* são os instrumentos de articulação entre natureza física e intenção mítica.

¹⁸ “Los fines y medios de este uso del territorio suponen a su vez coherencia y continuidad en el grupo social que decide y ejecuta las intervenciones de explotación, ya que la porción de corteza terrestre calificada de territorio es habitualmente objeto de una relación de apropiación que nos es únicamente de naturaleza física, sino que por el contrario pone en práctica diversas intenciones, míticas e políticas.” CORBOZ, André; “El Territorio como Palimpsesto” in RAMOS, Ángel M. (ed.) *Lo Urbano en 20 Autores Contemporáneos*; UPC, Barcelona, 2004; (editado originalmente em *Diogéne*, 121, Janeiro-Março 1983); p.27.

3.1. ENXERTAR

*Por uma conclusão bem natural, a ideia de Civilização, para Jacinto, não se separa da imagem de Cidade, de uma enorme Cidade com todos os seus vastos órgãos funcionando poderosamente. Nem este meu supercivilizado amigo compreendia que longe de armazéns servidos por três mil caixeiros; e de Mercados onde se despejam os vergéis e lezírias de trinta províncias; e de Bancos em que retine o ouro universal; e de fábricas fumegando com ânsia, inventando com ânsia; e de Bibliotecas abarrotadas, a estalar, com a papelada dos séculos; e de fundas milhas de ruas, cortadas, por baixo e por cima, de fios de telégrafos, de fios de telefones, de canos de gases, de canos de fezes; e da fila atroante dos ônibus, tramas, carroças, velocípedes, calhambiques, parelhas de luxo; e de dois milhões de uma vaga humanidade, fervilhando, a ofegar, através da Polícia, na busca dura do pão ou sob ilusão do gozo - o homem do século XIX pudesse saborear, plenamente, a delícia de viver!*¹⁹

O processo que começamos por apresentar pretende fazer referência a algumas das ações de *Enxertia* e propagação da *Cultura da Desintegração*. Desta forma pretendemos aludir aos diferentes conflitos e manifestações que surgiram na amostra derivados das ações de urbanização e expansão da cidade de Viana a partir da segunda metade do século XX, com principal acentuação nas cotas altas. Os processos de *Enxertar* que caracterizam particularmente a *Desintegração* do Litoral Norte de Viana ocorrem a partir da rutura entre os pré-existências de ocupação rurais e intervenções de ocupação contemporâneas tais como: loteamentos e divisão das propriedades da encosta, implantação e transformação de redes infraestruturais, e transformação de rede viária e a rede de eletricidade.

A imagem 30, na página 46, fotografia síntese do *Enxertar*, apresenta o limite de uma das propriedades da encosta. Este limite materializa-se num muro constituído de duas partes diferentes: do lado esquerdo apresenta-se uma construção em pedra de granito, já envelhecido e poroso; do lado direito o muro continua desenhando uma reentrância e desta vez aparenta uma superfície de cimento, que provavelmente esconde um miolo de tijolo. Esta dualidade é mediada por um pilar de betão-armado que estabelece a rutura no muro e na imagem. Ao fundo, uma estrada de alcatrão, polido pela água de chuvas apenas caídas, desenha a curva que completa o quadro agarrando-se ao muro com um passeio de blocos de cimento.

Esta fotografia, realizada numa manhã de Fevereiro de 2013, apresenta uma das propriedades da encosta da amostra, sensivelmente 30 metros acima do nível do mar, que foi dividida por uma novo eixo viário complementar ao EN13. Destes rasgamentos resultam parcelas agrícolas divididas e tornadas improdutivas, a impermeabilização do solo e a mistura heterógena de modelos construtivos.

Nesta imagem, revemos uma síntese ao *Enxertar* pela demarcação visível do enxerto, ou seja, da cicatriz que demarca a união entre organismos divergentes: pré-existência e transplante. No contexto desta fotografia e do *Enxertar*, a *Cultura da Desintegração* apresenta-se através da adaptação ou sobre-equipamento da estrutura pré-existente; quando esta não é completamente cancelada, subsiste em realidades fragmentadas, como a do muro de granito, entre asfalto e cimento.

¹⁹ QUEIRÓS, Eça de; *A Cidade e as Serras*, Editora Ulisseia (6ª edição, Braga, 2001 (original de 1901); p.42.

No processo *Enxertar* propomos uma análise aos seus organismos pré-existente e transplantado, respetivamente *Cavalo* e *Ramo*. Neste sentido contrapomos os *Mapas II* (pág. 61) e o *Mapa III* (pág. 63) para explicar não só o contexto que compreendia as ocupações na encosta até à primeira metade do século XX e durante o seu período rural, mas também as transformações que ocorreram no território derivadas da expansão urbana de Viana e dos processos de *Enxertia*.

A descrição do *Cavalo* remonta para a constituição da matriz de ocupação rural na amostra desenvolvida durante toda a Idade Média até ao século XX, mediante a vocação agrícola do lugar. Neste âmbito descrevemos a sua organização em função dos aglomerados ou unidades de exploração situadas na encosta como representação da força dos *patrimónios fundiários*²⁰ que se formaram no seio de determinadas famílias e ao longo de várias gerações. Desta forma salientamos a importância da ocupação na encosta enquanto núcleo ou coração de uma atividade agrícola que se apropriava de toda a amostra e onde a importância das deslocações entre mar, veiga e monte, podia ser revista da resposta dada pela organização viária.

O *Ramo* refere as ações de ocupação que decorreram na amostra com a secessão da atividade agrícola, das quais destacamos os vários processos de loteamento e fragmentação de propriedade, à abertura ou alargamento de ruas e estradas, à impermeabilização e pavimentação do solo, à canalização dos ribeiros e à instalação de infraestruturas elétricas, telefónicas, televisivas ou sanitárias.

Passando-se à descrição das técnicas iniciamos com a *Enxertia de Garfo* e com os *Mapas IV* (pág. 69) e *V* (pág. 67). A *Enxertia de Garfo* implica a supressão de parte do *Cavalo* e da sua fissuração para que se insira o *Ramo* e, neste âmbito referimos aos processos de loteamento e à ocupação dos terrenos agrícolas da encosta, em função da falência dos patrimónios fundiários e da fragmentação da sua propriedade. Nesta situação referimos ainda outro aspeto de supressão e fissuração do cavalo, com a abertura de estradas ou a abertura de passagens subterrâneas da linha férrea.

Finalizamos com a *Enxertia de Placa* que se refere à transformação das superfícies e do chão da amostra e em particular dos espaços da encosta. Neste contexto

²⁰ BAPTISTA, Fernando Oliveira; "A agricultura e a questão da terra - do Estado Novo à Comunidade Europeia" in *Análise Social*, vol. XXIX, pp.907-921, 1994; p.908.

referimo-nos às ações de impermeabilização e pavimentação dos percursos e vias pré-existentes - *quelhas* e *travessas* - bem como ao seu alargamento ou dimensionamento exponencial. Referimos ainda as diversas redes de infraestruturas implícitas às ações de urbanização, como a eletricidade ou a recolha de lixos, que possuem as suas formas próprias de exposição no território, aplicadas, no nosso ponto de vista, enquanto próteses, ou membros destacados por uma visível alienação face ao espaço onde se implantam.

Enxertar pretende demonstrar que a secessão da atividade agrícola tem outro tipo de manifestações para além do abandono dos espaços da veiga que tinham começado por nos inquietar das fases iniciais da investigação. Pelo contrário, o tipo de conflitos que descrevemos em *Enxertar* sobressai a importância do abandono agrícola no surgimento de dinâmicas sociais e económicas exteriores aos domínios rurais. O território e a paisagem registam esta rutura em manifestações de *Desintegração* para nós equivalentes à desintegração da veiga, contrapondo a desocupação pela ocupação intensiva.

3.1.1. CAVALO E RAMO

Para perceber a natureza dos processos de enxertia precisamos de descrever os elementos que a compõem. A enxertia é uma técnica que se aplica a culturas já desenvolvidas com o objetivo de propagação de espécie ou produção de espécies híbridas. Exige, por conseguinte, uma pré-existência que vai incorporar um novo organismo. A esta pré-existência denomina-se de *Cavalo*. O *Cavalo* é a base térrea do enxerto, podendo ser constituída por parte de uma antiga planta cuja copa foi suprimida ou constituir apenas um organismo em crescimento corrente, ao qual se implanta um novo membro a desenvolver.

A enxertia é necessariamente uma técnica que implica o desenvolvimento prévio e lento de um organismo, ou seja, uma pré-existência. É neste sentido que consideramos como *Cavalo* dos processos de *Enxertia* da *Desintegração* a matriz de ocupação rural. Este tipo de cavalo teve igualmente um período longo de constituição e desenvolvimento entrando em rutura com a secessão da atividade agrícola e com os acelerados processos de urbanização que decorreram na amostra a partir dos anos 50.

É neste contraste entre ritmos lentos e rápidos de implantação e transformação do território que se desenvolve a transformação do cavalo: os processos de enxertia, como analisamos nos capítulos seguintes, implicam intervenções no cavalo da ordem da supressão e da fissuração de partes da sua constituição, passando a alojar, por sua vez, novos membros, ou implantes de organismos exteriores.

No sentido de pré-existência suprimida, truncada ou fendida²¹ que olhamos para a matriz de ocupação rural ainda visível no tecido atual da amostra. Pela pesquisa efetuada podemos considerar que a origem desta matriz remonta para o período de romanização dos castros, cujas ruínas são atualmente visíveis no cume do monte de Santa Luzia.

Dos povos que sucederam à romanização das populações castrejas, cujas ruínas se situam no cume do Monte de Santa Luzia, conseguimos perceber que as transformações na agricultura mantiveram sempre uma estreita relação com as técnicas introduzidas pelos romanos. Referimo-nos, nomeadamente às *villae* enquanto unidades de exploração agrícola como modelo base para os *casais*, unidades agrárias desenvolvidas a partir

²¹ SILVA, Cidália; "Território Fissiforme" in *Jornal Arquitectos* n.º 231, Abril-Junho, 2008.

da Idade Média e que perduram até ao século XX como unidades produtivas, mas deixando o seu rosto na toponímia de muitos *lugares* por Portugal.

“Os casais eram um complexo de vários elementos que podemos sistematizar em quatro conjuntos: elementos residenciais, elementos produtivos, direitos de uso, e meios de produção e formas de propriedade. Os elementos residenciais eram maioritariamente de tipo habitacional (*domus*) (). Os elementos produtivos eram árvores e árvores de fruto, vinhas, cortinhas, leiras, campos várzeas e paus, soutos de devesas, terras rotas e por romper. Os direitos de uso e sobre meios de produção eram as entradas, saídas, montes e fontes, águas, moinhos e seus assentamentos, e pesqueiras [camboas]. O regime de direitos sobre meios de produção e formas de propriedade cifravam-se em termos de casal, herdade e quintã.”²²

Pela Idade Média e com a acentuação dos poderes do clero e da nobreza, os casais estavam sempre associadas à posse dos conventos ou de representantes do rei sendo trabalhadas por caseiros e agregados familiares que as arrendavam²³. Com o decorrer do tempo e o passar das gerações certas unidades agrárias ganharam proporção significativa correspondendo a um particular a posse de muitas terrenos cultiváveis espalhados pela amostra e pela região. Os *patrimónios fundiários* caracterizam a construção, no tempo e através de gerações dentro de um agregado familiar, de um sistema de vasto de terrenos cultiváveis espalhados pela região.

As visitas ao lugar foram sempre marcadas por uma inquietação específica relativa à constituição e distribuição da propriedade. Por um lado reconhecíamos um território fragmentado pela propriedade individual, por outro conseguimos identificar que muitas das estruturas que materializam esta divisão, ou seja, os limites das propriedades, eram muitas vezes marcados por longos segmentos de muros de granito envelhecido. Da mesma forma, associados geralmente a estes segmentos localizavam-se, sobretudo nas cotas mais altas da encosta, tipologias de habitação, cuja arquitetura se faz sobressair da envolvente pela dimensão e detalhe construtivo.

²² ABREU, Alberto A.; História de Viana do Castelo, C.M. Viana do Castelo, Viana do Castelo, 2009; p.194.

²³ CALDAS, Joaquim Castro, [Alto Minho: Caseiros sem Terra à Terra sem Caseiros] in BRITO, Joaquim Pais de, e outros (coord.), O Voo do Arado, Museu Nacional de Etnologia, Lisboa, 1996.

É com base na presença deste tipo de limite de propriedade e na implantação deste tipo de habitação que tentamos desenvolver uma interpretação da ocupação da encosta no final da primeira metade do século XX e na resolução da plenitude da agrícola e rural. Com o *Mapa II* (pág. 61), partindo da Carta Militar de 1949 (Anexo II, página 128) e de outros conhecimentos adquiridos, tentamos realçar a formação e delimitação de propriedades na encosta. Pretendemos realçar a associação dos diferentes aglomerados visíveis em função de um determinado terreno que caracterizava a unidade de exploração agrícola, ou casal, e que era marcada pela implantação de um *solar*, a casa do grande proprietário.

“Na base dos contratos tradicionais, estava a cedência a uma família de cultivadores de uma propriedade composta por terrenos de cultivo e cultura permanentes, dotadas de casa de habitação e de instalações agrícolas rudimentares e com acesso a uma área florestal - a ‘bouça’ - onde se obtinham matos para fabrico de estrume e complemento da alimentação do efetivo pecuário no pastoreio dos animais. O início da vida do caseiro coincidia normalmente com a altura do seu casamento. Ou sucedia nessa condição por morte ou incapacidade dos pais, ou entrava de novo para uma exploração, com o potencial de força de trabalho da sua família e, por vezes, já endividado pela compra dos utensílios indispensáveis que o senhorio não fornecesse. (...)”²⁴

Os aglomerados que vemos organizados na encosta constituíam parte das propriedades correspondentes aos diferentes, mas poucos, patrimónios que possuíam quase a globalidade de terrenos cultiváveis da amostra. Através de arrendamentos e parcerias as terras eram trabalhadas sempre por mão-de-obra exterior, isto é, por famílias de lavradores que ocupavam tanto as terras como as próprias habitações que o patronato dispunha.

Assim como na veiga estes terrenos eram colocados a produzir através de recorrentes ações de terraplanagem de terreno obrigando a população a árduos processos de brita do granito do qual o solo é maioritariamente constituído. Estas parcelas eram dedicadas a culturas hortícolas ou frutícolas, impossíveis de desenvolver na veiga dada a proximidade ao mar e a forte presença de sal transportado pelo vento. Neste contexto conseguimos identificar a importância dos muros na proteção tanto de animais, pessoas

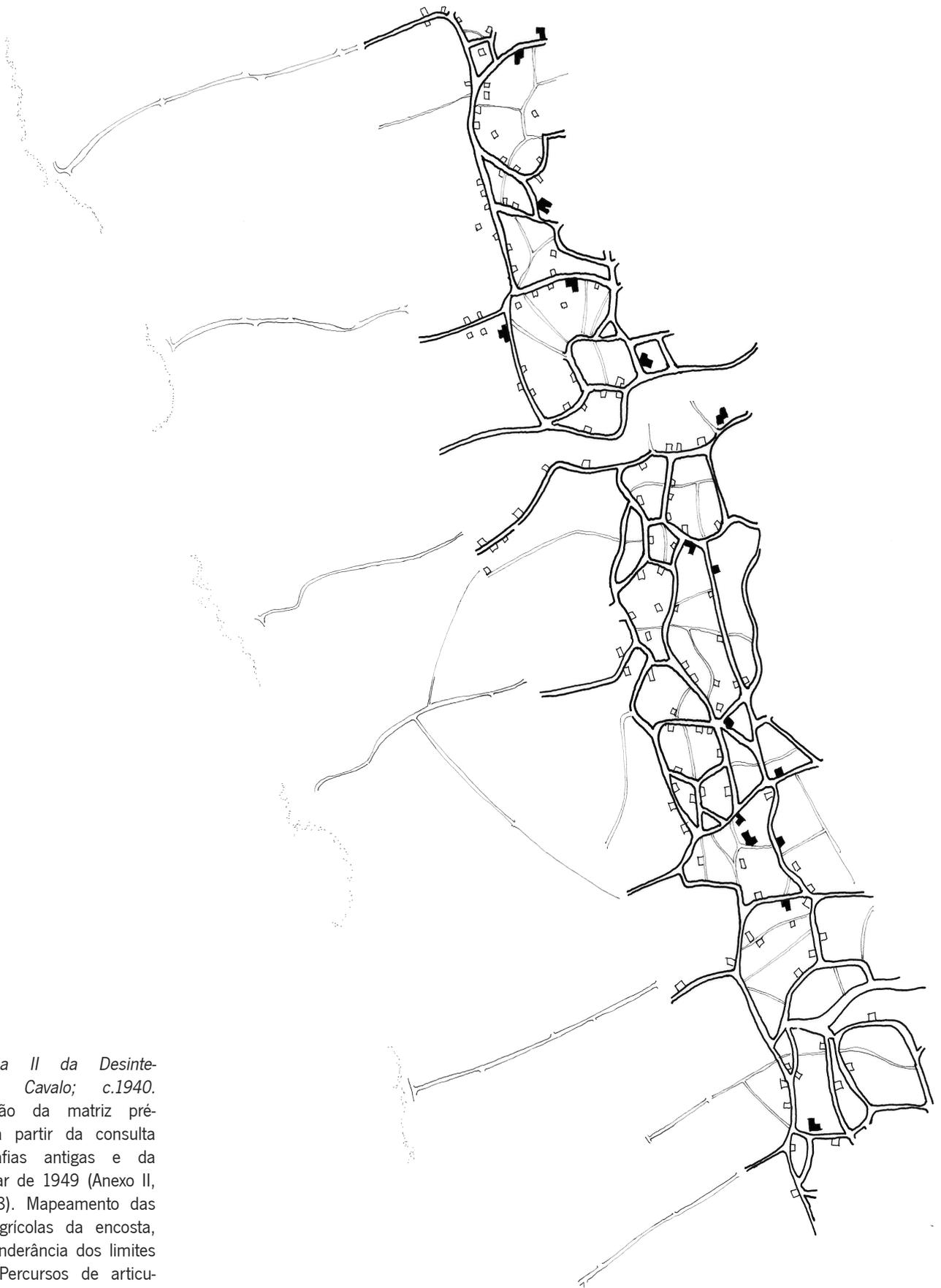
²⁴ ABREU, Alberto A.; *História de Viana do Castelo*, C.M. Viana do Castelo, Viana do Castelo, 2009; p.194.

e culturas, contra o vento e ainda a constituição de suporte aos terrenos nivelados. A sua dimensão acentuada devia-se ainda à colocação, ou 'arrumo', do granito que era britado nos terrenos tornados socalcos, num processo impar de sustentabilidade.

O tipo de assentamento que tentamos tornar é visível no *Mapa II* demonstra ainda um grau de relação significativo com a veiga. No negativo das formações parcelares que dividiam a encosta sobressai a estrutura viária que articula os diferentes casais, na longitudinalidade, mas constrói uma relação de grande proximidade tanto com a veiga como com a própria cumeada. Na encosta dispunham o núcleo da atividade agrícola, contudo, o sistema de produção obrigava e diversas deslocações entre monte, veiga e orla: na encosta concentravam-se as casas de lavoura com os currais para o gado e celeiros para armazenamento, havendo ainda terrenos entregues à policultura; na proximidade da cumeada encontravam-se as ditas *bouças* onde se desenvolvia matos que sazonalmente era roçado e dado aos animais para produção de estrume; na orla apanhava-se e roçava-se o sargaço que crescia nos afloramentos rochosos, sendo também esta matéria aplicada como adubo; na veiga, concentrava-se a produção do 'maís' ou milho grosso, que comumente se designa por milho; finalmente, os moinhos espalhavam-se por toda a amostra entre os movidos a água, que podia ladear os ribeiros e os movidos a vento implantados na orla costeira.

Como referimos, o relacionamento entre todas estas estruturas de exploração agrícola específicas estavam estabelecendo-se por intermédio de uma estrutura viária composta de *travessas* e *quelhas*, que consistiam numa série de corredores estreitos entre os vastos muros. As *travessas*, como o nome indica, eram ruas transversais orientadas a este-oeste e que correspondiam normalmente a ruas ascendentes e íngremes. As *quelhas* denominavam um tipo de travessa mais estreita, onde se acentua a altura dos muros e a redução de luz.

A presença na atualidade destes elementos de percurso também marcaram as visitas que realizamos ao lugar. No *Mapa II* tentamos relacionar a estrutura parcelar da encosta com os percursos que organizam a veiga transversalmente; algumas das *travessas* que cruzam a encosta desde cumeada percorrem as cotas baixas no mesmo sentido até à orla estabelecendo assim uma relação física e direta. As *quelhas*, representamos enquanto percursos interiores às parcelas tentando evidenciar o seu carácter alternativo



42. *Mapa II da Desintegração - Cavaló; c.1940.* Reconstrução da matriz pré-existente a partir da consulta de fotografias antigas e da Carta Militar de 1949 (Anexo II, página 128). Mapeamento das parcelas agrícolas da encosta, com preponderância dos limites murados. Percursos de articulação da veiga com aglomerados da encosta: *quelhas e travessas*.



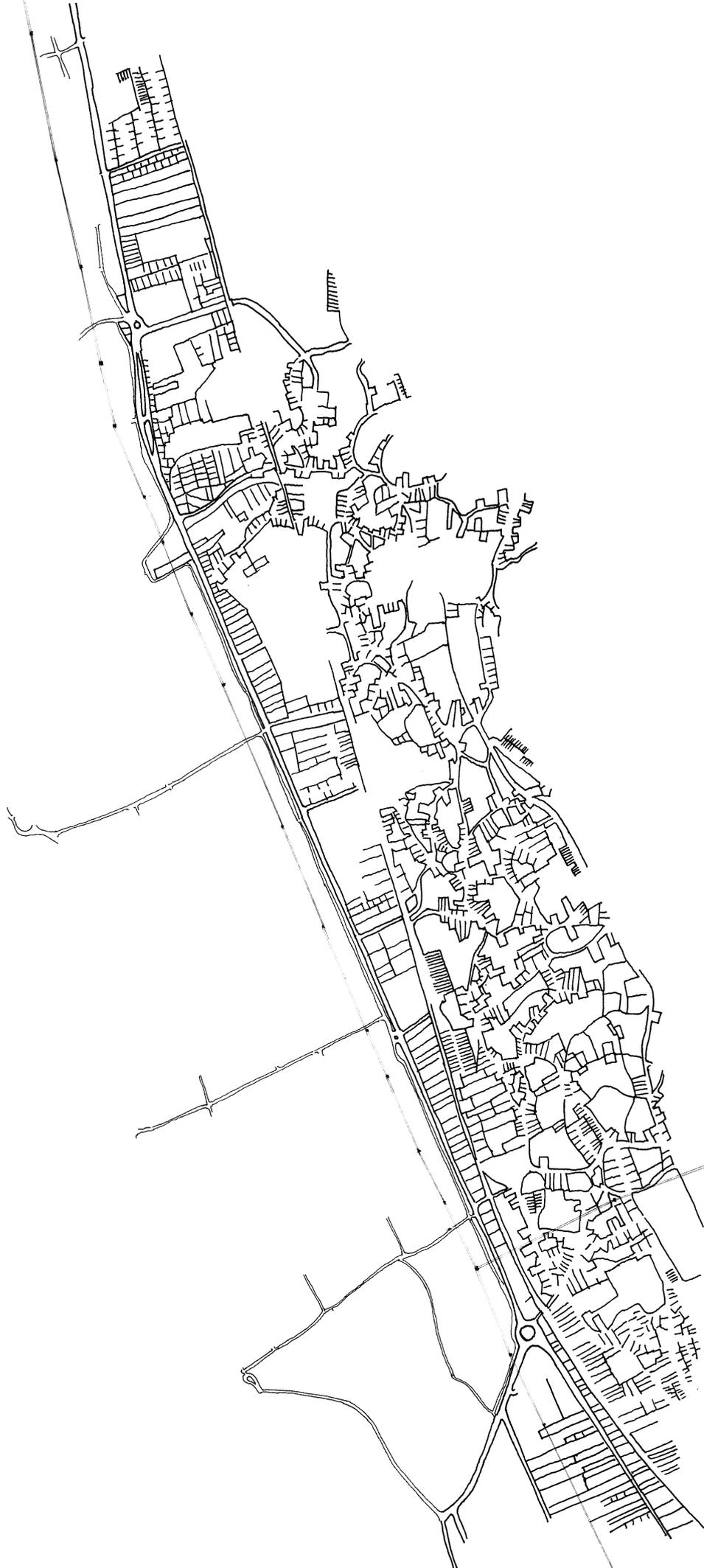
ou secundário na hierarquia. No Mapa II, e na sequência da representação das estruturas que permitem a deslocação entre mar, veiga e monte, optamos por omitir a linha ferroviária, tendo em conta a sua integração nos percursos existentes por intermédio de passagens de nível ou subterrâneas.

Com a secessão da atividade agrícola e desintegração das comunidades rurais na viragem para a segunda metade do século XX, parte da matriz de ocupação rural é suprimida e cruzada com regimes de ocupação divergentes das lógicas agrícolas e dos lentos processos de constituição do *Cavalo*. Da secessão da atividade agrícola surgem novas dinâmicas sociais e económicas, como comércio ou indústria, que vão ocupar os terrenos agrícolas abandonados provocando um conjunto de conflitos e manifestações que caracterizam as ações do *Enxertar*.

Ramo é termos utilizado para designar o organismo que se vai destacar de uma outra planta e implantar no cavalo e que se faz corresponder ao tipo de enxertia executada: para a *Enxertia de Garfo* implantamos um *Ramo* que é biselado na ponta, 'garfado', e depois inserido no cavalo; para a *Enxertia de Placa*, substituímos parte da casca do cavalo por uma outra superfície de uma outra planta com uma ponta de onde brotará o novo ramo.

Nas visitas ao lugar conseguimos perceber que a encosta era marcada por uma mistura acentuada de tipologias de ocupação. Reconhecemos que a habitação é a forma que mais proliferou e incitou a fragmentação deste território, no entanto, conseguimos identificar que a presença da EN13 atrai muitas ocupações comerciais e industriais. Desta forma conseguimos perceber que as estruturas que identificamos no *Mapa II*, foram transformadas pelos diferentes ritmos e processos que corresponderam ao crescimento e expansão da cidade de Viana.

Observando o *Mapa III*, na página ao lado, conseguimos perceber que as estruturas que tínhamos destacado como cavalo no *Mapa II* apresentam-se agora fragmentadas mediante imposição dos regimes de propriedade e ocupação que surgiram em função da desintegração da agricultura da amostra. Ambas as representações correspondem à mesma área da amostra nos dias de hoje ou na década de 40, respetivamente. Tal como no *Mapa II*, no *Mapa III*, tentamos realçar a estrutura parcelar; percebemos que as parcelas que eram bem definidas por muros ou aglomerados aparecem agora subdivididas em múltiplas parcelas que se sobrepuseram a esses limites,



43. *Mapa III da Desintegração - Ramo; c.2010.* Representação da fragmentação parcelar decorrida na amostra identificada no *Mapa II*, nos últimos 60 anos. Sobre-ocupação e imposição infra-estrutural.

0 100 200 500



suprimindo-os ou quebrando-os. Da mesma maneira procuramos salientar a relação com a veiga e com a orla que no caso do *Mapa III* se manifesta pela ausência. Com a alterações das passagens de nível e aumento de fluxos de tráfego na EN13, ambos eixos de comunicação parecem-nos passar a exercer um acentuada condição de limite, uma perspectiva contrária à integração que manifestavam no *Mapa II*, e durante os períodos de maior expressão rural.

Neste sentido, enquanto *Ramo*, identificamos os diferentes processos de urbanização da amostra decorrentes nos últimos 60 anos. Podemos destacar essencialmente as ações que constituem a formação de loteamentos para habitação familiar singular ou em banda nos terrenos da encosta previamente dedicados à agricultura e ainda as diversas construções infraestruturais que transformaram a pré-existente ou se implantaram superficial na amostra, como o caso do alargamento das ruas, travessas e quelhas, a impermeabilização do solo e a implantação das redes de eletricidade, televisão, saneamento público, etc.

Estas implantações implicaram grandes transformações nas áreas da amostra interferindo e cruzando-se com a pré-existência rural. Em situações em que a supressão não é total manifesta-se sempre um carácter impositivo sem que sejam feitas tentativas de integração.

Com as novas dinâmicas sociais e económicas surgiram novas redes infraestruturais que também têm o seu impacto nos espaços atuais da amostra e a sua relação específica com a superfície do território, tendo em conta que com os automóveis veio o asfalto, com a habitação a eletricidade, o saneamento básico e o telefone, todos requerendo estruturas que hoje possuem uma exposição significativa.

No meio das revoluções que envolviam a superação da atividade agrícola e a apropriação do território mediante novas orientações, a pré-existência de matriz rural foi talhada de quase toda a sua copa e é agora apenas um velho cavalo de onde se montam diversos ramos de espécies várias, sintomaticamente *transgénicas*:

“Quando o abandono dos campos e da agricultura não significa abandono das gentes, a ruralidade transforma-se por dentro ou é absorvida pelo que dá o nome de urbanização. Existem duas maneiras de entender isso. Uma, a mais correntemente usada é a da cidade que cresce *em mancha de óleo*, processando e engolindo território rural como uma espécie de ceifeira-debulhadora-enfardadeira a lavar sobre seara limpa. Outra é a mutação *in situ*

da ruralidade, que será também chamada urbanização porque falta outro nome que escape ao simplismo da dicotomia rural/urbano.”²⁵

²⁵ DOMINGUES, Álvaro; *Vida no Campo*, Dafne Editora, Porto, 2011; p.38.

3.1.2. ENXERTIA DE GARFO

No presente capítulo procuramos a caracterização de um tipo específico de enxertia, a *Enxertia de Garfo*.

Para a *Enxertia de Garfo* necessitamos de uma planta já em estado avançado de desenvolvimento, com profundas raízes no solo, da qual se possa talhar a copa, ou parte aérea com o intuito de reutilizar a parte térrea dessa planta.

É neste sentido que olhamos para as transformações derivadas da *urbanização* da amostra, como sucessivos processos de supressão de parte da pré-existência e incorporação de organismos novos, de espécies e plantas diferentes. O resultado é uma espécie de construção mutante de mistura heterogénea entre as residuais marcas da implantação pré-existente e a aglutinação intensiva de edificado.

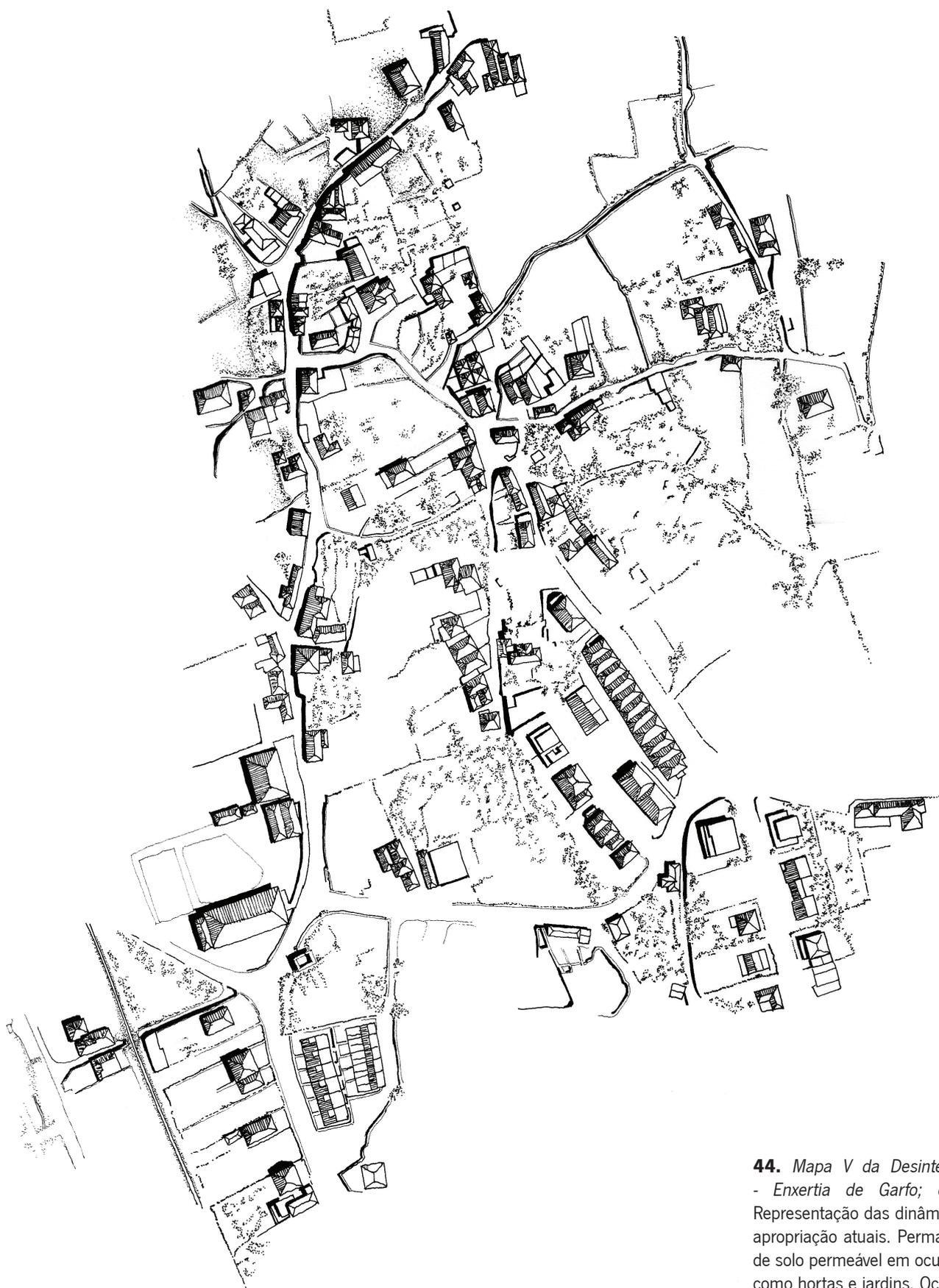
A formação heterogénea que advém das *Enxertias de Garfo* apresentam-se nos espaços da amostra sob manifestações diversas mas implicando quase sempre a fragmentação de uma propriedade vasta - *ex-património fundiário* - em loteamentos a ser ocupados essencialmente por habitação.

Com os *Mapas IV* (pág. 69) e *V*, na página ao lado, tentamos representar algumas das parcelas que identificamos no capítulo anterior e na *Mapa III* (pág. 63), em função da sua divisão e fragmentação resultantes dos processos de loteamento. Tentamos dar um realce particular aos muros que nas visitas a lugar identificamos como pré-existentes. Com a sua imposição contrastam as esguias estruturas que comportam os loteamentos de habitação unifamiliar mais recentes. Como podemos observar as novas implantações, ou ramos, implicam geralmente a transformação dos limites das parcelas que constituíam as antigas parcelas agrícolas resultando na supressão parcial do muro.

Noutros casos conseguimos identificar loteamentos que ocupam o interior das parcelas obrigando à abertura de novos arruamentos que intersejam e *fissuram* os muros.²⁶

Com a secessão da atividade agrícola houve muitos proprietários que faliram e tiveram de vender parte dos terrenos. Com a acentuação de terras incultas e ocupadas por vegetação selvagem, a passagem dos terrenos do sistema agrícola para o sistema de imobiliário de construção civil pareceu constituir a única alternativa economicamente viável para tantos terrenos.

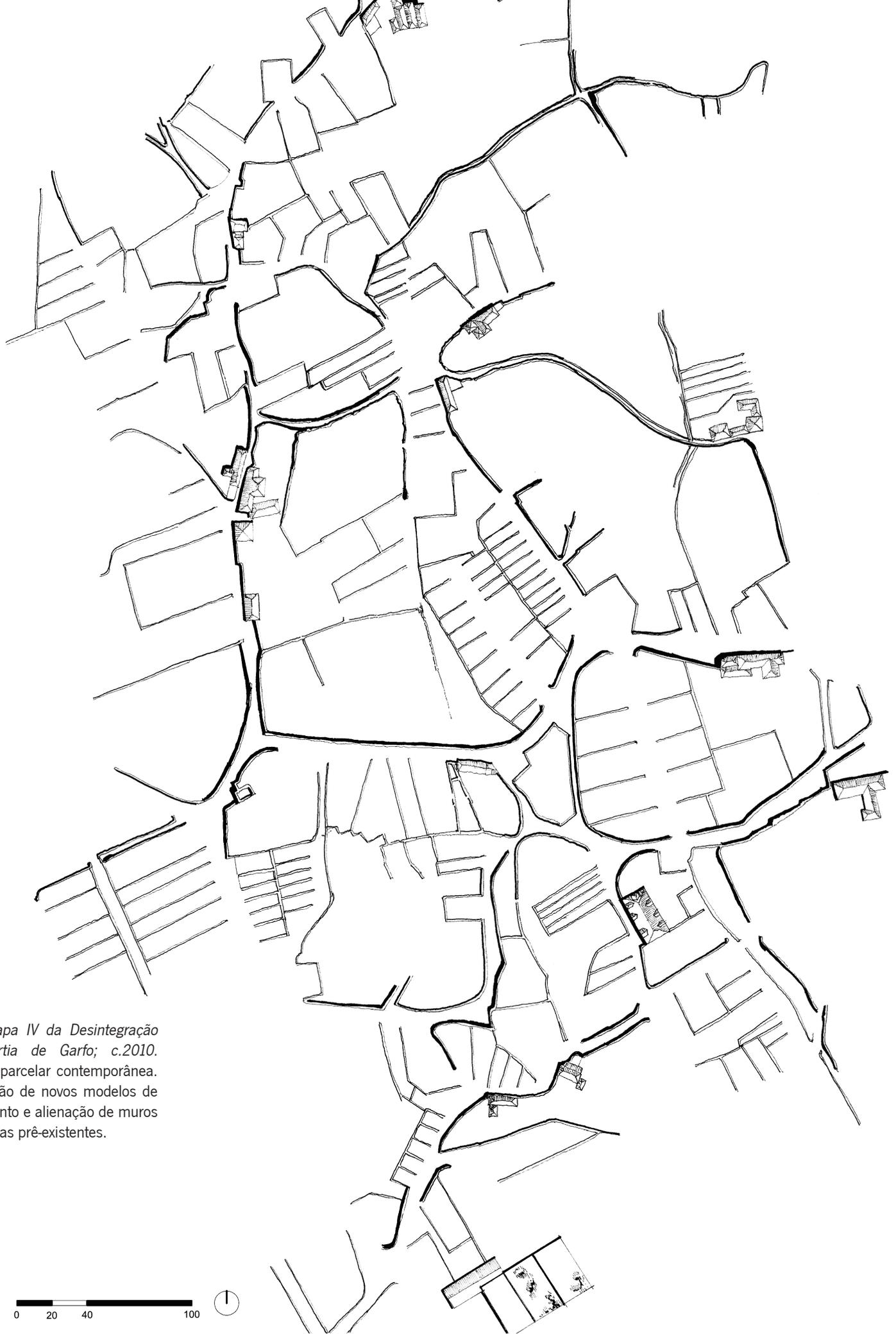
²⁶ Ver, por exemplo, as fotografias 21 a 31 do volume I.



44. *Mapa V da Desintegração - Enxertia de Garfo; c.2010.* Representação das dinâmicas de apropriação atuais. Permanência de solo permeável em ocupações como hortas e jardins. Ocupação com loteamentos e abertura de novas ruas através do rompimento das parcelas.

0 20 40 100





45. *Mapa IV da Desintegração - Enxertia de Garfo; c.2010.*
Divisão parcelar contemporânea.
Imposição de novos modelos de loteamento e alienação de muros e parcelas prê-existentes.

3.1.3. ENXERTIA DE PLACA

A *Enxertia de Placa* advém substancialmente da transformação da superfície, podendo ser aplicada em organismos em crescimento sem que seja precisa a supressão ou poda da parte aérea como no caso da enxertia de garfo.

Anteriormente referimos a supressão de parte da pré-existência para incorporação de ramos novos, derivados das implantações que caracterizaram o surgimento de dinâmicas sociais e económicas exteriores à agricultura. A *Enxertia de Placa* aplica-se em função da substituição e reposição das superfícies do organismo.

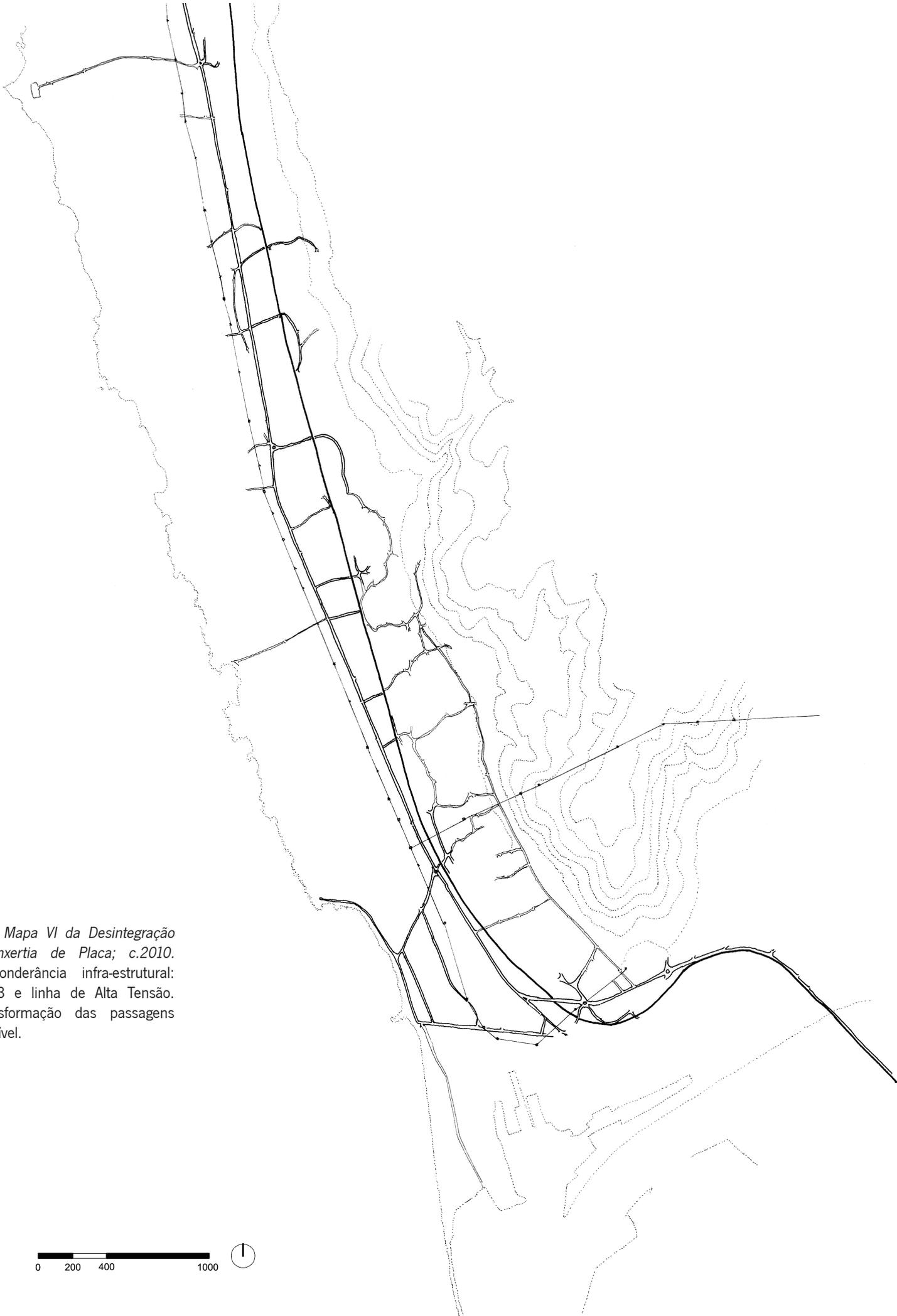
Nas visitas ao lugar denotamos que paralelamente à ocupação habitacional as redes infraestruturais de eletricidade, telefone, televisão, etc. encontravam um forma particular de se implantar e encastrar no território. Da mesma forma verificamos que a estrutura de distribuição viária da matriz rural sofreu grandes alterações em função da necessidade de resposta ao tráfego automóvel.

Como tentamos representar nos *Mapas VI* (pág. 73) e *VII* (pág.75), vemos a acentuação do tráfego da EN13 e conseqüente destaque da restante estrutura viária e ainda a demarcação de um eixo secundário, alternativo na encosta. Este traçado secundário proporcionou-se através da divisão dos grandes terrenos agrícolas que observamos no *Mapa III* (pág.63). Em particular no *Mapa VI* vemos como duas linhas de cabos e postes de alta tensão marcam pontualmente o solo da veiga e o espaço da amostra. Desta rede principal que abastece também a cidade de Viana, difundem-se redes secundárias que encontram sempre no céu o caminho para cada edifício.

Na relação entre estes eixos e a linha ferroviária permanecem ainda as *travessas* às quais foi proporcionado o devido alargamento e pavimentação em alcatrão²⁷. Algumas das travessas que relacionavam as implantações da encosta com os percursos da veiga são tornadas obsoletas com o encerramento de determinadas passagens de nível. Nas visitas ao lugar percebemos que muitas das antigas passagens de linha férrea que possibilitavam a distribuição pela veiga foram determinantemente alteradas, já não restando qualquer passagem de nível permitida a peões ou veículos, sendo todo o fluxo móvel remetido para túneis e passagens subterrâneas.

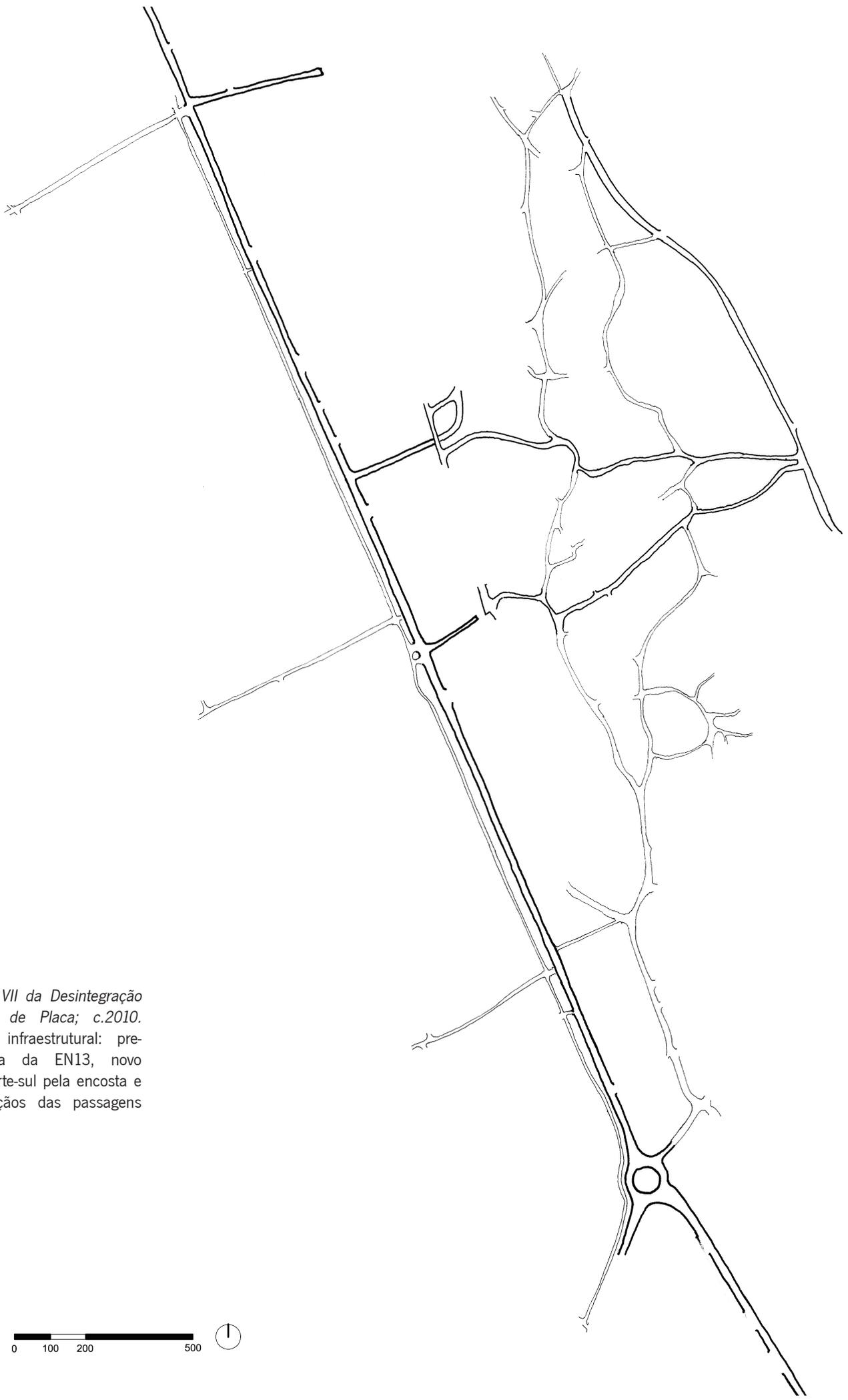
²⁷ Ver, por exemplo, a fotografias 32 a 34 do volume I.

O tipo de *Enxertia de Placa* que caracteriza a *Desintegração* manifesta-se por conseguinte pela intervenção e transformação das superfícies da amostra. Este processo específico de propagação da cultura da desintegração apresenta novamente um grau de transformação muito acelerado implantado na pré-existências sem perspectivas visíveis de integração ou aproveitamento. No caso dos traçados e percursos, a hierarquia que organizavam os diferentes momentos da deslocação são praticamente invisíveis dados os alargamentos e pavimentação, bem como destruição dos muros.



46. *Mapa VI da Desintegração*
- *Enxertia de Placa*; c.2010.
Preponderância infra-estrutural:
EN13 e linha de Alta Tensão.
Transformação das passagens
de nível.





47. *Mapa VII da Desintegração - Enxertia de Placa; c.2010.*
Hierarquia infraestrutural: preponderância da EN13, novo traçado norte-sul pela encosta e transformações das passagens de nível.



3.2. ADUBAR

*Aqui na orla da praia, mudo e contente do mar,
Sem nada já que me atraia, nem nada que desejar,
Farei um sonho, terei meu dia, fecharei a vida,
E nunca terei agonia, pois dormirei de seguida. (...)*

*Por isso na orla morena da praia calada e só,
Tenho a alma feita pequena, livre de mágoa e de dó;
Sonho sem quase já ser, perco sem nunca ter tido,
E comecei a morrer muito antes de ter vivido.*

*Dêem-me, onde aqui jazo, só uma brisa que passe,
Não quero nada do acaso, senão a brisa na face;
Dêem-me uma vago amor de quanto nunca terei,
Não quero gozo nem dor, não quero vida nem lei. (...)²⁷*

O presente capítulo denomina-se *Adubar* e pretende demonstrar os processos de correção nutritiva e adubação do solo que permitiram o desenvolvimento fortalecido da *Cultura da Desintegração*. A ação de *Adubar* implica, nos domínios agrícolas, a aplicação de substâncias orgânicas ou industriais nos solos cultivados. O objetivo principal é providenciar ao solo substâncias nutritivas que este não possui para exonerar os níveis de fertilidade e produtividade.

Também podemos observar o processo de adubação relativamente à *Cultura da Desintegração*. No sentido da sua própria exoneração observamos que a *Desintegração* das atividades e espaços agrícolas da amostra foi bastante influenciada pelas transformações das atividades costeiras, como a pesca menor, a pesca em camboas ou o roço do sargaço. Do nosso ponto de vista, existiram formas de *Desintegração* específicas que advieram da desintegração da orla costeira e que contribuíram para um desenvolvimento mais consistente da *Cultura da Desintegração* e que funcionaram como adubo.

A fotografia síntese (imagem 31, página 46) apresenta um abrigo implantado num dos terrenos da veiga na orla. Estes abrigos podiam ser encontrados ao longo da costa pois serviram durante bastante tempo os propósitos da sargação, funcionando como armazém de utensílios. Com a secessão desta atividade os abrigos deixaram de ter um propósito e podem, atualmente, ser encontrados a debaterem-se contra a intempérie e contra a vegetação selvagem que vai ocupando as parcelas. O facto de se implantarem na veiga, embora muito próximos da costa, demonstram como pesca e agricultura, mar e terra, faziam parte da mesma lógica de apropriação. A fotografia apresenta a parte traseira de uma dos abrigos, onde se pode ler a diversas sobreposições de materiais como tentativa de restauro. Ao fundo, um poste arrasta a corrente elétrica pela marginal que chega desde a EN13 até concluir o seu percurso no campo de jogos. (imagem 37, página 47).

Para caracterizar a adubação específica do Litoral Norte de Viana identificamos três processos distintos: *Adubação Foliar*, *Adubação Fracionada* e *Adubação de Fundo*.

Iniciamos com a *Adubação Foliar* com o intuito de aludir aos despojos e detritos

²⁸ PESSOA, Fernando; "Aqui na orla da praia, mudo e contente do mar"; em MONTEIRO, Adolfo Casais (intro. e seleção) *Poesia de Fernando Pessoa*; Presença, Lisboa, 2006. (original de 1929).

despejados pontualmente por toda a orla costeira. Apontamos esta ação, dos dias de hoje, como um tipo de apropriação que prejudica as superfícies e o ambiente dos espaços da orla. É um tipo de adubação que deriva do abandono corrente e generalizado dos espaços da orla, da sua desocupação e não afluência e que por estes motivos parece oferecer o encobrimento adequado a este tipo de comportamentos individuais e comunitários.

Seguidamente traçamos um outro quadro correspondente a comportamentos atuais e que derivam, invariavelmente, da não afluência e abandono. Enquanto *Adubação Fracionada* apontamos para as pontuais implantações edificadas que foram surgindo ao longo do tempo. Neste âmbito apontamos para a implantação de um campo de jogos e de uma ETAR. Ambas as intervenções marcaram períodos e tentativas distintas de reaproveitamento da orla e que no nosso ponto de vista serviram para fortalecer a *Cultura*. Através da *Adubação Fracionada* pretendemos demonstrar a permanência de atitudes em prol da ocupação da orla que se vão materializando ao longo dos ciclos da desintegração por intervenções pontuais. Qual será a próxima?

O recuo no tempo permite-nos mais uma vez compreender que tipo de funções a orla desempenhava durante proeminência agrícola da amostra. Desta forma demonstramos que com a entrada do século XX foram instauradas políticas que intervieram decisivamente nas diversas técnicas e apropriações que permitiam às comunidades explorar certos recursos do mar. A pesca em camboas, bem como o roço do sargaço eram duas dessas atividades que hoje praticamente não existem tendo sido proibidas pelos órgãos de soberania. Este último caso representa a *Adubação de Fundo*, uma adubação que se realizou previamente à emergência da *Cultura da Desintegração* e que deriva fundamentalmente da destruição das camboas nos anos 30 e 40 e das restrições à apanha do sargaço no início do século XX.

3.2.1. ADUBAÇÃO FOLIAR

Para iniciar as representações que ilustram as etapas que nos ciclos da *Cultura da Desintegração* correspondem à sua adubação e fortalecimento nutritivo apresentamos uma técnica que se aplica com a cultura já desenvolvida, a *Adubação Foliar*. A *Adubação Foliar* tem como objetivo tentar descrever um composto de matérias aplicadas às superfícies da *Desintegração*, matérias que, por serem facilmente assimiláveis, provocam reações instantâneas nos espaços da amostra do Litoral Norte de Viana. Com esta alusão pretendemo-nos referir à presença massificada de lixos e detritos despojados nos espaços costeiros contribuindo para a desintegração do seu ambiente.

Nas sucessivas visitas ao lugar e percursos pela orla inquietou-nos o facto de os seus espaços serem marcados pela presença pontual de lixos e resíduos depositados na proximidade ao mar ou no mato das parcelas agrícolas que marginam a orla. Por um lado conseguimos identificar que muitos dos resíduos que encontramos eram depositados pelo próprio mar e que são resíduos provenientes das atividades costeiras, por outro percebemos também que os resíduos depositados nos matos são de um contexto exterior às atividades piscatórias, tendo sido propositadamente despejados.

Através do *Mapa VIII* (pág. 82) procuramos a representação do percurso marginal que pode ser percorrido ao longo da orla e de onde sobressaem os espaços conquistados às parcelas pelos depósitos de lixo. Tentamos ainda representar a concentração destes pequenos nichos explorando um lado da orla que contrasta bastante com o tipo de experiências que podemos usufruir do contacto com o mar.

A sensação com que ficamos nas visitas e que tentamos traduzir nesta representação procuram extrair da vivência da orla o contacto com o mar, contrastando-se a evasão inerente à experiência do horizonte longínquo com os limites impostos pelos lixos depositados.

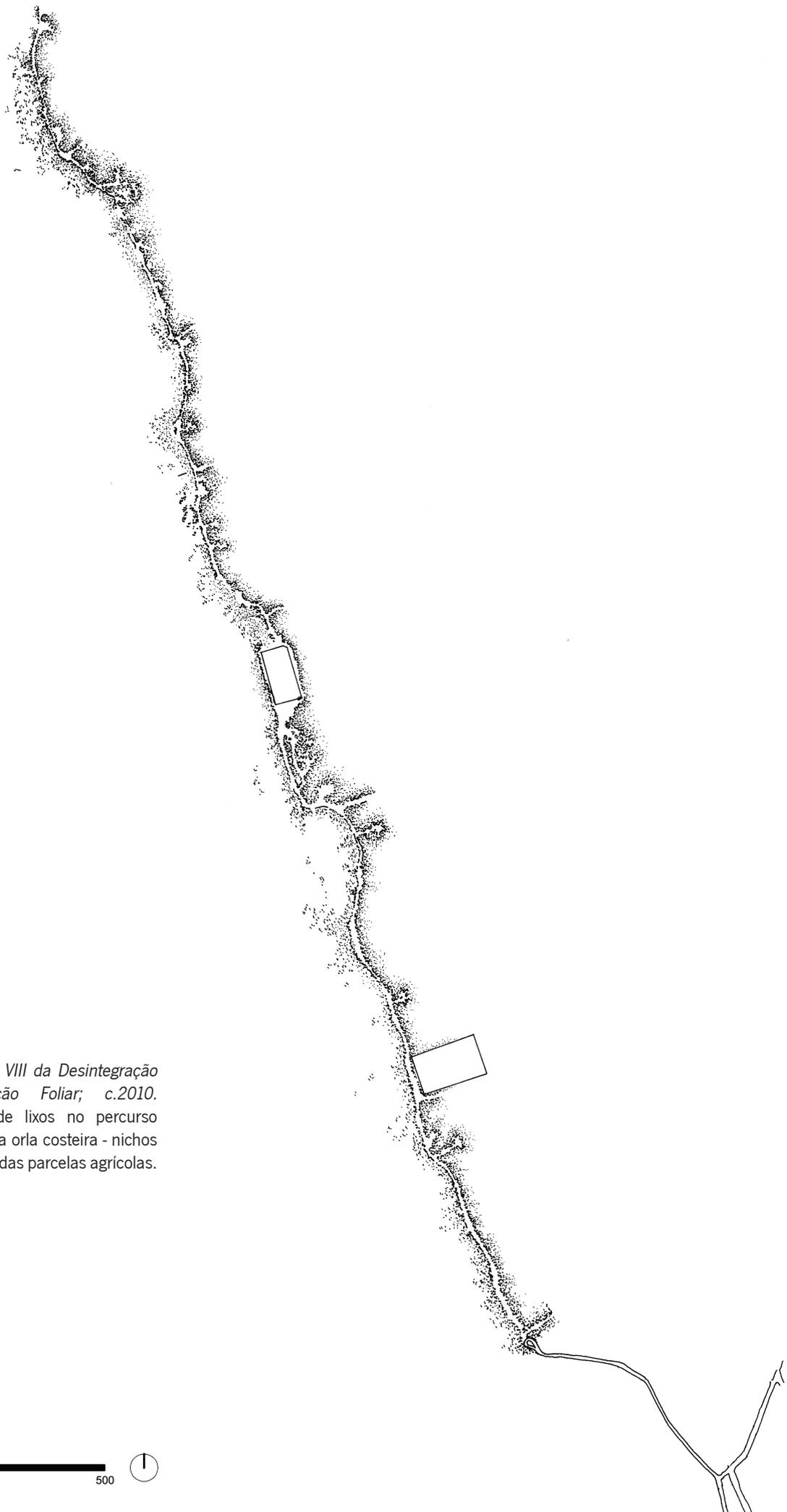
No nosso ponto de vista, a apropriação corrente do espaço da orla não ultrapassa estes limites retendo-se bastante pela possibilidade de lhe podermos aceder via automóvel, estacionar, e desfrutar do mar no interior dos nossos veículos.

Apesar do estado de desintegração a orla é um espaço que pode oferecer ótimas condições à fruição do mar. É de alguma forma um lugar recôndito e afastado das dinâmicas do quotidiano da cidade de Viana, o que pode ser valorizável se

procurarmos a *companhia da maresia*, ou algum lugar menos visível onde possamos despejar algum entulho.

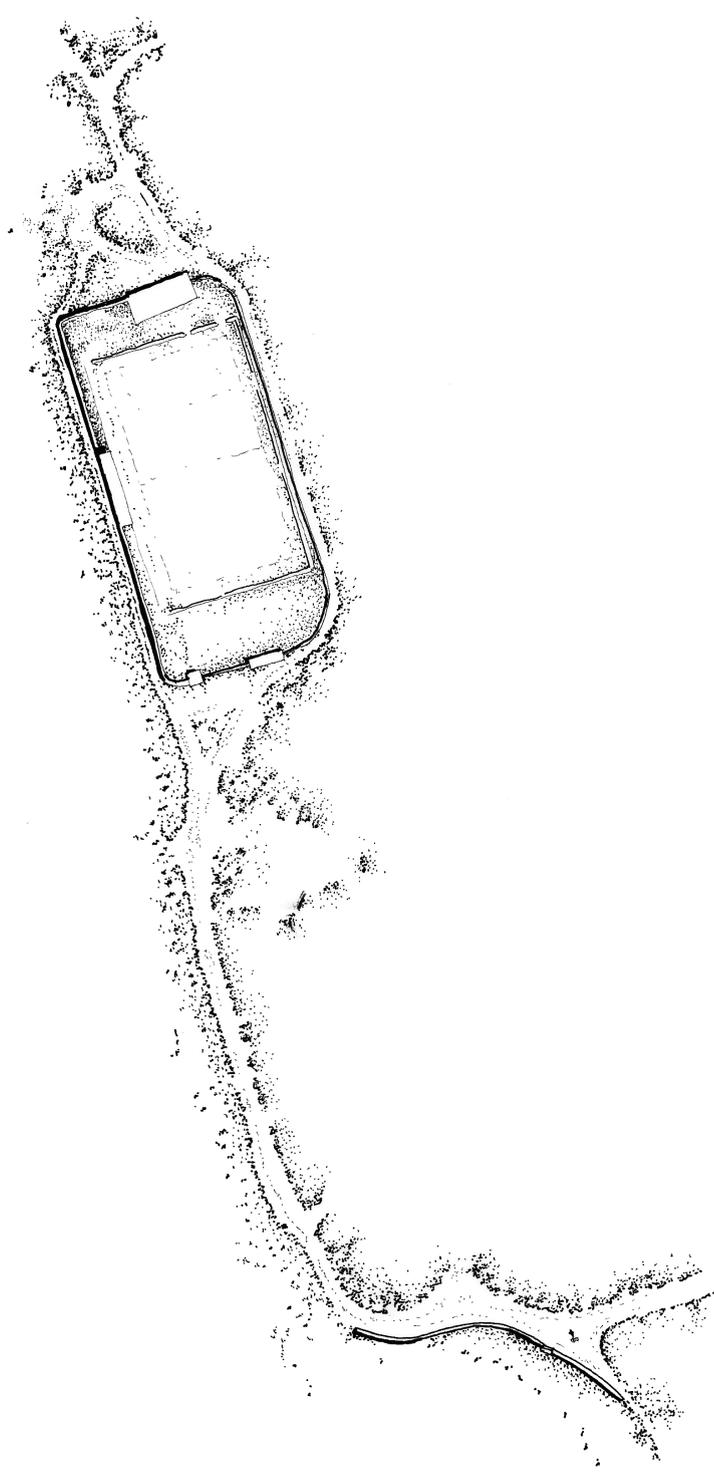
Apesar de apresentar alguma frequência a orla costeira não apresenta atualmente qualquer ocupação passível de ser identificada enquanto estratégia dinamizadora ou integrante dos seus recursos. Tal como reconhecemos enquanto *Adubação de Fundo* (pág. 85), a determinado período da história da amostra, as atividades costeiras foram restringidas ou proibidas, retirando assim à orla a sua importância dentro dos ciclos de produtividade primários. Desde então as intenções de apropriação da orla não dizem respeito à exploração dos seus recursos mas à conservação dos mesmos, por intermédio de salvaguardas ambientais e ecológicas que perdem todo o sentido face a imagens como aquelas que temos vindo a apresentar.

A orla costeira demonstra assim formas específicas de *Desintegração* associadas ao comportamento comunitário e ao facto de não existir manutenção e limpeza dos seus espaços. Contrastando largamente com a veiga ou a encosta, onde a propriedade se define afincadamente, a orla costeira parece-nos ser *terra de ninguém*, parecendo clara a inexistência de uma intenção de responsabilidade para o seu estado de facto.



48. *Mapa VIII da Desintegração*
- *Adubação Foliar*; c.2010.
Deposito de lixos no percurso
marginal da orla costeira - nichos
nos matos das parcelas agrícolas.





49. *Mapa IX da Desintegração - Adubação Fracionada; c.2010.* Porto da Vinha, cruzeiro cerimonial em honra da Sr. da Vinha e campo de jogos construídos nos anos 70 entre os afloramentos rochosos e a veiga.



3.2.2. ADUBAÇÃO FRACIONADA

A *Adubação Fracionada* é semelhante à *Adubação Foliar* tendo em conta as suas aplicações nas culturas já em crescimento, ou seja, ambas se aplicam após sementeira e germinação, contudo, a *Adubação Fracionada* implica regimes periódicos e sistematizados. Enquanto *Adubação Foliar* referimos que o tipo de composto pulverizado pelas superfícies da *Cultura da Desintegração*, o despejo de lixos e detritos nos espaços da orla costeira, caracterizam parcialmente a sua condição atual. Como vimos, estes comportamentos podem emergir fundamentalmente da ausência de utilidade da veiga, da sua desocupação e conseqüente ausência de estratégia de manutenção e limpeza.

Quando referimos ausência de estratégia estamos-nos fundamentalmente a referir a ações que consigam mediar as qualidades dos espaços da orla, assim como os seus recursos, com as necessidades dos indivíduos que atualmente ainda a procuram.

Os casos que tornamos evidentes com a *Adubação Fracionada* apresentam respostas a esta procura comunitária e individual mas também alternativas aparentes ao abandono e falta de manutenção, realizadas por influência de programas de natureza política, ecológica e religiosa.

Com o *Mapa IX* (pág. 83) propomos uma aproximação a um espaço particular da orla costeira que nos inquietou desde o início da pesquisa. Tal como no *Mapa VIII* (pág. 82) tentamos restringir a vivência da orla ou percurso que a margina. Seleccionamos contudo esta área como exemplo de determinadas atitudes contemporâneas de tentativa de valorização do espaço da orla.

O campo de jogos que representamos no *Mapa IX* corresponde à área do club desportivo da freguesia de Areosa que se dedica à prática de futebol. O campo é utilizado regularmente para treinos semanais, ou jogos nos fins-de-semana, períodos em que atrai mais pessoas.

Estando situado na orla costeira o campo implanta-se em parte sobre os maciços rochosos da orla e sobre as superfícies da veiga proporcionando um rutura no percurso marginal que percorre toda a orla, tal como identificado no capítulo anterior. Localiza-se nas imediações de um dos percursos transversais à veiga que ligam com a EN13 proporcionando assim o fácil acesso automóvel.

A receção ao fluxo que chega da nacional é no entanto feita posteriormente através de um crucifixo, *cruzeiro*, e um muro que separa o caminho e a orla. A demarcação religiosa, assim como a construção do próprio muro que permite a fácil articulação de cotas, deve-se às procissões religiosas *ao mar* realizadas anualmente em honra da santa padroeira. Futebol e Religião motivam então uma estratégia de intervenção no espaço público e que assumidamente pretende quebrar os ciclos de abandono e desintegração da orla costeira.

Da mesma forma apontamos para a implantação da ETAR (*Mapa XI*) como estratégia que manifesta a procura por um espaço distante das dinâmicas quotidianas da amostra acabando por intensificar a desintegração da orla. No caso específico da ETAR é perceptível o impacto dos longos tubos que entram pelo mar e pela veiga. Não existe porém forma gráfica passível de representar o impacto aromático dos seus tanques cheios com águas residuais.

Tanto da *Adubação Foliar* com da *Adubação Fracionada* podemos perceber que mesmo durante o seu avançado desenvolvimento a *Cultura da Desintegração* continua perpetuamente nutrida. Ambas as técnicas são forma de representação de apropriações destrutivas que acabam por emergir em lugares recônditos e sem utilidade específica nos dias atuais.

Para então demonstrar como as dinâmicas da orla já marcaram afincadamente tanto populações como território, descrevemos, seguidamente, os processos de *Adubação de Fundo*, ou seja, de ações relativas à *Desintegração* previamente à sua sementeira. Da *Adubação de Fundo* resulta a restrição e proibição aos recursos da orla essenciais para as pescas e para a agricultura. Realçamos então a restrição à apanha do sargaço (início do século XX) e a destruição das camboas (década de 40 do mesmo século) como ações essenciais para o despoletar e desenvolver da *Cultura da Desintegração*.

3.2.3. ADUBAÇÃO DE FUNDO

Tendo já efetuado a discriminação das técnicas que envolvem a adubação de superfície, e que têm a ver com práticas e apropriações atuais e marcantes dos espaços da orla, procedemos à descrição do processo de adubação antecedente: a *Adubação de Fundo*. A *Adubação de Fundo* implica recuo à plenitude produtiva dos espaços da orla para que se torne visível, não só as diferentes estratégias que se conciliavam com as práticas agrícolas, mas também o impacto que a proibição e restrição dessas atividades tiveram no restante desenvolvimento das estruturas produtivas da amostra.

Como referimos na *Adubação Foliar*, as visitas à orla foram marcadas pela presença de resíduos depositados nas margens marítimas, resíduos visivelmente oriundos das atividades pesqueiras que se realizam nas proximidades da costa. Desta forma procuramos perceber que lógicas conduzem as atividades piscatórias e a sua influência nos espaços da orla. Em paralelo, os percursos que realizamos pela marginal foram pontualmente marcado por pequenas construções em madeira, barracas ou abrigos que se implantam na proximidade à orla mas no solo da veiga.

Na sequência da investigação que derivou do destaque destes elementos percebemos que até à primeira metade do século XX, e durante a grande expressão das comunidades rurais na amostra, as atividades piscatórias, bem como os espaços da orla eram pautados por estratégias específicas de exploração dos recursos do mar: nas atividades diretamente relacionadas com as pescas identificamos a construção de camboas nos afloramentos rochosos da orla, na relação com as práticas e sistemas agrícolas específicos da amostra apontamos para a apanha e roço de vegetação marítimas, algas ou sargaço, para a produção de estrume a ser aplicado nas culturas.

O *Mapa X* (pág. 88) pretende sintetizar as nossas interpretações relativas aos espaços da orla nos dias de hoje. Nesta caso em específico procuramos salientar, para além dos conflitos identificados na *Adubação Foliar* e na *Adubação Fracionada*, a vivência da orla restringida às limitações dos acessos para automóveis, procurando desta forma a relação com a EN13 e desconstruindo a leitura e possibilidade de percurso longitudinal da marginal da costa.

Em contraposição o *Mapa XI* (pág.89) pretende resumir as nossas interpretações relativas às dinâmicas implícitas à orla até à primeira metade do século XX. Procuramos novamente um representação em função da marginal que percorre a orla procurando no entanto a desconstrução dos seus limites. Como podemos observar, os maciços

rochosos são ocupados por estruturas muradas que representam as camboas e os terrenos da veiga são pontuados pelos referidos abrigos que permitiam o armazenamento dos utensílios indispensáveis à pesca nas camboas e à apanha do sargaço. Conseguimos ainda mapear alguns dos moinhos de vento que marcam os espaços da orla, alguns ainda nos dias de hoje.

Temos então como primeiro exemplo de uma atividade costeira a pesca em camboas. As camboas consistiam em estruturas muralhadas que uniam maciços rochosos, criando, desta forma, áreas limitadas ou parcelas. Os muros eram baixos e, pelo menos um por camboa, deveria ser dotado de um espaçamento onde era colocada uma rede, a *tranqueira*²⁹. Assim que a maré subisse as camboas eram alagadas e, com a maré cheia, um pescador deveria ir colocar a tranqueira; finalmente, com a preia-mar as camboas esvaziavam e mantinham alguns charcos com peixes facilmente recolhíveis.

Como podemos observar no *Mapa XI* (pág. 89), as camboas constituíam uma extensão aos espaços da veiga acima de tudo pelo desenho e regime que as orientavam. Assim como as parcelas da veiga, também as camboas eram de propriedade privada, estando invariavelmente associadas aos patrimónios fundiários das altas classes sociais como confirma a própria toponímia: *camboa da condessa*, *camboa do padre*, *camboa da faroleira*³⁰.

Além das camboas pescava-se também em pequenos barcos, com dois ou três homens e com auxílio de uma rede. Uma prática realizada, como vimos, ainda hoje nas imediações costeiras e de impactos visíveis nos espaços da orla.

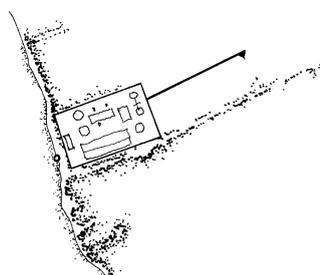
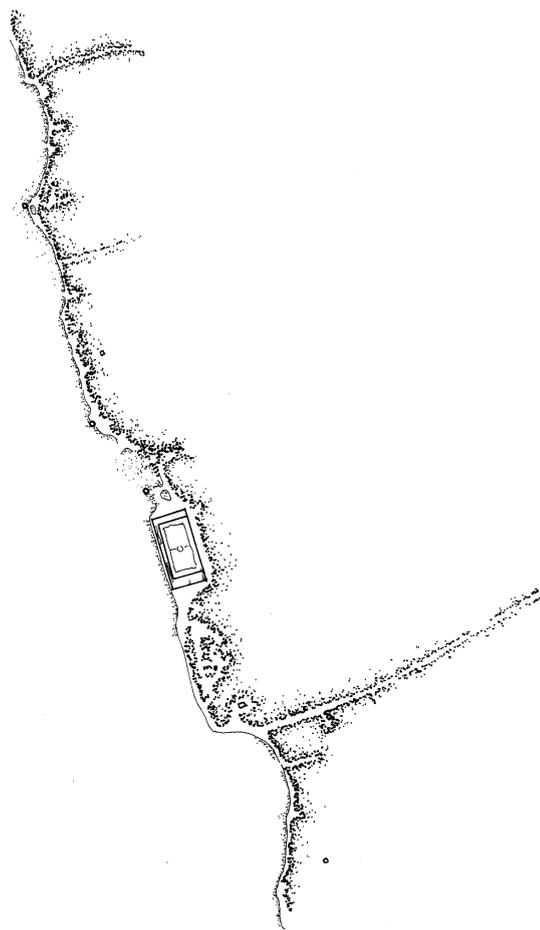
Contudo, nos anos 40 do século XX, a pesca em camboas é proibida por decreto-lei, mantendo-se a pesca em barco:

“No Norte de Portugal as ‘Cambôas’ existiram desde a Idade Média, documentadas desde as Inquirições de 1258, e chegaram como propriedade imobiliária até 1940, década em que a legislação portuguesa de protecção às espécies alvo de pesca, as considera ilegais por não permitirem capturas selectivas e ordena a sua demolição maciça, levando à sua extinção imediata e irreversível.”³¹

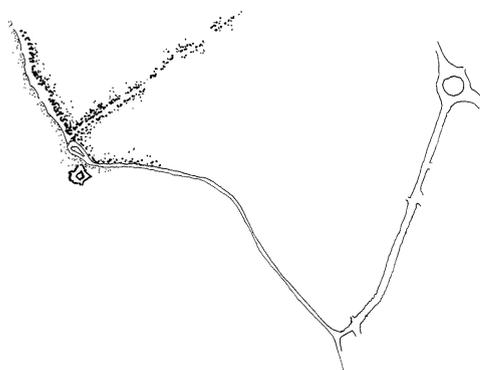
²⁹ BAPTISTA, João Paulo e MAGALHÃES, Ivone; “Pesqueiras do mar: as camboas de Carreço” in *Ardentia* n.3 p. 55; Federacion Galega pela Cultura Marítima e Fluvial, Pontevedra, Junho de 2006.

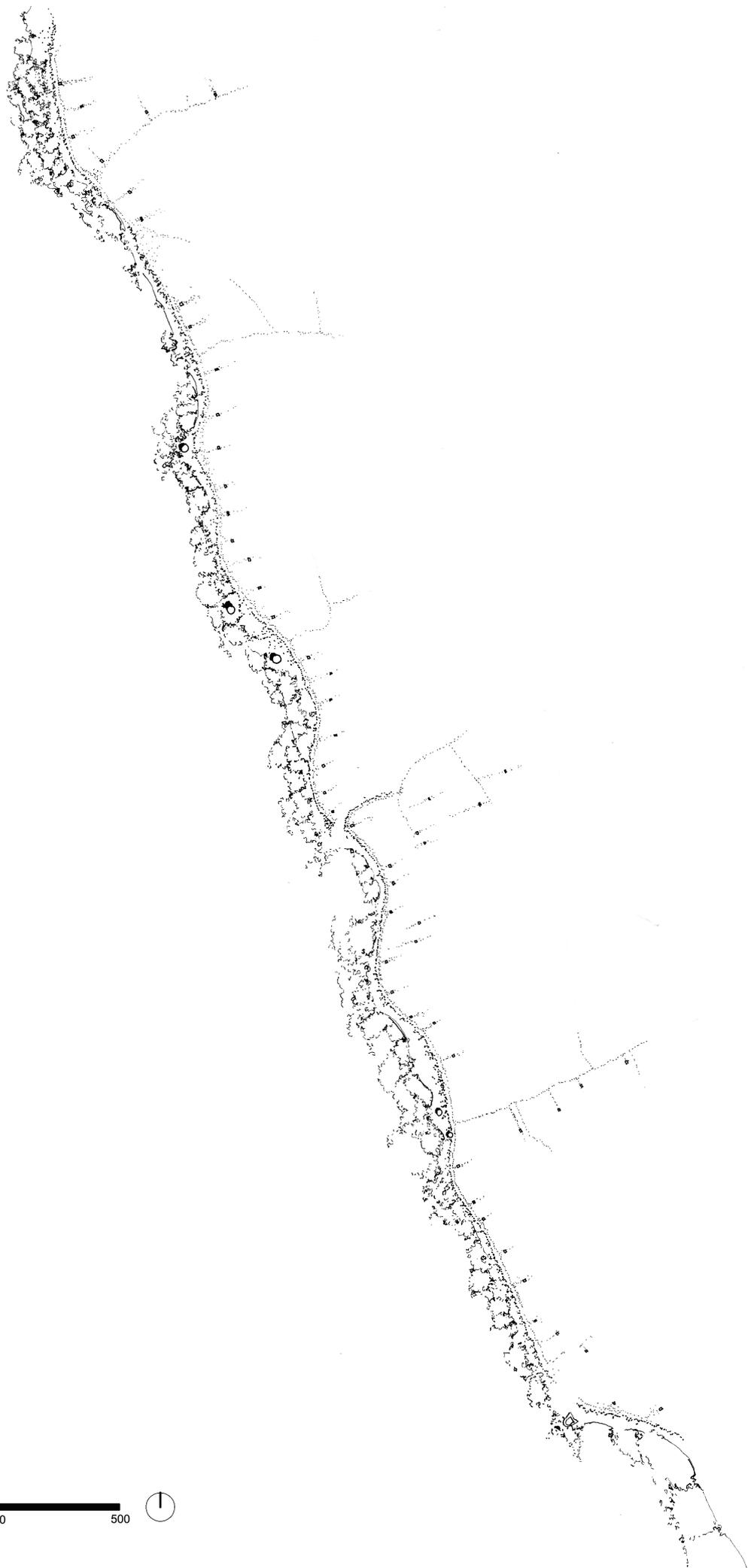
³⁰ BAPTISTA, João Paulo; Op. cit.

³¹ BAPTISTA, João Paulo; Op. cit.



50. Mapa X da Desintegração - Adubar; c.2010. Síntese das manifestações contemporâneas da Desintegração.





51. *Mapa XI da Desintegração*
- *Adubação de Fundo*; c.1949.
Apropriações e dinâmicas da orla
costeira: camboas, abrigos para
sargação e moinhos.



Com esta intervenção as atividades pesqueiras reduzem drasticamente, não existindo sequer meios para que pudessem obter os recursos providenciados pela pesca em camboas. A questão das camboas e da apropriação dos afloramentos rochosos era bastante significativa do ponto de vista da variedade de recursos na generalidade da amostra e movimentava muitos interesses visto ser um bem imobiliário raramente transacionável.

A presença contínua de plataformas rochosas pouco profundas permite ainda a formação de algas marinhas que se vão desprendendo das rochas consoante as marés. Este composto de vegetação denomina-se de sargaço e constituía uma matéria muito significativa dentro do sistema de produção agrícola da amostra. O sargaço era apanhado e secado na orla costeira³². Também podia ser roçado dos maciços rochosos com instrumentos e perícia próprios, agravando-se o perigo que já implica lidar com o mar. Depois de seco era carregado para a encosta onde era empilhado e mantido até ser época de adubação.

A apanha do sargaço, bem como a *sargação*, ação que descreve o ato de adubar os campos com estrume feito a partir de vegetação marinha, era uma prática bastante enraizada no sistema de produção agrícola do Litoral Norte de Viana. Com este tipo de apropriação a acontecer periodicamente a orla integrava o sistema de dinâmicas que organizavam toda a amostra, contrariamente ao que podemos verificar atualmente - *Adubação Foliar e Fracionada*.

Tal como as camboas, também o recurso ao sargaço iria ser restringido por intermédio de leis que exigiam licenças para apanha assim como decretavam períodos específicos do ano para a apanha ser feita. Este sistema de regularização da apanha e roço começa a ser inserido no final do século XIX e coincide com os períodos em que se começam a utilizar adubos de natureza química, revolucionando todo o sistema de produção e tudo que dependia dele.

Estas intervenções têm lugar bem cedo no século XX, interferindo frontalmente com as comunidades rurais para quem a transformação era uma eminência. Estas intervenções, que começam por minar os sistemas de adubação e estrumação, provocaram uma nova rutura, igualmente abrupta, nas técnicas agrícolas praticadas. Sendo alterado o sistema de produção de estrume, onde a vegetação selvagem dá lugar aos adubos

³² Ver imagem 09, página 24.

químicos, todo o sistema de produção agrícola da amostra começa a desintegrar-se e a perder as suas lógicas de reutilização de transformação de recursos. Por outro lado, com a destruição das camboas, as pescas são deixadas a algumas técnicas rudimentares sempre expressão produtiva e entregues à prática residual e subsidiada.

A orla costeira foi-se manifestando então como um processo autónomo mas paralelo da *Desintegração* do Litoral Norte de Viana. A *Desintegração* das pescas daria contudo um exercício de pesquisa com a sua própria autonomia que, em parte, não pertence à pesquisa que desenvolvemos. Temos consciência, contudo, da amplitude que implica pensar numa reforma das pescas estando elas também vinculadas às políticas comunitárias, no entanto, no que se resume aos espaços da amostra, a desintegração destas atividades costeiras conduziu a comportamentos destrutivos e prejudiciais para a sua qualidade ambiental, sendo, por conseguinte, urgente olhar e entender as formas específicas de desintegração da orla e do mar.

3.3. SEMEAR

Já se viu que Lamberto, alemão ele seja, tenha sido, ou agora português, não é homem para trabalhar esta grande terra com as suas próprias mãos. Quando a herdou, comprou de frades ou roubou estando a justiça cega, vieram agarrados, como o torrão às raízes, uns tantos animais de pernas e braços, que esses, sim, são de propósito criados para tal destinação, pela via da produção de filhos e sua conservação útil.³³

Com *Semear* pretendemos abordar os processos que intervêm na disseminação e constituição da *Semente da Desintegração*. Neste sentido decomparamos a ação em três níveis que têm a ver com os espaços onde se semeia, a *Sementeira*, o veículo da sementeira, o *Semeador* e a *Semente*, enquanto embrião de novo organismo e cultura.

Servimo-nos da carga simbólica que a ação de *Semear* contém dentro do ciclo produtivo, marcando sempre um determinado reiniciar desse próprio ciclo, para aludirmos e representarmos as questões da desintegração da veiga, da sua estrutura fundiária e das infraestruturas que permitiam a atividade agrícola. Na pesquisa então elaborada percebemos que o regime de propriedade é um elemento central na obtenção de rendimentos sem que seja efetuada qualquer tipo de atividade. Desta forma, o elemento propriedade, diretamente ligado ao minifúndio e à agricultura de subsistência, foi a condição para obtenção de rendimentos durante o Estado Novo e nos dias de hoje, sofrendo uma renovação ou reiniciação de ciclo com os programas introduzidos, nomeadamente, pelas Políticas Agrícolas Comuns (PAC).³⁴

Iniciamos com a descrição do espaço da sementeira, a *Sementeira*. Nesta parte pretendemos aludir com maior especificidade ao estado de facto das áreas da veiga, procurando demonstrar a disseminação generalizada da *Cultura da Desintegração*. Apontamos sobretudo para o consumo das infraestruturas agrícolas, como os percursos ou os canais de regadio, e da própria estrutura parcelar de raiz minifundiária. Desta forma induzimos um percurso que tenta perceber a subsistência deste tipo de ocupação agrícola.

Neste percurso descobrimos que a cultura minifundiária fomentou intervenções e programas políticos específicos que pretendiam a sua irradicação. Assim, identificamos o plano de Emparcelamento da veiga decorrido a partir da década de 60 como o *Semeador da Desintegração*, ou seja, o veículo ou arquiteto da implantação da nova cultura.

A análise do processo de Emparcelamento permite-nos perceber como a intervenção na propriedade era fundamental à modernização das práticas agrícolas. O programa implicava a transferência de propriedade e por isso encontrou diversos atritos à sua resolução.

³³ SARAMAGO, José; *Levantado do Chão*, Caminho, Lisboa, 1980; p.71.

³⁴ Para consulta do quadro geral das PAC aceder a: http://europa.eu/legislation_summaries/agriculture/general_framework/index_pt.htm

Atualmente reconhecemos a tibieza da intervenção deste programa na tentativa de fomentar novas unidades de exploração agrárias, resultando, em contraste, no intensificar do distanciamento à terra e à própria agricultura.

Finalizamos então com a descrição do organismo *embrião* da *Cultura da Desintegração*, a *Semente*. Enquanto *Semente*, e na continuidade do discurso que a *Desintegração* dos espaços da veiga nos fez surgir, aludimos ao regime de propriedade que enformou tanto a estruturas agrícolas como as comunidades rurais da amostra.

Neste sentido referimos a transformação ocorrida nas práticas agrícolas com a extinção do Estado Novo e o ingresso na atual União Europeia, para referir que a obtenção e geração de rendimentos, ligados à agricultura permanece num sistema rudimentar de lucros obtidos apenas pela posse de propriedade.

Apontamos assim algumas das apropriações atuais do espaço da veiga como atividade sem expressão produtiva mas de condição subsidiada em função da descrição do sistema de arrendamentos e parcerias praticados com maior expressão até aos anos 50. Numa condição de acordos entre meios de produção e mão-de-obra os proprietários da grande parte dos terrenos obtinham lucros apenas pelo arrendamento das terras de cultivo.

Em todo o processo que conduziria o contexto rural da amostra até aos dias de hoje a *Semente da Desintegração* acompanharia os diferentes processos de modernização, transformando-se ela própria em semente certificada ou selecionada, ou seja, produzida de acordo com programas ou estratégias que condicionam a atividade e solo agrícola.

Concluimos com a referência às PAC e à Reserva Agrícola Nacional (RAN) como as mais recentes formas de *Semente da Desintegração*, ou seja, um embrião selecionado e planificado, e com garantias de produção efetiva.

3.3.1. SEMENTEIRA

Nas ações que determinam o processo de *Semear a Desintegração* caracterizamos o espaço da veiga da amostra a *Sementeira*, isto é, como terreno onde a *Cultura da Desintegração* é disseminada.

A veiga, como tivemos oportunidade de demonstrar, foi o elemento que na amostra fez despoletar as primeiras inquirições da pesquisa. As parcelas consumidas pela vegetação selvagem descrevem um determinado cenário de abandono, no nosso ponto de vista, paradoxais e contrários aos objetivos das especificidades legislativas que se impõem exclusivamente à veiga, como a RAN e as PAC.

A veiga foi o espaço que na amostra conservou, através do tempo a exclusividade da atividade agrícola. A experiência atual deste espaço é capaz de nos fornecer diversas pistas sobre a história da produção agrícola da amostra e conseqüentemente das próprias comunidades que a desenvolveram.

Para sintetizar a nossa perspectiva sobre o estado atual da Sementeira elaboramos o *Mapa XII* (pág. 99) onde mantemos a aproximação ao topo sul da amostra. Para o Mapa XII representamos apenas as áreas respetivas à veiga e conseqüentemente às áreas designadas pela RAN e influenciadas pelas PAC.

As manchas negras representam os espaços onde a vegetação selvagem se impõem com maior preponderância. Em contraposição, os vazios representam as áreas cultivadas ou 'limpas' que, no nosso ponto de vista, se manifestam pela ausência dada a sua inexpressividade produtiva.

A vegetação selvagem, ou mato, implica a conquista e desbaste infraestruturas menos visíveis mas de importância significativa para a atividade agrícola. A medida que o mato vai crescendo cancela do território elementos como os percursos de distribuição entre parcelas bem como os canais que possibilitam a drenagem e a recolha de águas dos ribeiros. Desta forma, as potencialidades férteis do solo da veiga são demonstradas em função da desintegração das estruturas construídas e abandonadas pelo homem.

Contrastando com as longas e negras manchas de vegetação selvagem são ainda visíveis determinados *recortes* ou áreas mínimas no interior dos matos que representam pequenas parcelas ocupadas com plantações hortícolas e que caracterizam

a generalidade da atividade agrícola decorrente, minifundiária e de subsistência ou consumo próprio.

Desde as primeiras visitas aos lugares da amostra, e em particular à veiga, que a se demonstrou também visível pela qualidade residual com que a agricultura continuava a ser exercida. Neste sentido, estas parcelas que hoje encontramos ocupadas com hortas e de dimensão bastante reduzida percebemos como as estruturas minifundiárias e o próprio carácter de subsistência caracterizaram as práticas agrícolas na amostra ao longo do tempo.

A *Desintegração* da estrutura parcelar, consumida pela vegetação selvagem, induziu-nos na pesquisa pela raiz do regime de propriedade que em parte conduziu à fragmentação da veiga em pequenas parcelas. Esta pesquisa ajudou-nos a perceber não só o sistema de arrendamentos e parcerias que conduzia as explorações agrícolas, mas sobretudo que a questão da propriedade, na sua excessiva fragmentação como no caso da amostra, ou na excessiva concentração como no caso dos latifúndios do centro e sul de Portugal, foi central nos discursos e programas políticos conduzidas durante e Estado Novo e mediante necessidades de modernização das práticas agrícolas.

Relativamente à amostra identificamos em específico o processo de Emparcelamento dos terrenos da veiga decorrido desde os anos 60 até cerca de 2010. No nosso ponto de vista, o Emparcelamento da veiga, ou seja, a reestruturação parcelar da veiga, foi a estratégia de maior significância nas reformas agrícolas decorridas durante o século XX afetando e incitando de forma decisiva o desenvolvimento da *Cultura da Desintegração*.

Neste sentido, atribuímos o papel de Semeador, enquanto veículo para a disseminação das *Sementes de Desintegração*, o discurso e reformas políticas implícitas à intervenção política nas explorações agrícolas e conseqüentemente nos espaços da amostra, com o exemplo específico do Emparcelamento da veiga.

3.3.2. SEMEADOR

O Semeador representa o indivíduo ou mecanismo que exerce a ação de *Semear*. Na atividade agrícola, o *Semeador* exerce o papel de organizador, ou arquiteto, da *Sementeira*.

Enquanto veículo, o *Semeador* deve responder às circunstâncias impostas pela cultura e pela sementeira que semeia. Para cada cultura e para cada sementeira os gestos são próprios e específicos. A sementeira passa a ser, desta forma, um espaço projetado e construído mediante uma estratégia específica dada pelo *Semeador*.

Estas características, que enunciam sempre um grau significativo de intervenção humana conduz-nos a intercepar a posição do *Semeador* na *Cultura da Desintegração* como o plano de Emparcelamento e reestruturação parcelar da veiga decorrido a partir dos anos 60. Este processo é, no nosso ponto de vista, a campanha que maior transformação provocou nos espaços da veiga tendo sido conduzida por um determinado discurso estratégico e programático de origem política formado ainda durante o Estado Novo.

Enquanto *Sementeira* e espaço e semear, apresentamos as áreas da veiga no seu estado de facto. Com a *Sementeira* pretendemos realçar o ponto de vista material do desaparecimento das infraestruturas agrícolas consumidas pelo mato. As representações que apresentamos relativas à *Sementeira* pretendem realçar os diferentes estádios da *Cultura da Desintegração* desde a ocupação selvagem até à apropriação agrícola residual.

Com o desenvolvimento da pesquisa percebemos que as questões relativas ao minifúndio concentravam matérias essenciais para compreensão das implantações derivadas da atividade agrícola na amostra tendo incitado as principais intervenções reformistas.

Sabemos que a cultura minifundiária está relacionada com os regimes de agricultura de subsistência e de práticas rudimentares. É na tentativa de modernização das explorações agrícolas bem como das suas práticas que surge, na década de 60, o plano de Emparcelamento da veiga que visava a junção de terrenos de proprietários que os tivessem espalhados pela veiga.



52. *Mapa XII da Desintegração - Sementeira; c.2010.*
Estrutura parcelar minifundiária com preponderância de ocupação selvagem.



Desta forma, os grandes proprietários concentravam os seus terrenos numa só área enquanto que os terrenos de proprietários menores eram agrupados em áreas conjuntas. O objetivo era o de diminuir e facilitar o número de deslocações necessárias às diferentes etapas dos ciclos produtivos e correspondentes a uma mesma propriedade. Pretendia-se, desta maneira, desenvolver uma séria de unidades de exploração de dimensão médias, adequadas para a introdução de sistemas mecanizados rotatividade de culturas. A intervenção e transferência de propriedade manifestava-se então como inevitável para a concretização do emparcelamento e conseqüentemente da modernização e reforma agrícola.

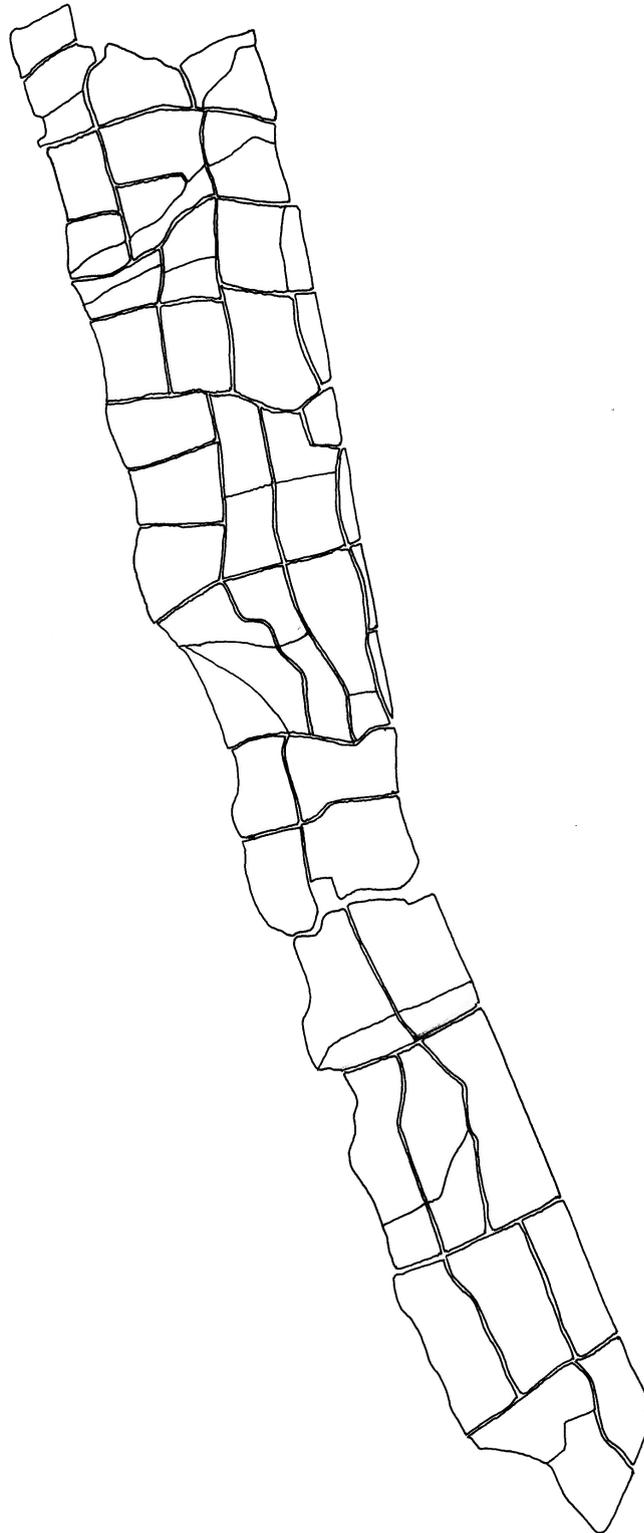
Sobre o plano do Emparcelamento não existe publicada qualquer tipo de informação, tendo-nos sido apenas fornecido, da parte da Junta de Freguesia de Areosa, a planta correspondente ao plano pensado pelo Emparcelamento cuja interpretação elaboramos enquanto *Mapa XIII* (pág. 101).

O *Mapa XIII* procura descrever os espaços da veiga, a Sementeira, em função das áreas programadas e novas parcelas decorrentes do Emparcelamento. Em contraposição o *Mapa XIV* (pág. 103) apresenta as mesmas áreas da Sementeira durante a primeira metade do século XX e a sua plenitude produtiva.

O contexto que apresentamos procura demonstrar a excessiva fragmentação da veiga nas pequenas parcelas que compunham a estrutura minifundiária da amostra. É a partir deste contexto que surge a intervenção do Emparcelamento e que, pela contraposição com o *Mapa XIII* conseguimos perceber a grande redução no número de parcelas que se pretendia efetuar.

As claras intenções de irradicação do minifúndio e da própria agricultura de subsistência parecem enquadrar as lógicas de modernização da agricultura que fizeram sentir durante o período do Estado Novo. A concentração da propriedade dispersa e reestruturação da veiga, incluindo a abertura de novos percursos e canais de regadio, bem como a destruição desses mesmos elementos pré-existentes, procuraram a formação de novas unidades agrícolas, reformadas do seu sistema de parcerias e arrendamentos bem como das suas técnicas rudimentares.

No caso específico da amostra, e como começamos por descrever em *Enxertar*, o trabalho da terra resultava quase sempre de uma ligação familiar e geracional



52. *Mapa XIII da Desintegração - Semeador; c.1960. Plano de Emparcelamento da Veiga de Areosa.*



com um determinado espaço cultivável. Pertencendo à generalidade das famílias lavradoras ou a pontuais patrimónios fundiários, a terra e a sua posse geracional, implicavam uma relação de grande proximidade a ‘pedaços’ de terra específicos. A cada um destes ‘pedaços’ podiam estar dedicadas várias vidas de trabalho dentro um mesmo agregado familiar.

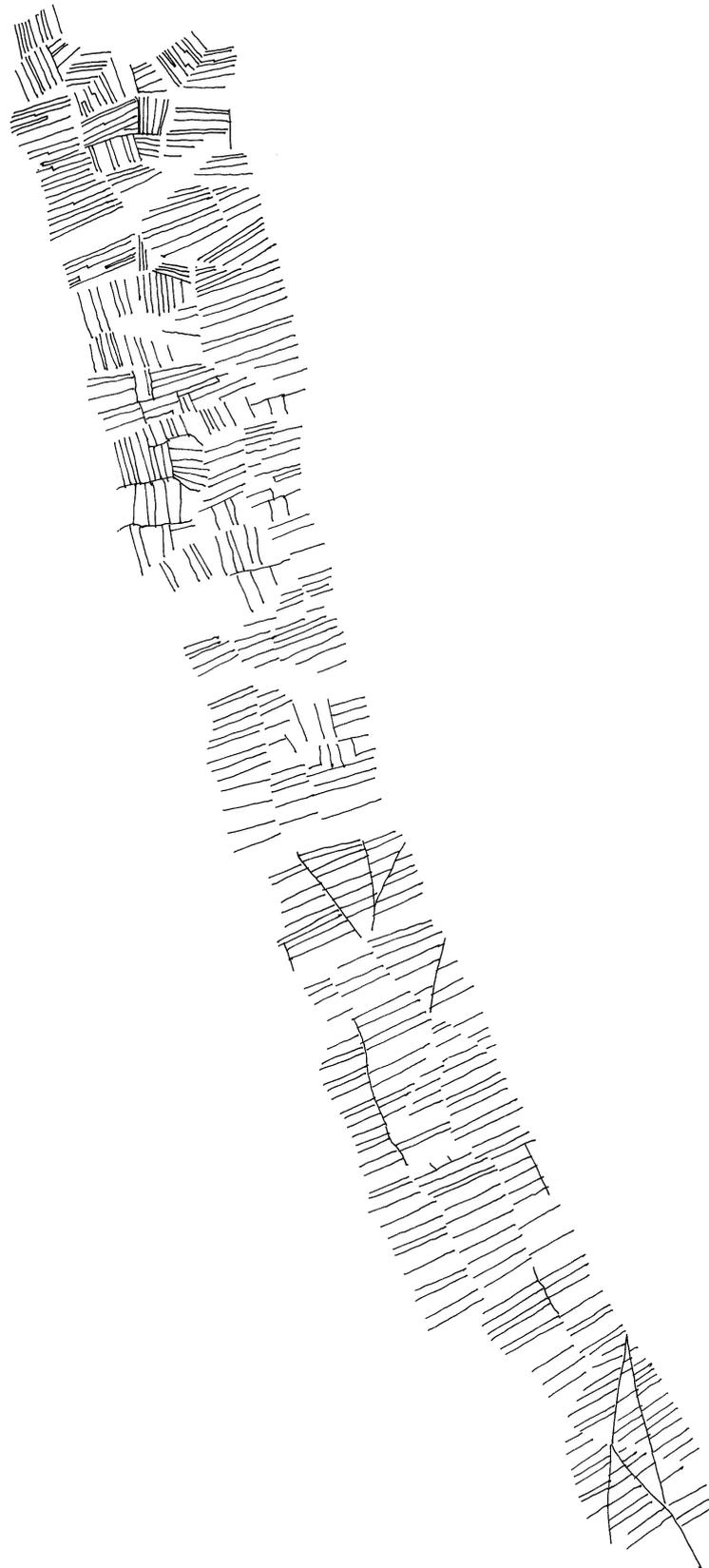
Como podemos concluir pelos relatos locais que escutamos e pelo estado de facto da própria veiga (*Mapa XII*, pág. 99), a permanência da estrutura minifundiária e a mesma fragmentação de propriedade, o plano de Emparcelamento não decorreria de acordo com o planeado. A *ligação à terra*, ou seja, o sentimento e o laços criados com terrenos específicos bem como a própria atividade agrícola nos trâmites praticados até meados do século XX, constituiriam um elemento atrito significativo á modernização proposta pelo Emparcelamento. Em muitas situações, entre as diversas dificuldades derivadas da expropriação ou transferência da propriedade, o processo de Emparcelamento decorreria durante varias décadas e envolveria quantias avulsas de dinheiro.

“A política agrária do Estado Novo definiu-se, até aos anos 50, por uma singular combinação de voluntarismo reformista (...) e recetividade às pressões de certos *lobbies* agrários. (...) o elemento de permeabilidade ao *lobbying* agrário (...) o «conservantismo agrário» (...) define-se, na origem, pela pressão de certos agrários - os grandes do Alentejo, do Ribatejo, e do Norte (...) - junto do poder político a fim de receberem proteção dos seus interesses.”³⁵

Com o decorrer do tempo intensificou-se a pressão sobre os terrenos da veiga dados os recorrentes processos de transferências em heranças e partilhas entre membros das mesmas famílias dificultando ainda mais a organização da propriedade. Contrariamente aos objetivos principais do Emparcelamento, o plano acabou por intensificar o distanciamento e abandono das terras de cultivo. No nosso ponto de vista, em primeiro lugar, por ter sido iniciado numa fase já bastante desenvolvida da *Desintegração*, e em segundo, por ser reflexo da tibieza do desígnio político face aos interesses privados.

Neste sentido podemos considerar que o Semeador se caracterizou por um determinado comportamento de *conservantismo ruralista* impeditivo da modernização agrícola.

³⁵ AMARAL, Luciano; “Portugal e o Passado: política agrária, grupos de pressão e evolução da agricultura portuguesa durante o Estado Novo (1950-1973)” in *Análise Social*, vol. XXIX, pp.889-906, 1994, p.891.



53. *Mapa XIV da Desintegração - Semeador; c.1940.*
Estrutura parcelar da veiga em meados do século e em plenitude produtiva: cultura minifundiária.



A fragilidade da sua intervenção não conseguiu motivar, como pretendia, o retorno à produtividade agrícola e contrastou com a intensa procura de rendimento alternativos que se fez sentir a partir dos anos 40 com a procura de empregos na indústria (como o caso dos Estaleiros Navais de Viana do Castelo) ou o recurso à emigração.

“A tibieza da intencionalidade política agrária contrastou, no entanto, com as consequências da progressiva tendência para a abertura do país aos mercados externos e sobretudo da saída da população agrícola ou rural, permitida pelos empregos criados com o processo de industrialização e, principalmente, pela emigração que se desencadeou, de forma maciça, nos anos 60. De 1960 para 1970 a população agrícola desce 30%.”³⁶

Neste ambiente de transformação veloz e rutura com a continuidade social e económica passada, passamos para a descrição da *Semente da Desintegração*, ou seja, do *embrião*, que gera a *Cultura da Desintegração* após o *Semear*. Continuamos sob o enquadramento da estrutura parcelar e minifundiária para procurar uma nova aproximação à evolução da condição de propriedade e de recebimentos de rendimentos a partir da agricultura e que estão hoje implícitos nas Políticas Agrícolas Comunitárias.

³⁶ BAPTISTA, Fernando Oliveira; “A agricultura e a questão da terra: do Estado Novo à Comunidade Europeia” in *Análise Social*, vol. XXIX, pp.907-921, 1994.



54. *Mapa XIV da Desintegração - Sementeira; c.1940.* Estadio da Desintegração da veiga: pinhal, minifúndio e vegetação selvagem.



3.3.3. SEMENTE

Na descrição do ato de *Semear* já analisamos o espaço e o instrumento que constituem a ação. A *Sementeira* apresenta a desintegração acentuada da estrutura parcelar que caracterizou a atividade agrícola ao longo do tempo enquanto o *Semeador* introduz uma estratégia específica de intervenção política.

No presente capítulo procuramos demonstrar como a questão da propriedade e o sistema de rendimentos respetivos, se manifestaram como o elemento *embrião* da *Cultura da Desintegração*. A *Semente* contém já toda a essência do organismo em que se transformará, desta forma olhamos para as estruturas sociais e económicas que moldaram tanto a atividade agrícola como as comunidades da amostra e como contribuem ainda hoje, por intermédio de fundos monetários ou subsídios, para a sustentação de uma agricultura inexpressiva produtivamente e com rendimentos frutos apenas da posse de propriedade agrícola.

Como referimos relativamente ao *Cavalo* para o processo de *Enxertar*, as unidades de exploração agrícolas que se desenvolveram na amostra até ao século XX corresponderam-se de um determinado regime de propriedade que articulava meios de produção e mão-de-obra num sistema de parcerias e arrendamentos: de um lado existia um proprietário que arrendava a terra e disponibilizava os restantes meios de produção, do outro lado existiam as famílias de lavradores, onde nenhum membro, sem exclusão de géneros ou idades, participava enquanto mão-de-obra.

“Assegurados os meios de produção e garantida a disponibilidade de força de trabalho, estabeleciam-se então contratos relativos à exploração. Eram contratos verbais e de duração anual, com início e fim no dia de S. Miguel³⁷ (29 de Setembro), que se considerava automaticamente renovados por igual período de tempo, desde que não fossem denunciados por qualquer das partes até dois meses antes do seu termo. Para despedir um caseiro, bastava avisá-lo dentro do prazo consagrado pelo costume na presença de duas testemunhas ou, como por vezes acontecia, em público na missa ao Domingo por intermédio do pároco da freguesia. De resto, sempre que a renda não fosse paga até ao termo do contrato, este podia considerar-se terminado.”³⁸

³⁷ O S. Miguel, assim como as festas que se fazem em sua honra, representam o período no qual aconteciam as ceifas de maior parte das culturas. Coincidia com períodos de maior abundância de mantimentos a ser armazenados convenientemente e racionados para durar todo o inverno.

³⁸ CALDAS, Joaquim Castro, “Alto Minho: Caseiros sem Terra à Terra sem Caseiros”; in BRITO, Joaquim Pais de, e outros (coord.), *O Voo do Arado*, Museu Nacional de Etnologia, Lisboa, 1996.

Aos caseiros competia o trabalho da terra, e com as colheitas realizadas na generalidade no mesmo período de S. Miguel, a devia renda deveria ser paga ao senhorio em número e em género, com parte da produção cultivadas em terras arrendadas.

Este contexto gerava uma mútua dependência entre senhorio e lavrador e uma pressão significativa sobre a terra e a agricultura, dado serem as únicas fontes de rendimentos para ambos os conjuntos sociais.

Com a secessão da atividade agrícola e a desintegração das estruturas e comunidades rurais que se verificou a partir dos anos 50, a grande parte destas propriedades fica abandonada e improdutiva.

Em *Enxertar*, e no caso específico da encosta, muitos destes terrenos incorporaram as transformações derivadas da expansão urbana da cidade de Viana, contudo, a conservação da exclusividade agrícola do solo da veiga mantiveram-se protegidas por estratégias políticas de incentivo à atividade agrícola e proteção dos recursos do solo. Estes programas são definidos pela RAN, respetiva à governação nacional, e as PAC, de orientação europeia.

A RAN e as PAC são mecanismos que se aplicam exclusivamente à área da veiga e que, numa perspetiva de incentivo à atividade agrícola, fazem desbloquear uma série de apoios monetários e estratégias que condicionam a tanto a produção agrícola como a transformação do próprio solo. Da mesma forma e dentro das designações que se atribuem à produção agrícola contemporânea também se cruzam os objetivos para os desenvolvimentos das áreas rurais, ou *ex-rurais*, como o caso da amostra, onde a agricultura já desempenhou um papel preponderante na economia e nas comunidades.

O *Mapa XV* (pág. 105) procura demonstrar uma nova aproximação a parte dos espaços da veiga. Este enquadramento permitiu-nos construir uma relação entre os diferentes estádios da *Cultura da Desintegração* com uma maior precisão e detalhe às variações que a desintegração compreende nas atividades correntes da veiga.

Manifestando-se a invariável a predominância de mato, conseguimos perceber como algumas estruturas marcam ainda a formação desta vegetação selvagem. Algumas áreas vazias apresentam da mesma forma terrenos limpos ou cultivados, assim como as parcelas no canto inferior direito do *Mapa* que estão ocupadas por uma plantação de pinheiros.

Ao experimentar a atualidade dos espaços da veiga percebemos que existe uma distância determinante da realidade dos espaços agrícolas para as orientações defendidas em políticas como a RAN ou as PAC.

Em graus de complexidade e abstração que apenas pontualmente conseguimos cruzar com o nosso caso de estudo, e sabendo que estes eram temas de pesquisa incontornáveis, percebemos que a influência destas políticas se manifesta pelo decreto de legislativas restritivas do ponto de vista produtivo, incitando à compra de adubos ou sementes selecionadas, como exemplo, e que para tal se faz usar de um sistema de fundos e subsídios de apoio à atividade e a ser aplicados nos programas propostos por essas mesmas diretivas.

“As paisagens e os territórios rurais encontram-se num jogo de expectativas e contradições onde se cruzam desígnios de proteção dos recursos biológicos e da biodiversidade, a preservação do solo e da água, o gozo dos prazeres do campo(...), a proteção das paisagens e das culturas, a patrimonialização (...)”³⁹

Dentro destas perspetivas os subsídios são atribuídos a proprietários com terras de cultivos, ou seja, integradas na área da RAN. Não se conhece qualquer tipo de fiscalização enquanto ao emprego dos subsídios ou até mesmo no que respeita à produção efetiva para a qual esse proprietário se propôs. Neste sentido, acontece que os subsídios são entregues apenas pela posse de propriedade agrícola.

Assim, como referido relativamente à condição do *senhorado* e da obtenção de rendimentos apenas pela obtenção e arrendamento de terras de cultivo, também a condição atual demonstra a mesma relação entre proprietários e condição subsidiária.

O caso específico das parcelas ocupadas por pinheiros, que referimos relativamente ao *Mapa XV*, apresenta uma solução integrada nas visões ecológicas que caracterizam parte da orientação das PAC e que incitam a transformação das áreas agrícolas e áreas florestais, considerando-se tratar de atividades semelhantes.

Esta propriedade em específico, conforme no foi relatado por locais, pertencia a uma família de agricultores com o seu respetivo património fundiário. Com a rutura

³⁹ DOMINGUES, Álvaro; *Vida no Campo*, Dafne Editora, Porto, 2011, p. 153.

das comunidades rurais e o abandono agrícola, o património entra em falência e os proprietários partem para o Brasil. Após introdução do Emparcelamento as várias parcelas da veiga correspondentes a esse património são concentradas na área que hoje vemos e, com a introdução dos fundos agrícolas a partir de 1986, com a entrada de Portugal para a CEE, o proprietário decidiu, numa versão moderna de D. Dinis, transformar os seus terrenos em pinhal.

Os terrenos abandonados dão agora lugar a um pinhal que vai crescendo e sendo devastado pelos ventos, mas que permite a obtenção do referido subsídio.

Este tipo de comportamento deriva, no nosso ponto de vista, da impraticabilidade das políticas impostas às especificidades que a atividade agrícola na amostra implica. Da mesma forma, a subsidiação intensifica a dependência e dissipa a vontade da prática agrícola.

Neste sentido, e de acordo com uma lógica que vem sendo mantido desde as reformas que se aplicaram à veiga desde o Estado Novo e dos próprios regimes de propriedade e produção de rendimentos.

A *Semente* faz-se então corresponder da evolução implícita à atividade agrícola da amostra, ganhando nova consistência e controlo de produção. O regime de propriedade ganha novas formas mas mantém-se essencialmente o mesmo, condicionando, acima de tudo, a transformação do solo e a potenciação da atividade agrícola, como uma semente que perde a sua organicidade para dar lugar a sementes selecionadas, produzidas e estudadas em laboratório para efeitos de produtividade assegurada.

4. RESPIGAR

Não: plantai batatas, ó geração de vapor e de pó de pedra, macadamizai estradas, fazei caminhos de ferro, construí passarolas de Ícaro, para andar a qual mais depressa, estas horas contadas de uma vida toda material, maçuda e grossa como tendes feito esta que Deus nos deu tão diferente do que a que hoje vivemos. Andai, ganha-pães, andai; reduzi tudo a cifras, todas as considerações deste mundo a equações de interesse corporal, comprai, vendei, agiotai. No fim de tudo isto, o que lucrou a espécie humana? Que há mais umas poucas dúzias de homens ricos. E eu pergunto aos economistas políticos, aos moralistas, se já calcularam o número de indivíduos que é forçoso condenar a miséria, ao trabalho desproporcionado, à desmoralização, à infâmia, à ignorância crapulosa, à desgraça invencível, à penúria absoluta, para produzir um rico? ⁴⁰



55. *Fotografia Síntese*, Março de 2012, Areosa, Viana do Castelo.

Uma fotografia⁴¹ realizada por nós no início do projeto de investigação, em Março de 2012, consegue demonstrar algumas das inquietações que marcaram e conduziram os contornos da pesquisa ao longo do seu curso. Um conjunto de fardos de feno aparece, em primeiro plano, empilhado no limite de uma das parcelas da veiga do Litoral Norte de Viana. A presença dos fardos demonstra-se tratar de um espaço marcado pela atividade agrícola, por outro lado, a sua forma, bem como o plástico que a moldam induzem para a perceção de uma prática agrícola mecanizada.

Os fardos de feno são realizados em épocas prévias à lavra dos terrenos. O feno é constituído pelas ervas que crescem nos terrenos enquanto estes repousam entre o período de colheita (Setembro/Outubro) e o período de lavra e sementeira do solo (Março/Abril). Estas ervas são armazenadas e podem ter diversas finalidades servindo na maior parte das vezes para ração animal.

No caso da fotografia que apresentamos, os fardos empilhados foram conquistados por vegetação selvagem, na maioria silvas, que perpetuam a sua inutilidade e uma prática agrícola desregulada, onde a própria matéria de produção é abandonada. Este mato que com o tempo se desenvolveu sobre os fardos, caracterizam, no nosso ponto de vista, os regimes e condições subsidiárias que conformam a prática agrícola contemporânea da amostra. O acesso a dinheiro sem produção efetiva é um dos catalisadores da desintegração dos sistemas produtivos que durante séculos vocacionaram este lugar.

Em segundo plano, o monte e a encosta apresentam a sua faixa urbanizada, nascendo quase da própria desintegração dos fardos e contrapondo os regimes de abandono da veiga com comportamentos de ocupação intensiva e transformação generalizada.

No volume I começámos por enfatizar um conteúdo fotográfico que se apresenta e organiza mediante uma experiência e um *olhar específico*. Estas fotografias, gravadas em películas sensíveis à luz, materializam uma construção crítica de imagens que respeitam não só aos espaços físicos e imaginários do Litoral Norte de Viana mas também à atitude crítica da existência e do envolvimento físico e individual. Esta fotografia que agora apresentamos como síntese apresenta não só a grande maioria do conteúdos

⁴⁰ GARRETT, Almeida; *Viagens na Minha Terra*, Bertrand, Lisboa, 2010. (original de 1846)

⁴¹ Ver página ao lado e folhas de contacto de Março de 2012, do Anexo I do Volume I, pág.

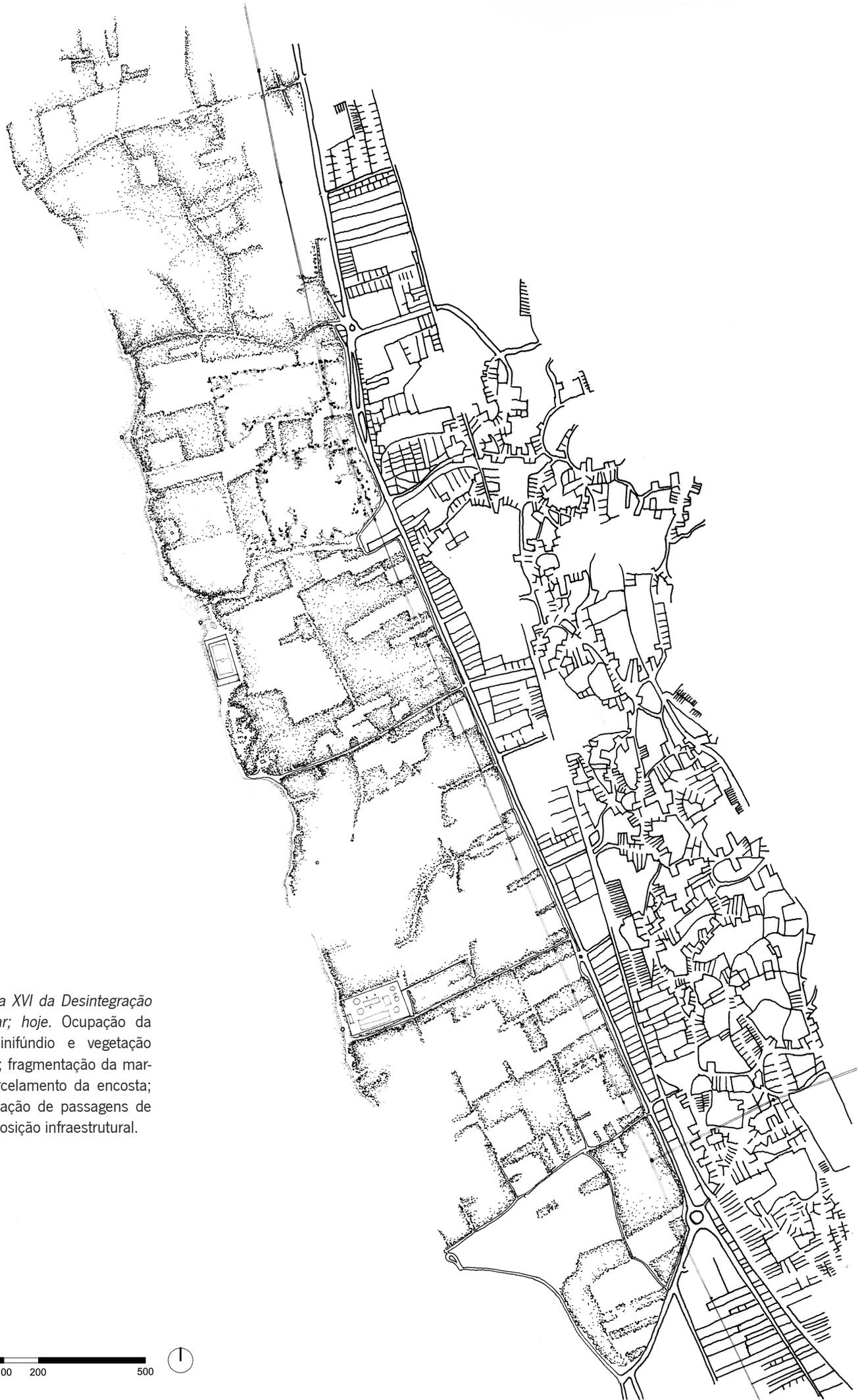
desenvolvidos pela investigação, mas concretiza ainda a inquietação inicial de um olhar tremolo sem definição aparente.

Da mesma forma o *Mapa XVI*, na página ao lado procura reunir o conjunto de considerações que elaboramos em função de cada *Processo de Desintegração*.

No processo de *Enxertar* vimos como a matriz rural, ou *Cavalo*, cedeu às formas de implantação geradas a partir da expansão da cidade de Viana e do consequente gerar de dinâmicas sociais e económicas exteriores aos domínios rurais e agrícolas. Das parcelas de cultivo, limitadas por grandes muros de granito e unidas por *quelhas* e *travessas*, vimos como os sucessivos processos de *Enxertia de Garfo* implicaram a fissuração e supressão dessa matriz pré-existente. Neste sentido, apresentámos a encosta como um espaço excessivamente fragmentado e dividido onde emerge uma mistura heterogéneo entre ocupações pré-existentes e contemporâneas. Seguidamente descrevemos o processo de *Enxertia de Placa*. Neste âmbito apontámos para as transformações decorridas nos traçados viários e eixos de comunicação, tornando visível a destruição das *quelhas* e *travessas*, pela sua pavimentação, alargamento e inclusão de sistemas infraestruturais como as redes elétricas e redes de saneamento básico.

Deste processo representamos no *Mapa XVI* conjuntos de parcelas enxertadas nas superfícies do *Cavalo* pré-existente enquanto os associamos a ponto de atravessamento da linha férrea transformados ou fechados pelas *Enxertia de Placa*.

Em segundo lugar analisámos o processo de *Adubar* que corresponde à influência da *Desintegração* da orla costeira. Neste âmbito referimos a desintegração destes espaços bem como das atividades piscatórias ou costeiras realizadas como o próprio adubo da *Cultura da Desintegração*, intervindo significativamente no seu desenvolvimento e fortalecimento. Relativamente à desintegração da orla identificamos três processos distintos: a *Adubação Foliar*, que caracteriza uma adubação de superfície, interpretada através dos lixos que encontrámos depositados em massa nos espaços da orla; a *Adubação Fracionada* onde apontámos para as várias tentativas de transformação da orla decorrentes da implantação de uma ETAR e de um Campo de Jogos, provocando profundas alterações nos espaços correspondentes, seja pela presença material ou sensorial; e finalizamos com a *Adubação de Fundo*, que encontrámos relativa à restrição e proibição das atividades costeiras ainda no início do século XX, como



56. *Mapa XVI da Desintegração - Respigar; hoje.* Ocupação da veiga: minifúndio e vegetação selvagem; fragmentação da marginal; parcelamento da encosta; transformação de passagens de nível; imposição infraestrutural.

0 100 200 500



a pesca em camboas ou o roço das algas marítimas. Neste último caso analisámos formas de apropriação específicas da orla responsáveis pela sua manutenção e ordenamento, comportamentos e atitudes antagónicas aos que encontramos atualmente.

No *Mapa XVI* procuramos tornar visível a vivência da orla em função da ETAR e do campo de jogos, possibilitada e condicionada pela mobilidade condicionada do automóvel. O automóvel é uma presença assídua nos espaços da orla e demonstra como a estrutura viária implantada na veiga funciona ainda hoje, como estrutura de referência na acessibilidade aos espaços costeiros da amostra.

Finalmente concluímos com o processo de *Semear*. Desta forma começámos por analisar a Sementeira em alusão aos espaços e solo agrícola da veiga. Da *Sementeira* torna-se visível, como apresentamos no *Mapa XVI*, o consumo e desgaste da estrutura parcelar em função do crescimento da vegetação selvagem, e em contraposição com algumas parcelas que perpetuam as estruturas agrícolas de subsistência. Neste sentido partimos para a compreensão da influência do minifúndio nas práticas agrícolas da amostra e identificámos, enquanto *Semeador*, ou seja, instrumento ou indivíduo que aplica a semente na terra, o processo de Emparcelamento da veiga decorrido nos anos 60. Este plano demonstra como a questão da propriedade sempre foi central na conformação das estruturas agrícolas e da sua modernização. É neste contexto que comparámos o sistema de rendimentos oriundos da agricultura e identificamos, enquanto *Semente da Desintegração*, o regime de propriedade e o seu direito obtenção de rendimentos apenas pela sua posse. A *Semente da Desintegração* compara a atualidade das explorações agrícolas, condicionadas e subsidiadas pela RAN e pelas PAC, com as explorações agrícolas do período rural da amostra, onde as parcerias e arrendamentos caracterizavam duas classes sociais distintas mas ambas exclusivamente dependentes da agricultura.

Neste sentido representamos as áreas da veiga no *Mapa XVI* em função das parcelas ocupadas por vegetação selvagem já bastante desenvolvida. Apresentamos uma determinante variação entre estádios da desintegração para caracterizar as narrativas autónomas implícitas a cada uma das áreas, tendo a consciência que muitas dessas narrativas se perderam já no meio do mato. Em vazio, e manifestando-se pela ausência e pela sua inexpressividade produtiva, apresentamos as parcelas cultivadas ou 'limpas' e que correspondem a uma atividade agrícola subsidiada, por fundos europeus, reformas ou remeças de emigrantes.

No ciclo da *Desintegração* que damos concluído com o seu reinício tentamos tornar visível como a *Desintegração* das estruturas agrícolas se manifesta pela segregação de cada uma das áreas componentes do Litoral Norte de Viana, mar, veiga e monte. Esta leitura transversal, entre mar veiga e monte, não nos é transmitida com a experiência atual da amostra, contudo, sentimos que mar, veiga e monte, compreendem proximidades bastante próprias e que procuramos demonstrar através da descrição de algumas estruturas agrícolas passadas - percursos, camboas, muros e terrenos socalcados, canais de regadio, e a própria estrutura parcelar - persistem ainda nos dias de hoje em *Desintegração*, não deixando no entanto de nos fornecer pistas sobre o aproveitamento de recursos e a apropriação do território.



BIBLIOGRAFIA

ABREU, Alberto A.; *História de Viana do Castelo*, C.M. Viana do Castelo, Viana do Castelo, 2009.

AMARAL, Luciano; “Portugal e o Passado: política agrária, grupos de pressão e evolução da agricultura portuguesa durante o Estado Novo (1950-1973)” in *Análise Social*, vol. XXIX, pp.889-906, 1994.

BARTHES, Rolando; *Camera Lucida*, Vintage Classics, Londres 2000. (original: 1980).

BAUDELAIRE, Charles; *As Flores do Mal; Relógio d'Água*; Lisboa, 2003; (original:1857).

BAUMAN, Zygmunt; *Confiança e Medo nas Cidades*; Relógio D'Água, Lisboa, 2005.

BAPTISTA, Fernando Oliveira; “Agricultura e a questão da terra – do Estado Novo à Comunidade Europeia” in *Análise Social*, vol. XXIX, pp.907-921, 1994.

BAPTISTA, João Paulo e MAGALHÃES, Ivone; “Pesqueiras do mar: as camboas de Carreço” in *Ardentia* n.3 p. 55; Federacion Galega pela Cultura Marítima e Fluvial, Pontevedra, Junho de 2006.

BENJAMIN, Walter; “Paris, A Capital do Século XIX” in FORTUNA, Carlos (org.) *Cidade, Cultura e Globalização*; Celta Editora, Oeiras, 1997; (texto original publicado como “Paris, Hauptstadt des XIX Jahrhunderts” em *Illuminationen*, Suhrkamp Verlag, Frankfurt am Main, 1935).

BRITO, Joaquim Pais de, e outros (coord.), *O Voo do Arado*, Museu Nacional de Etnologia, Lisboa, 1996.

CALDAS, Joaquim Castro, “Alto Minho: Caseiros sem Terra à Terra sem Caseiros” in BRITO, Joaquim Pais de, e outros (coord.), *O Voo do Arado*, Museu Nacional de Etnologia, Lisboa, 1996.

CORAJAUD, Michel; “To the students of the school of landscape-architecture”, 2000.

CORNER, James; *Recovering Landscape*, Princeton Press, 2000.

CORBOZ, André; “El Territorio como Palimpsesto” in RAMOS, Ángel M. (ed.) *Lo Urbano en 20 Autores Contemporaneos*; UPC, Barcelona, 2004; (editado originalmente em *Diogéne*, 121, Janeiro-Março 1983).

DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix; *Kafka: para uma literatura menor*; Assírio & Alvim, Lisboa, 2003.

DOMINGUES, Álvaro; *Vida no Campo*, Dafne Editora, Porto, 2011.

EVANS, Walker; *American Photographs*; MOMA, Nova Iorque, 1938.

FERREIRA, Fernando; *Incitar o tempo: processos, lugares e espaços no Vale do Cávado*; Tese de Mestrado, EAUM, 2010.

FLAM, Jack (ed.); *Robert Smithson: The Collected Writings*, University of California Press, Los Angeles, 1996.

GARRETT, Almeida; *Viagens na Minha Terra*, Bertrand, Lisboa, 2010. (original de 1846).

GARRIDO, Álvaro; “Henrique Tenreiro - «patrão das pescas» e guardião do Estado Novo” in *Análise Social*, vol. XXXVI, pp.839-862, 2001.

HILL, John and MORA, Gilles; *Walker Evans: The Hungry Eye*, Thames & Hudson, Londres, 2004.

KAFKA, Franz; *O Processo*; Leya Editora, Alfragide, 2009; (original apresentado postumamente em 1925.)

KRAUSS, Rosalind; "Photography's Discursive Spaces: Landscape/View" in *Art Journal* vol.42 n.4, The Crisis in the Discipline, 1982.

KÜMMEL, Friedrich; "Time as Sucession and the Problem of Duration" in FRASER, J.T. (ed.); *The Voices of Time*; G.Braziller, New York, 1966.

LANGE, Susane; *Bernd and Hilla Becher: Life and Work*; The MIT Press, Cambridge, 2007.

LINGWOOD, James; "O Peso do Tempo" in LINGWOOD, James (ed.); *Robert Smithson, Bernd e Hilla Becher: Field Trips*; Hopefulmonster Editore, 2002.

LISBOA, Academia de Ciências; *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea*, Verbo, Lisboa, 2001.

NIETZSCHE, Friedrich "Acerca da Verdade e da Mentira no Sentido Extramoral (Verão 1873)" in *Obras Escolhidas de Friedrich Nietzsche* vol. I pag. 213, Relógio D'Água, Lisboa, 1997.

NORBERG-SCHULZ, Christian; *Genius Loci*; Electa, Milano, 1998.

NORBERG-SCHULZ, Christian; *Meaning in Western Architecture*; Studio Vista, Nova Iorque, 1975.

PEIXOTO, António Maranhão, *O Litoral e a Cidade: matizações cartográficas*, Arquivo Municipal de Viana do Castelo, 2007.

PEREIRA, Daniel Duarte, *Projecto de Representação das Dinâmicas Costeiras do Perímetro Florestal das Dunas de Ovar*, Tese de Mestrado, EAUM, Guimarães, 2011.

PESSOA, Fernando; "Aqui na orla da praia, mudo e contente do mar" em MONTEIRO, Adolfo Casais (intro. e seleção) *Poesia de Fernando Pessoa*; Presença, Lisboa, 2006. (original de 1929)

QUEIRÓS, Eça de; *A Cidade e as Serras*, Editora Ulisseia (6ª edição, Braga, 2001 (original de 1901).

ROSAS, Fernando; “Estado Novo e desenvolvimento económico (anos 30 e 40): uma industrialização sem reforma agrária” in *Análise Social*, vol. XXIX, pp.871-887, 1994.

ROSAS, Fernando; “Rafael Duque e a política agrária do Estado Novo (1934-44)” in *Análise Social*, vol. XXVI, pp.771-790, 1991.

SARAMAGO, José; *Levantado do Chão, Caminho, Lisboa, 1980.*

SILVA, Cidália; “Beyond Buildings and Roads: An approach to the diffuse territory of Vale do Ave” in *EdA* n.8, 2010.

SILVA, Cidália; “Saber ver o difuso do Vale do Ave”; in *Arquitectura em Lugares Comuns*; Dafne Editora, Porto, 2008. Primeira parte do texto sobre “Saber ver o difuso do Vale do Ave” apresentado na 1st *International Conference of Young Urban Researchers*, ISCTE, Lisboa, 2007.

SILVA, Cidália; “Território Fissiforme” in *Jornal Arquitectos* n.º 231, Abril-Junho, 2008.

SIMMEL, Georg; “As Grandes Cidades e a Vida do Espírito” in *Geamtausgabe* vol.7 pp. 116-131, Frankfurt, 1995.

SOLÀ-MORALES, Ignasi de; “Terrain Vague” in *Anyplace*, 1995.

SMITHSON, Alison and Peter; *The Charged Void: Urbanism*; The Monacelli Press, Nova Iorque, 2005.

SMITHSON, Robert; “A Tour of the Monuments of Passaic” in FLAM, Jack (ed.); *Robert Smithson: The Collected Writings*, University of California Press, Los Angeles, 1996. (original publicado como “The Monuments of Passaic” in *Artforum*, 1967).

TÁVORA, Fernando; *Da Organização do Espaço*; FAUP, Porto, 2007.

THOMPSON, Jerry L.; *Waker Evans at Work*, Harper & Row, Nova Iorque, 1982.

VIANA, António Martins da Costa; “Areosa, o fim da ruralidade” apresentação no Grupo Etnográfico da Areosa, Areosa, 2012.

VIANA, António Martins da Costa; “Areosa, terra de moinhos” in *Aurora do Lima* 144:49, Viana do Castelo, 1999, pp.1-3.

VIANA, António Martins da Costa; “A veiga da Areosa e a carência mundial de alimentos” in *Aurora do Lima* 153:81, Viana do Castelo, 2008, pp.1-4.

WALSH, Vitoria; *Nigel Henderson: Parallel of Life and Art*, Thames & Hudson, Londres, 2001.

WINOGRAND, Garry; “A Photographer Looks at Walker Evans” in EVANS, Walker; *Let Us Know Praise Famous Man*, University of Texas, Austin, 1974.

ANEXO II

- 1.** Glossário da Desintegração
- 2.** Carta Militar 1949
- 3.** Carta Militar 1979
- 4.** Ficha Técnica das Fotografias Antigas.

1. Glossário da Desintegração

Adubação Foliar - depósito de lixos nos espaços da orla costeira;

Adubação Fracionada - implantações edificadas na orla costeira;

Adubação de Fundo - proibição e restrição das atividades costeiras; destruição das camboas e restrição à apanha do sargaço;

Adubar - processo de desintegração específico da orla costeira;

Cavalo - matriz de pré-existência rural desenvolvida, durante o período de maior expressão da agricultura, nas áreas da encosta do caso de estudo;

Cultura da Desintegração - conjunto de processos e manifestações da desintegração nos territórios de origem agrícola do Litoral Norte de Viana do Castelo;

Desintegração - organismo de produção material que se manifesta no território através do abandono e da ruína das infraestruturas ou espaços manipulados pelo Homem;

Enxertar - processo de desintegração específico da desintegração da encosta;

Enxertia de Garfo - processo de desintegração derivado da transformação das parcelas agrícolas da encosta. Implica a supressão de parte do Cavalo para implantação de novos Ramos;

Enxertia de Placa - processo de desintegração derivado da transformação das superfícies do solo da encosta, pela permeabilização dos percursos e inclusão de infraestruturas;

Índices da Desintegração - documentos derivados de trabalhos de artistas/fotógrafos onde se identifica a propensão para a representação de territórios em desintegração

Lugares da Desintegração – Amostra, Caso de Estudo, Litoral Norte de Viana do Castelo;

Processos da Desintegração - etapas dos ciclos produtivos da desintegração que manifestam um determinado grau de ação e intervenção humana, assim como uma manifestação física e material da cultura da desintegração;

Ramo - implantações atuais na encosta, derivadas de processos de urbanização e expansão da cidade de Viana;

Semeador - programa de emparcelamento da veiga do anos 60; intervenção e discurso político relativo à reforma e modernização da estrutura minifundiária;

Semear - processo específico da desintegração da estrutura parcelar da veiga;

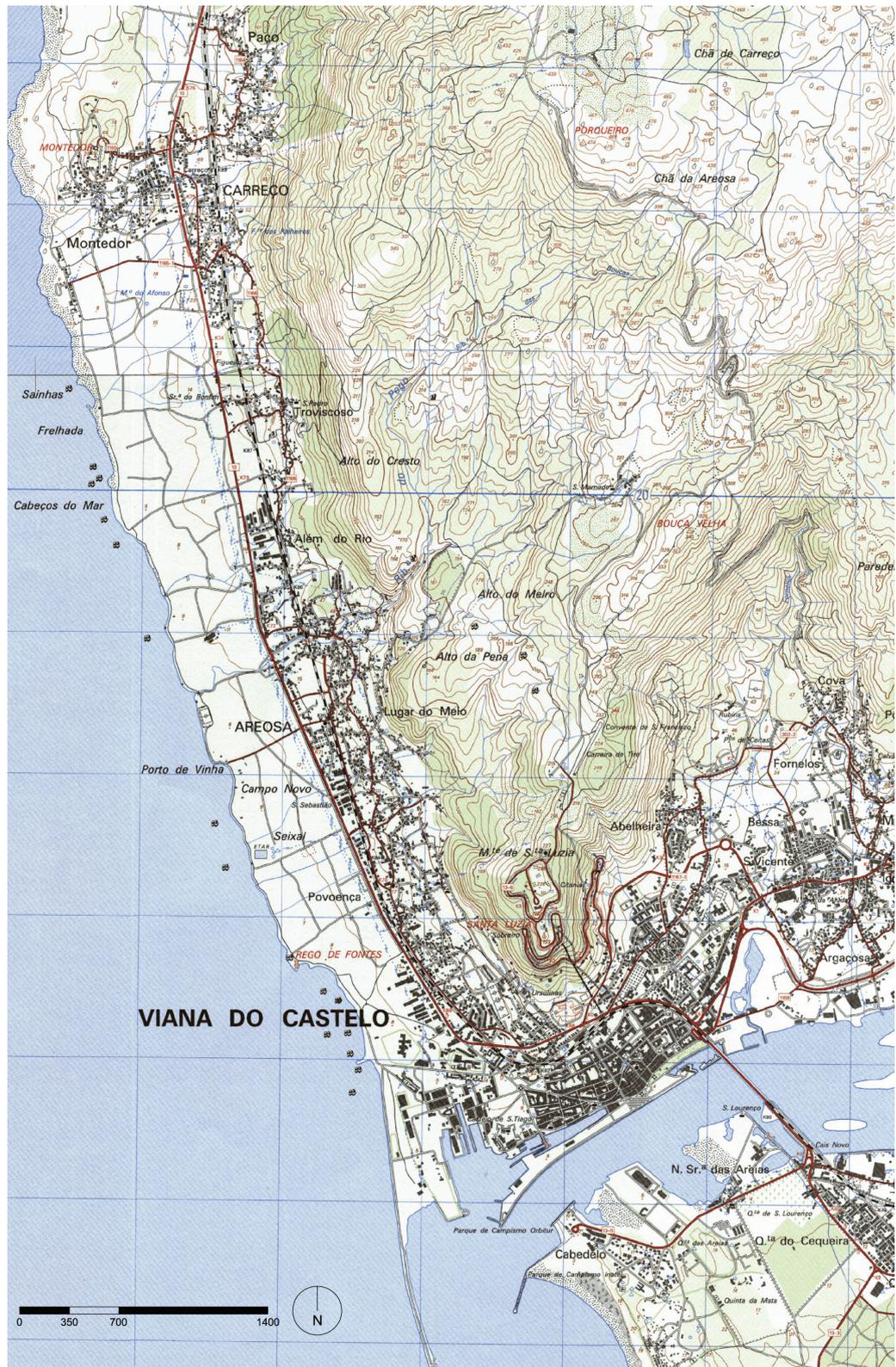
Semente - regime de propriedade; sistema de obtenção de lucros, por subsidiação ou arrendamento, apenas pela posse de propriedade;

Sementeira - caracterização específica do espaço da veiga, conforme designada pela Reserva Nacional Agrícola, na sua condição e formas de desintegração atuais.

2. Carta Militar 1949



3. Carta Militar 1979



4. Ficha técnica das fotografias antigas

(imagens 5 a 10, páginas 20 a 27)

05. Vista aérea da freguesia de Areosa; (1930); Autor: Foto Iglésias; Produtor:Iglésias Llano; Cedida por:Arquivo Municipal de Viana do Castelo.

06. Vista profunda da Citânia de Santa Luzia, (1930); Produtor:Foto Iglésias, a partir de negativo da Foto Beleza; Cedida por:Arquivo Municipal de Viana do Castelo.

07. Vista Aérea dos ENVC; (1958); Autor:Desconhecido; Cedida por: Estaleiros Navais de Viana do Castelo.

08. Carro de Mato; (c.1970); Autor:Desconhecido; Cedida por: Adélia Mimoso.

09. Recolha do sargaço; (1947); Autor:Mário Teixeira; Cedida por:João Azevedo.

10. Passeio de Locomotiva a Vapor; (Junho de 1978); Autor: Manuel da Fonte; Cedida por: Família Fonte.

FONTE: <http://lugardoreal.com/fotomemoria>